

ANEXO 1

Educación y Museos (2.ª edición)¹

1 - Programa do Curso MOOC (Massive Open Online Courses)

Este curso presenta los conceptos que definen el museo como contexto educativo e interdisciplinar. Un lugar para el debate desde una perspectiva social y de desarrollo. Un museo para todos los públicos. Se tratan las tendencias actuales del museo participativo en el que las personas aprenden de otra manera. Lugar de conocimiento, ocio y cultura que aglutina los intereses de múltiples y diversas minorías a las que el museo quiere y necesita atender y atraer para su supervivencia.

DURACIÓN 5 semanas (12 horas de estudio estimadas)

Estructurado en 4 módulos

MÓDULO 1: Patrimonio y Museos

En este bloque se define el patrimonio, los tipos que existen, cuáles son los diferentes niveles, quién decide, que es patrimonio y cómo se gestiona, lo conserva y protege.

MÓDULO 2: Museos para el público

En este bloque se describen los estudios de públicos, el perfil del visitante y su comportamiento en el museo, cómo se realizan y para qué sirven los estudios de público.

MÓDULO 3: Aprender en los museos

En este bloque se estudia el aprendizaje en el museo, Cómo se realiza un aprendizaje motivador en estas instituciones y finalmente las herramientas TIC Y LA Web como recurso educativo en el museo.

MÓDULO 4: Museos y comunidad

En este bloque se analiza la función social del museo, la relación entre esta institución y la comunidad. Se trata de conocer las distintas realidades a partir del ejercicio de la ciudadanía y la construcción de la identidad y el encuentro entre culturas.

¹ <https://miriadax.net/web/educacion-y-museos-2-edicion->



miríada X



03-03-2016

Natalia Rocha

Participou no seguinte curso da Universidad de Murcia:

Educación y Museos (2.^a edición)



Este curso presenta los conceptos que definen el museo como contexto educativo e interdisciplinar. Un lugar para el debate desde una perspectiva social y de desarrollo. Un museo para todos los públicos. Se tratan las tendencias actuales del museo participativo en el que las personas aprenden de otra manera. Lugar de conocimiento, ocio y cultura que aglutina los intereses de múltiples y diversas minorías a las que el museo quiere y necesita atender y atraer para su supervivencia.

Duração do curso: 4 semanas (12 horas de estudio estimadas)

ANEXO 2

Guião de Entrevista: Diretores dos Museus do IST

Objetivos Gerais:

- ✓ Caraterizar os Museus do IST;
- ✓ Definir o público/visitantes dos Museus do IST;
- ✓ Verificar a necessidade da criação do Serviço Educativo nos Museus do IST.

Museu:

Entrevistado(a):

Cargo:

Blocos	Objetivos	Questões	Observações/tópicos
A Legitimação da Entrevista	<p>Informar o entrevistado acerca da entrevista</p> <p>Motivar o entrevistado</p> <p>Garantir a confidencialidade</p> <p>Pedir permissão para gravar a entrevista</p>		
B Apresentação do Diretor do Museu	<p>Conhecer o percurso Académico e profissional do Diretor (a)</p>	<p>Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizando o seu percurso até chegar à Direção do Museu.</p> <hr/> <p>Qual é a sua função neste equipamento? O seu trabalho traduz-se em quê?</p> <hr/> <p>Há quanto tempo exerce essa função?</p> <p>O que o(a) levou a trabalhar como Diretor (a) do Museu</p>	<p>(Área especialização, outros cursos na área da museologia)</p> <hr/> <p>Breve descrição das várias funções relacionadas com a museologia</p> <hr/> <p>(Interesses e motivações)</p>
		<p>Como surgiu o Museu?</p>	<p>- Quando?</p> <p>- Quem?</p>

<p>C</p> <p>Funcionamento e Orgânica do Museu</p>	<p>- Conhecer como foi criado o Museu</p> <p>- Entender o funcionamento do Museu</p>	<p>Qual é o enquadramento do Museu no panorama cultural institucional e local? Porquê?</p> <hr/> <p>Qual é a missão deste equipamento e as suas funções?</p> <hr/> <p>Como se encontra organizado este equipamento em termos de estruturas e funcionamento?</p> <hr/> <p>Existe um Regulamento disponível do equipamento?</p> <hr/> <p>Quem são os funcionários e colaboradores que atualmente trabalham no museu? Qual a sua formação? O que fazem?</p>	<p>- Como?</p> <p>- Porquê?</p> <hr/> <p>- No IST</p> <p>- Na UL</p> <p>- Museus congéneres</p> <hr/> <p>- De que forma é cumprida?</p> <hr/> <p>- Serviços; salas, depósito, etc...)</p> <p>- Horário de funcionamento do Museu? Porquê? Acha-os suficientes?</p> <hr/> <p>- Permanentes</p> <p>- Temporários</p> <p>- Professores, alunos, investigadores</p> <p>- Costumam contratar mais alguns em determinadas alturas? Porquê?</p>
<p>D</p> <p>Público-alvo e Programação</p>	<p>- Definir o Público-alvo e o perfil do utilizador</p>	<p>Qual é o perfil de visitante que vem ao museu?</p> <hr/> <p>Como caracteriza a afluência dos visitantes do Museu</p> <hr/> <p>Existe algum programa cujo objetivo seja alterar estes dados? No futuro, há algum objetivo no sentido de alterar a situação dessa afluência</p> <p>- Qual o público que gostava que frequentasse o Museu de uma forma mais expressiva?</p> <hr/> <p>Existe alguma programação de atividades neste equipamento?</p>	<p>- Público interno/externo, geral, famílias, escolas, grupos especiais</p> <hr/> <p>- Quantas vezes vêm? Que interesses, motivações, que relação com o IST</p> <hr/> <p>- Estudo de públicos, ou hábito de realizar questionários de satisfação</p> <p>- Público do interno/externo</p> <hr/> <p>- Público em todas as atividades ou em determinadas áreas</p> <hr/> <p>- Trimestral, semestral, anual</p>

	<p>- Identificar o tipo de Programação</p> <p>- Perceber se existem Parcerias com outras entidades ou instituições</p>	<p>Quais são as vossas linhas de programação de atividades do museu? A programação vai de encontro aos interesses deste público?</p> <hr/> <p>Existe alguma parceria com outra entidade/instituição ou empresa na programação das atividades do museu?</p>	<p>-De que forma?</p> <p>- Se existem limitações de programação que tem de ter sempre em conta? Porquê?</p> <hr/> <p>- Museus da UL - Museus Universitários - Outras</p>
<p>E</p> <p>Divulgação e Imagem</p>	<p>- Saber os meios de divulgação utilizados pelo Museu</p> <p>- Entender como os meios de divulgação são geridos</p>	<p>A nível institucional qual é, na sua opinião, a imagem que ao Museu tem fora das suas instalações?</p> <hr/> <p>Como se faz e o que pensa sobre a divulgação utilizados na promoção do museu e dos vossos eventos?</p> <hr/> <p>Em média qual é o orçamento disponível para divulgar um evento?</p> <hr/> <p>Há distinção na divulgação de diferentes eventos? Porquê?</p> <hr/> <p>Quais os mecanismos de divulgação que têm um efeito mais imediato para com o vosso público-alvo? Porquê?</p> <hr/> <p>Têm acordos de divulgação? Com quem?</p>	<hr/> <p>- Que meios E-mail, site, cartazes, folhetos, newsletters, Redes sociais, etc. Considera-os suficientes? Porquê?</p> <p>- Onde e quem produz estes materiais?</p> <p>- Aumentar os meios de divulgação?</p> <hr/> <p>- Receitas próprias, projetos</p> <hr/> <p>- A divulgação aumenta o n.º de visitantes?</p> <hr/> <p>- Entidades, gráficas</p>

<p>F Financiamento/ Receita</p>	<p>- Saber quem financia o Museu</p> <p>- Identificar qual a política de investimento</p>	<p>Como se fez o orçamento do Museu para 2015?</p> <hr/> <p>Qual é a origem do capital? Existem indicações acerca da forma como investir o capital monetário?</p> <hr/> <p>O IST é responsável por qual percentagem do orçamento do Museu?</p> <hr/> <p>Existe mecenato ou patrocínio? Como é que são conseguidos? Porquê?</p> <hr/> <p>Acha que esta política orçamental do equipamento é a mais adequada? Que mudanças acha que devem surgir e de que forma? Quais são as metas para 2016 ao nível do investimento? Mais materiais, outros eventos, mais fundos disponíveis?</p> <hr/> <p>Quais os principais problemas e necessidades?</p>	
<p>G Serviço Educativo</p>	<p>- Entender a política educativa</p> <p>- Saber qual a importância de um Serviço Educativo para o Museu</p> <p>- Perceber como articular um Serviço educativo com dois Museus do IST</p>	<p>Existe uma política educativa definida para o museu, em consonância com a missão ou com a vocação do mesmo museu?</p> <hr/> <p>Que relações se estabelecem entre o Museu e as Escolas? Quando? Porquê?</p> <p>O que pensa sobre a possibilidade de criar um SE que articulasse com o Museu?</p> <hr/> <p>Será possível, na sua opinião haver um serviço educativo comum a mais do que um Museu do IST? Porquê?</p>	<p>- Existe Serviço Educativo?</p> <hr/> <p>- IST - Ensino Superior - Ensino Básico e Secundário</p> <hr/> <p>Considera que o SE no poderia aumentar o n.º de utilizadores e/ou público? - Ou a sua própria renovação? - De que forma?</p> <hr/> <p>- Pontos Fortes - Pontos Fracos</p>

		<p>Aceitaria de bom grado que o equipamento que representa fizesse parte de um projeto comum na área do serviço educativo com o (s) Museu (s) de Geociências/DECivil?</p> <hr/> <p>Como vê que esse SE Educativo poderia contribuir para a concretização da missão do Museu/ ampliação dessa missão?</p>	<p>Quais os benefícios que poderiam existir? Porquê?</p> <hr/>
<p>I Conclusão</p>	<p>- Agradecer a colaboração. - Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o Projeto</p>	<p>Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?</p>	<p>Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar</p>

ANEXO 3

Guião de Entrevista: Serviços Educativos Museus Universitários (Ciência)

Objetivos Gerais:

- ✓ Caraterizar os Serviços Educativos;
- ✓ Conhecer como funciona os Serviços Educativos;
- ✓ Definir o público/visitantes dos Museus.

Museu:

Entrevistado(a):

Cargo:

Blocos	Objetivos	Questões	Observações/tópicos
A Legitimação da Entrevista	<p>Informar o entrevistado acerca da entrevista</p> <p>Motivar o entrevistado</p> <p>Garantir a confidencialidade</p> <p>Pedir permissão para gravar a entrevista</p>		
B Funcionamento do SE	<p>Entender de que forma funciona o serviço educativo</p> <p>Compreender qual relação do serviço educativo com a direção e os restantes serviços do museu</p> <p>Perceber quais os recursos humanos do SE</p>	<p>- Há quantos anos o museu tem serviço educativo? Sempre funcionou com a mesma dinâmica?</p> <hr/> <p>- Que lugar ocupa o serviço educativo no organigrama do museu?</p> <hr/> <p>A política educativa definida para o museu está em consonância com a missão Serviço Educativo?</p> <hr/> <p>- Que relações se estabelecem entre o serviço educativo, a direção do museu e os restantes serviços?</p> <hr/> <p>- Quais as maiores potencialidades que o serviço educativo tem?</p> <hr/> <p>- Como é constituída a equipa do serviço educativo?</p>	<p>Conservação, documentação, Universidade</p> <hr/> <p>Nº de funcionários, perfis, funções, formação académica e profissional</p>

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
Mestrado em Educação e Formação
Área de Especialização de Desenvolvimento Social e Cultural

	<p>Entender como o SE poderá ser avaliado e potenciado</p> <p>- Conhecer as fontes de financiamento do SE</p>	<p>- Quais os maiores obstáculos que o serviço educativo enfrenta?</p> <p>- O regulamento do SE está disponível para consulta?</p> <p>- Como se processa a avaliação do Serviço Educativo?</p> <p>- Quais os recursos financeiros do serviço educativo? Estes estão previstos em plano de atividades e orçamento?</p> <p>- Existe uma política educativa definida para o museu, em consonância com a Universidade?</p>	
<p>C Atividades/ Público</p>	<p>Compreender como as atividades são organizadas de acordo com o público do Museu</p> <p>Conhecer qual o Público da Instituição</p> <p>Conhecer como é feita a avaliação</p> <p>Conhecer como é feita a divulgação</p>	<p>- Como é elaborado o Plano de Ação Educativa?</p> <p>- De onde surgem as ideias/ inspirações para as exposições/ atividades do museu?</p> <p>- Pode dar uma breve explicação de que forma são organizadas/ dinamizadas as atividades?</p> <p>- Que diferenças existem entre as atividades disponibilizadas às escolas e aos outros públicos?</p> <p>- Como caracteriza o público e de que forma avalia a sua participação nas atividades?</p> <p>- Durante a visita às exposições é possível o público realizar atividades relacionadas com as mesmas?</p> <p>- O serviço educativo adequa as atividades às idades. De que forma é feita essa adaptação?</p> <p>- Como se processa a avaliação das desenvolvidas atividades?</p> <p>- Quais os meios de divulgação que o</p>	<p>Tipo de atividades</p> <p>Público interno/externo</p> <p>Interativo, Digital</p>

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
Mestrado em Educação e Formação
Área de Especialização de Desenvolvimento Social e Cultural

		<p>SE utiliza?</p> <p>- Que parcerias o serviço educativo estabelece para qualificar a oferta educativa?</p>	<p>Rede de contatos</p>
<p>D</p> <p>Relação entre o SE e as escolas.</p>	<p>Analisar qual a relação que existe entre o museu e as escolas</p> <p>Entender que ligação existe entre os planos curriculares e as atividades</p>	<p>- Qual a relação estabelecida entre o museu e as visitas de estudos das escolas?</p> <hr/> <p>- As atividades elaboradas para as visitas de estudo estão relacionadas com o currículo escolar?</p> <hr/> <p>- Como descreve o envolvimento do serviço educativo antes e depois das visitas das escolas ao museu?</p> <hr/> <p>- É disponibilizado algum tipo de material educativo/ pedagógico?</p> <hr/> <p>- Em média, quantas visitas de estudo recebem por semana?</p> <hr/> <p>- Que projetos educativos têm para o futuro?</p>	<p>- Níveis de ciclos de ensino</p> <p>- Formato (Digital, papel)</p> <p>- Professores/ Alunos</p>
<p>E</p> <p>Acessibilidade</p>	<p>Perceber como o Museu é íntegra a acessibilidade física, social e intelectual</p> <p>Entender qual o contributo do serviço educativo para a inclusão</p>	<p>- Como é que o museu se posiciona em relação às Boas Práticas na criação de respostas inclusivas para públicos-alvo diferenciados? E qual o papel do Serviço Educativo neste campo?</p> <hr/> <p>- Para a implementação dessas Boas Práticas quais as principais dificuldades que tiveram de enfrentar?</p> <hr/> <p>- Todo o espaço incluindo a exposição, informação e as exposições estão acessíveis a pessoas com deficiência?</p> <hr/> <p>- Existe algum responsável pelo apoio ao público com necessidades especiais e/ou deficiência?</p>	<p>Preço especial para grupos, famílias)</p>

F Conclusão	- Agradecer a colaboração. - Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o Projeto	- Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?	- Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar
----------------	---	--	---

Lista das Reuniões, Atividades e Eventos

1 - REUNIÕES

- Várias reuniões com os Diretores dos Museus do IST;
- Reunião com a Dra. Marta Lourenço Sub-Diretora do MUHNAC, dia 29 de setembro de 2015, no MUHNAC;
- Reunião Prof. Helena Baranha, docente do IST na área de Arquitetura e Ex- Diretora do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado (2009-2012), no dia 13 de abril de 2016, no gabinete da docente;

2 - ATIVIDADES E EVENTOS

- Realizadas dentro do IST

- Inauguração da exposição "Evocar a sede para nomear a água - As palavras da água no universo Touareg", no Museu DECivil;
- Seminário apresentado pelo Prof. António Lamas¹ "Parques de Sintra, Monte da Lua e Centro Cultural de Belém: reabilitação e gestão integrada de áreas com valores culturais e de grande atração turística", 30 setembro de 2015, no salão nobre;
- Visita da Escola Ciência Viva na atividade "Encontro com o Cientista", dia 15 de abril de 2016, no Museu Décio Thadeu;
- Dia do Técnico – visita para os Alumni, no dia 23 de maio de 2016, nos Museus de Geociências;
- 1º Ciclo de palestras da sociedade portuguesa de estudos de história da construção, Prof. Maria de Lurdes Rodrigues "O processo de profissionalização dos Engenheiros Cívicos e dos Arquitetos em Portugal" 7 de Junho de 2016, no Museu do DECivil;
- Sessão Aberta do Grupo de Cantares Tradicionais do IST e visita, no dia 11 de novembro de 2016, no Museu Alfredo Bensaúde;
- Lançamento do livro "Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais", da autoria da Prof.^a Helena Barranha, 23 de novembro de 2016, no Museu DECivil;
- Conversa aberta "Um tsunami em Lisboa: os processos físicos, a catástrofe e a sua representação na criação literária", 24 de novembro de 2016, no Museu DECivil;
- Sessão Inaugural do Museu Faraday, no dia 6 de fevereiro de 2016, no salão nobre.

¹ Mentor do Museu DECivil

- Realizadas fora do IST

- Prémio Acesso Cultura 2016 no Museu Nacional de Arte Contemporânea, 17 de junho de 2016, no Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado;
- Aula Aberta – Turismo e lazer: valorização do património histórico-cultural, dia 26 de outubro de 2016, no centro de informação urbana de Lisboa;
- Lançamento do livro “Universidade de Lisboa. Museus, Coleções e Património”, no dia 13 de dezembro de 2016, no auditório do Caleidoscópico.

ANEXO 5

Entrevista: Diretores dos Museus do IST

Objetivos Gerais:

- ✓ Caraterizar os Museus do IST;
- ✓ Conhecer as atividades que se desenvolvem nos Museus do IST.

Equipamento: Museu DeCivil

Entrevistada: Prof. Zita Sampaio

Cargo: Diretora do Museu

Realizada dia 17 de Novembro de 2015 das 16h às 17h

Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizando o seu percurso até chegar à Direção do Museu.

Eu estou há ... quase dois anos, fará agora em janeiro, será outro ano que estou que estou á frente do museu, estes cargos são por convite, e foi com muito agrado que eu aceitei, é uma coisa de que eu gosto, gosto muito de ir a museus e ainda mais aqui dentro da minha casa mais uma razão para eu tomar um bocado o comando do museu, o museu já existia e as coisas que lá estão também já existiam.

Qual é a sua função neste equipamento? O seu trabalho traduz-se em quê?

Eu acho que faço tudo, até empurrar móveis, porque tem a ver com a organização também da sala, tornar a sala apelativa para as pessoas verem, olharem, entrarem, já que tem uma frente de vidro bastante grande tentar mostrar, não mostrar tudo escancarado, pronto uma amostragem limitada para que as pessoas tenham algum interesse em entrar e depois lá dentro tentar fazer uma amostragem agradável, etiquetar e tudo como deve ser, da montagem do espaço, de organizar exposições, de apoiar as pessoas que vêm ter comigo gostaríamos de apresentar uma exposição de fotografia, topografia disto ou daquilo, depois eu apoio, estou nesses dias da organizar a sala e ver qual a melhor maneira de tornar a exposição simpática, agradável e apelativa.

O que a levou a trabalhar como Diretora do Museu?

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

Não é propriamente pelas antiguidades, não é por aí, é mais pelo organizar os elementos as peças e renovar e mexer e voltar a apresentar tem um bocado a ver com decoração, também gosto, mas também tem a ver com o querer mostrar às pessoas, isto é uma coisa da casa de Engenharia Civil tornar em algo que as pessoas tenham alguma curiosidade em entrar, muitas vezes entram e dizem está cá isto e aquilo, não têm conhecimento nenhum de uma série de coisas e por vezes há coisas que podiam ser dadas ou mostradas nas aulas, já tenho tido pessoas já veio um Prof. da disciplina de Pontes mostrar a ponte de Eduardo Cardoso, quando houve a exposição de topografia os Professores foram lá com os alunos, eu Professora de Desenho levo os meus alunos todos os anos no fim do semestre mostro os desenhos feitos e comparar com as normas atuais, deve ter mais este sentido embora muitas pessoas por vezes não sabem o que há lá, por vezes eu escancaro as janelas e aquelas vitrines para que chame as pessoas.

Como surgiu o Museu?

Foi o Prof. António Lamas, mais uma vez que é um empreendedor, quando se fez este Edifício de Eng^a Civil já tinha aquele espaço próprio para o museu, ele deve ter contactado as pessoas, uma Arqt^a Pera que esteve á frente daquilo, além do espaço em si tem um mobiliário, Arqt^a Teresa Pera que eu não conheci esteve á frente sei que tem a ver com os móveis que lá estão, são móveis bastante simples, são cubos em que dão bastante mobilidade aquilo e que se consegue fazer ali uma sala de exposições bastante agradável não são fixos são bastante versáteis e são modelares são fácies e não sei muito bem a história para trás sei que tem 20 anos, 22 ou 23 anos porque já houve o vigésimo aniversário e antes de mim, portanto deve ter sido á 23 anos.

Antes de si quem era o Diretor do museu?

O 1º diretor o Prof. Magalhães que era de Eng^a Materiais e uma pessoa bastante interessada nisto e a D. Maria de Lurdes, iam ver exposições para montar e fazer como fazer e organizar sei que houve esse trabalho inicial e depois tem havido vários diretores, são cargos escolhidos pela Presidência do Departamento e o último anterior a mim foi o Prof. Teixeira Trigo de Hidráulica que tinha sido nomeado pelo Prof. João Azevedo na altura penso eu por ter uma veia artística tem e faz exposições e pinta.

Qual é o enquadramento do Museu no panorama cultural institucional e local? Porquê?

As peças que lá estão, tudo quanto eu sei foram recolhidas dos gabinetes ou dos laboratórios ou vinham também antes de existir o edifício do técnico vieram de uma oficina onde se faziam várias coisas didáticas e vários mobiliários e então ali está concentrado e quem as concentrou foi o Prof. Lamas ou o Prof. Magalhães, mas quem as concentrou tem um sentido que haja nos departamentos de recolha de exibição porque a história faz parte da ciência e tem bastante interesse os alunos verem o que era antes

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

para conhecerem melhor o que é agora, a história, a evolução. O Museu podia ser mais conhecido, divulgado, utilizado mas tem essa função e é muito visto por pessoas de fora, porque neste edifício há muitos congressos e passam ali á porta. O sitio é ótimo porque tem bastante luz, é agradável está bastante exposto neste momento por isso facilmente alguém de fora que entra no hall e apetece visitar vem para e por isso é bastante visitado, também têm lá havido coffees breaks, porque no meu entender também considero na nossa sala de visitas, uma sala de visitas interessante não só por ser ótimo em termos de luz mas por ter a parte de história que pertence aos departamentos, não é os laboratórios novos e os computadores e é todo um historial como está bastante documentado com texto em português e agora em inglês também, está interessante ser uma sala de visita de uma casa destas.

Qual é a missão deste equipamento e as suas funções? Encontra-se definida?

O museu como qualquer museu que não é de artes é conservar e mostrar a história ligada à Eng^a Civil essa será a missão e preservar as coisas, porque normalmente e muitas vezes os aparelhos e equipamentos deixam de funcionar e são arrumados a um canto e ali têm não só um sítio ideal para estarem é conservado e pode ser visto pelas pessoas e além disso está documentado as pessoas podem ver qual o contexto daquilo em relação à ciência ou história.

Como se encontra organizado este equipamento em termos de estruturas e funcionamento?

Eu como sou Gestora ou Diretora não tenho permanência lá porque é mais uma atividade que tenho como Professora Universitária, nós temos os nossos gabinetes onde temos a nossa vida normal de investigação, de docência e então ali vou quando preciso falar com a funcionária que lá está a tempo não inteiro porque o museu só está aberto as duas ás seis e essa pessoa está lá neste tempo em permanência com a porta aberta e dá o apoio ás pessoas que entram, ás explicações que possa saber e possam querer saber, a minha permanência lá de vez cada vez que há exposições, organizar e buscar as coisas á reserva, onde há mais peças que não estão tão etiquetadas, temos uma lista, o espólio está todo enumerado, já tínhamos das pessoas que estavam lá a funcionária D. Maria de Lurdes quem a apoiou a fazer não sei, e agora desde que lá estou há dois anos já houve mais peças, portanto fazer o espólio, guardá-las ter uma lista a atual, quando há cedências é preciso fazer essa organização é a funcionária que faz mas a meu pedido e com a minha assinatura, até fiz uma ficha, era isso que estava à bocado a mostrar porque há pessoas que querem junto a si algumas peças do museu nos gabinetes, nos corredores, muito bem as coisas podem ser cedidas sob a responsabilidade de quem as solicitou, mas fica tudo registado, o museu faz cedências temporárias. E agora também para apoiar, como sabiam que havia ali um museu tudo ia lá parar como máquinas de escrever, computadores, coisas que não têm tanto a ver com Engenharia Civil e isso havendo agora um interesse de outros museus e de outros departamentos em fazer o seu próprio museu e vêm ali algumas peças de interesse eu não me importo de ceder desde que fique tudo registado, até porque devem ter mais interesse noutros temas do que para Eng^a Civil, os computadores têm a ver com toda a gente acaba por ser transversal.

Existe um Regulamento disponível do equipamento?

Não, não existe regulamento, porque não é muito necessário se houvesse uma equipa de trabalho, ou de restauro ou serviços de conservação não há o que tem havido é limpeza normal.

Refiro-me a um regulamento mais direcionado para o público?

O museu recentemente tem uma página que as pessoas podem consultar, no outro dia ali do organismo central, Filipa Soares colocou qualquer coisa no Facebook do Núcleo de Arquivo, está foi mandada construída por mim porque não havia, fui eu que tirei as fotografias claro que as pessoas criticam, estas fotografias não são boas mas são as minhas (risos) o passo seguinte será talvez entrar em contacto com um serviço que há no técnico para fazer fotografias como deve ser, filmes como deve ser para ser incorporados na página, mas a base está feita, os textos melhores ou piores estão feitos em português e inglês, está tudo feito e há uma lista com fotografias e tudo para apoiar os textos ao pé de cada uma da peça, das peças que estão em exibição porque as peças que estão na reserva, sempre que vem uma peça da reserva faço uma nova etiquetagem que não existe além do nome até agora não tinha sido feito o que são e para que servem, por exemplo pusemos umas peças de hidráulica e há uma pessoa de hidráulica a Prof. Manuela quem irá juntar ao nome das peças qual o serviço que fariam e em inglês também, já agora, para não ser a ter que fazer. A divulgação gostaria que fosse maior, mas eu não mexo em facebook nem em nada dessas coisas.

Já referiu que existe uma funcionária, mas existem outros colaboradores, como professores, investigadores?

Quando há temas de exposições sobre outros temas como de hidráulica ou seja de topografia ou de metálicas envolvo essas pessoas têm mais conhecimento apesar ser tudo Eng^a Civil a pessoa não domina todos sítios, é preciso especialistas dessas coisas, depois há todas as outras lançamento de livros de pessoas de cá, algumas palestras que queiram sobre algum tem a de divulgação de pessoas de fora que já houve apresentar projetos que eles próprios convidam tipo arquitetos, engenheiros, construtores ali é a sala de visitas, há cedência de espaço são postas cadeiras a colocação do data-show toda a logística, da mesa de apresentação, o que seja necessário, cadeiras de honra, servir algum café ou não, conforme o evento.

E que realiza esse tipo de tarefas?

Eu como Diretora peço á funcionária para tratar e ela trata com os serviços do Departamento, fala com a Sra. Patrocínio com a Sra. Fátima lá vão com o carrinho, claro que há o gestor pelo meio, o gestor Leonel neste momento e é assim que funciona, depois nesses dias eu e a Maria José temos de andar a empurrar os móveis para os lados e depois voltar pôr, é interessante.

Os cafés são os serviços próprios do Departamento, por exemplo no curso que já organizei, há muitos eventos com coffee breaks ou fazem na sala de café ou fazem nos corredores e eu acho que o museu é um sítio simpático normalmente quem vem as essas coisas porque são pessoas de fora que não conhecem minimamente que existe um museu deste género e como o Museu tem explicações, quando há congressos não, porque é em outras salas e tem outra dinâmica tem à frente outras pessoas e não tem

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

nada a ver com o Departamento de Eng^a Civil, é uma independente do Departamento porque os congressos são de vários temas, agora quando são coisas daqui e têm normalmente os convidados são pessoas de Eng^a Civil ou afins acho que é um sítio em que tem uma curiosidade e como não está divulgado e não faz parte da lista dos Museus é uma coisa que eu gostaria mas não está por enquanto, talvez com a Marta lá chegue não sei ou a ordem não sei como se manda para a ordem, como eu não tenho planeamento, eu não tenho planeamento batem-me à porta ou então eu penso em algumas exposições, exposições grandes sou eu que as organizo... lá está, o espaço é pequenina bateram-me à porta era sobre águas, mas está giro.

Qual é o perfil de visitante que vem ao museu?

Também pode falar com a Maria José sobre o perfil do visitante, ela sabe quem são as pessoas o que nós fazemos é ela vai contabiliza todos os dias as pessoas que entraram, os visitantes e eu de vez em quando peço essa contagem, mas de qualquer maneira ano a ano, foi um ano, agora vai ser o segundo faço a contabilidade anual e também faço por exposição, a exposição abre dia X e acaba dia Y então quais são as pessoas que durante aquele tempo lá foram, se foram pela exposição ou não, não sei, mas faz parte.

Sabe dizer se o público é interno ou externo?

Eu acho que as pessoas de cá não vão queixou-me um bocado que as pessoas não vão, eu faço exposições e as pessoas não vão tirando os Presidentes que vão porque têm de ir, Departamento de Eng^a Civil, às vezes há lá alunos é raro, quem contacto mais com os alunos e com as pessoas é a Maria José por isso como não vou com uma frequência muito grande quando lá vou muitas vezes não há lá ninguém, mas quando há lá assim alunos pergunto: Onde vocês são? - Somos deste departamento ou daquele são do Técnico mas são de outros departamentos que têm alguma curiosidade ou que vão ali ao bar ou assim, eu acho porque realmente é por estar bastante apelativo, o sítio é fantástico e como estava com o estores para baixo e agora não está, está mais atrativo para entrar pessoas de outros sítios nem sabia que havia um museu. Pois mas HÁ

Portanto é um público mais geral, do que público específico como escolas, famílias, com necessidades educativas especiais?

Necessidades especiais aquilo tem espaço suficiente para andar lá, não tem é aquilo que agora começa a haver nos museus ou tato ou som ou cheiros, para isso tinha de existir toda uma equipa dali ou de outro lado qualquer desse esse apoio, isso não há.

E público escolar?

Não temos tido interatividade com as escolas, este ano integrados num programa de Física, nem sequer tem a ver com o Departamento de Eng^a Civil, mas um dos alunos que estava à frente foi meu aluno e

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

tínhamos uma relação agradável ele perguntou se podiam fazer experiências lá no museu, e eu disse: com certeza. Desarradei tudo que era para arredar e deixei os miúdos fazerem as exposições, a escola foi mas não foi propriamente para as peças, claro que devem ter observado as peças, que existem, principalmente o comboio que é sempre uma coisa interessante, a gaiola não é, mas o comboio é, então teve bastante população do secundário, porque para se fazer uma coisa desse género é preciso contactar escolas (a conversa que já tivemos) e saber quais são os currículos escolares e ver se há peças ali que possam ser integradas pois haver alguém do Departamento que sabia mais daquela peça e dê uma explicação, uma peça ou conjunto de peças, isso ainda não está feito e eu também não tenho tempo para tudo.

Como caracteriza a afluência dos visitantes do Museu?

Acho que sim, tudo o que é antigo, há umas coisas muito específicas que são coisas que mesmo os miúdos do secundário podem aproveitar alguma coisa, estou a lembrar-me da gaiola pombalina que não sei no secundário se falam em sismos, sismologia, ou que houve terramotos, marmotos e essas coisas todas e que consequência disso fizeram um tipo de casas que está ali um exemplo, e é nesse contexto que podia uma pessoa de sismologia podia estar ali a explicar para crianças e alguns não estão vocacionadas para isso, isto é uma instituição de ensino superior por isso as pessoas conhecem os muitos assuntos e falam numa linguagem de ensino superior até que ponto essa linguagem chega às crianças ou secundário só mesmo aquela parte que venha alguém que goste, caso contrário.

Referiu à pouco a contagem dos visitantes do museu, e inquéritos/questionários de satisfação para saber a opinião do público?

A melhor para responder é a Maria José, ela às vezes diz-me gostaram imenso outras vezes passou e só levou um postal essa sensibilidade é com ela, com ela é que deve falar, ela diz muito também que as pessoas mesmo quando não entram acham que o museu está diferente, mesmo não entrando têm essa perspectiva agradável do museu.

Qual o público que gostava que frequentasse o Museu de uma forma mais expressiva?

O que eu gostava mais é que as pessoas, os professores do Departamento usassem mais o museu para o ensino, ou seja, por que qualquer ensino, qualquer matéria que ministrem têm a sua bases históricas e isso as pessoas não perceberam lá muito bem, ou então mostram essas partes históricas mas em figuras, e nem sequer sabem que lá museu há coisas e eu não sei como hei-de chegar a eles já está na página do Departamento, quando envio o e-mail já faz parte da minha assinatura é só entrarem e verem, só puxando pela orelha.... eu gostava que fossem os alunos e os próprios professores e também gostava uma ligação para o secundário, não sei como.

Existe alguma programação de atividades neste equipamento? A programação vai de encontro aos interesses deste público?

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

Não existe planeamento porque as exposições são esporádicas das pessoas do Departamento têm interesse em mostrar algumas exposições que são itinerantes andam por outros sítios e como docentes de cá acham que teriam algum interesse cá e depois eu

faço o filtro se sim ou não, tenho dito sempre que sim, e as outras exposições é quando tenho tempo e porque demora bastante tempo, uma exposição demora a fazer de raiz, e depois deixo ficar pelo menos 2 a 3 meses para que o tempo de preparação seja diluído num tempo de apresentação, senão é um trabalho feito que custa que demora tempo e depois é arrumado.

Quais são as vossas linhas de programação de atividades do museu?

Às vezes são ideias, pessoas têm esta peça devia-se fazer isto ou aquilo, agora que veio algum espólio de hidráulica e hoje tivemos cá um Sr. Técnico a montar uma parte houve logo a ideia então porque é que não se põe mais peças que estão na reserva mais cá em cima, mas vamos fazer um nicho para isso, uma zona, aí tem a dinâmica como funciona um bocado assim do que as pessoas dizem que surgem havendo essa possibilidade, senão não houvesse peças era escusado essa possibilidade de as pessoas dizerem querem ali um nicho e não haver nada para expor, neste caso há bastante para expor só que não se pode trazer tudo e então e o resto, senão fizemos ali uma feira, isso também não, têm de haver uma gestão.

Existe alguma parceria com outra entidade/instituição ou empresa na programação das atividades do museu? Por exemplo a Univ. Lisboa

Tem havido parceria com a Prof^a Marta Lourenço tem trazido alguns alunos no âmbito de uma disciplina e que este é mais um museu para mostrar, é este e outro do Departamento de Eng^a Civil, mas não se pode dizer que há parceria mas é uma porta aberta a esse tipo de eventos ou parcerias desse género.

Como tenho conhecimento que nesses museus existem atividades que às vezes são em conjunto com outros museus, gostaria de saber se o MuseuDECivil adere a essas iniciativas?

Não, mas gostava. Uma coisa que tem havido todos os anos, apareceu no e-mail esse convite ainda bem que apareceu, que é o Dia dos Museus em que um dos Museus estatais que pertence à Câmara Municipal de Lisboa o Bordalo Pinheiro, em que casa onde está instalada a foi projetada pelo Arquiteto cujo o espólio está neste museu, eles nesse dia fazem sempre uma parceria com este Museu, lá venho eu nos fins-de-semana, porque é sábado e domingo abrir a porta e convido a pessoa que está à frente dessa pequena parte do museu, que é o Gabinete tipo atelier do Arquiteto e há uma pessoa que está encarregue desse espólio vir para o museu, nesses dias ele faz uma apresentação tipo palestra para as pessoas que vêm dessa parceria com o Museu Bordalo Pinheiro, não vêm propriamente visitar o museu, mas depois acabam por ver o museu e eu dou algumas explicações, o objetivo é ver o gabinete de projeto de quem projetou a casa onde está o Museu Bordalo Pinheiro, que é o Arquiteto Álvaro Machado.

Como se faz e o que pensa sobre a divulgação utilizados na promoção do museu e dos vossos eventos?

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

Há muito pouca divulgação mas começou comigo, o que há domimo, cada vez que há eventos são mandados convites para o Departamento para os órgãos centrais do Técnico e são coisas específicas para as pessoas convidadas nesse âmbito.

Tem termos de cartazes, newsletters, existe algum material de divulgação desse tipo?

O que é um postal com algumas imagens, em que a pessoa que vem visitar o museu leva como recordação, mas não está divulgado e não é comercializado, é dado.

E nas redes Sociais?

A divulgação é transmitida aos serviços multimédia do IST e eles fazem aquilo que entenderem. Já que há serviços no Técnico fica dependente. Aqui no Departamento peço para colocar um banner com texto que sou eu que faço a divulgação para os docentes.

Considera essa divulgação suficiente?

Gostava que fosse maior, gostava que estivesse inserido nos museus das universidades é uma coisa que já pedi à Marta e depois a partir daí a serviços mais centrais para ser divulgado para as pessoas saber que existe um museu de Eng^a Civil.

Em média qual é o orçamento disponível para divulgar um evento?

Á uma verba todos os anos para o que seja, para o prego, para a cola para a divulgação, para o que seja, os postais, os posters de todas as exposições, sou eu que os construo, imprimo ou mando imprimir, são custos também, há verba anual é para tudo pertence ao Departamento cedido pela presidência, incluímos os cafés e os bolinhos.

Têm acordos de divulgação? Com quem?

Não, às vezes pego na agenda de Lisboa para mandar e já do princípio ao fim e não vejo contacto nenhum, não sei como se faz para divulgar pela agenda, porque acho que é uma coisa interessante até mesmo para a ordem dos engenheiros, só que como não temos grande planeamento e a revista da ordem dos engenheiros é uma coisa por exemplo que requer que seja enviado bastante tempo antes, porque eu para existir exposições é pegar na ideia e daqui a 15 dias vamos abrir e vamos fazer, funciona assim um bocado, não há planeamento como daqui a 3 meses vai acontecer, mas vou tentar na ordem dos engenheiros como há páginas da especialidades e esse tem mesmo o e-mail.

Referiu que existe um orçamento? Qual é a origem do capital? Existem indicações acerca da forma como investir o capital monetário?

O Museu pertence á alçada do Departamento, os órgãos centrais dão a verba ao Departamento que gere conforme quer.

Existe mecenato ou patrocínio? Como é que são conseguidos? Porquê?

Exposições grandes têm grandes patrocínios, não é o museu são as pessoas que querem mostrar qualquer coisa no museu que se envolvem e pedem patrocínios, é o que lá está neste momento que é a Roca, mas não envolve o museu porque eu também nunca fiz uma exposição organizada para o museu que tenha esse âmbito mas estou a pensar fazer uma, mas ainda está muito básico, vamos ver se há patrocínios ou não e como isso se faz.

Acha que esta política orçamental do equipamento é a mais adequada?

Sim, eu nunca vejo o dinheiro fica no secretariado do Departamento e eu vou lá apresento as contas ou peço à Maria José é o táxi, por exemplo quando foi um convénio de contrato de cedência de espólio foi feito um contrato entre o Presidente do Técnico Prof. Arlindo com a entidade lá fomos de táxi que foi pago pelo museu, tintas como há bocado viu, é só apresentar as contas em nome do Técnico, mesmo que eu gaste sou reembolsada.

Quais são as metas para 2016 ao nível do investimento?

Todos os anos é renegociado a nível superior por mim não é, se dizem que é tanto ok, é isso temos que gerir com isso, este ano por exemplo houve bastantes cortes mas no museu não cortaram, mas também não é muito.

Quais os principais problemas e necessidades?

Problemas é a nível da reabilitação, do restauro agora peças que vieram é preciso restaurá-las mas não sou eu que vou fazer não tendo conhecimento, também não vou por a Maria José a fazer isso que não sabe fazer de certeza, esses contactos com outras entidades que possam dar apoio só através da Marta, já me responderam em tempos antes de Agosto, quando tiver tempo e estiver mais calma, mas sinto ver alguém que eu possa pedir componha aqui isto, arranje aquilo, vai havendo sempre quem faça, estão lá aqueles estiradores estão limpinhos como deve ser que pedi ao gestor, mas está dependente da gestão do departamento e do pessoal que, eu peço e as coisas acontecem ou não

O ideal então seria ter uma pessoa ligada diretamente ao museu, que fizesse o trabalho de restauro?

Sim, ali há coisas para limpar que não é só o pó, há coisas que podem ser coladas de forma mais entendida, há lá coisas que pode, ser mais preservadas sem ser entrar no arquivo que estão algumas peças em sítios como deve ser no arquivo, mas há outras coisas documentais e outros desenhos que podem ser mais preservadas se houvesse algum técnico, mas isso está fora de questão, a não ser que haja alguma entidade ou alguns profissionais que dê apoio a todos os museus da universidade, nesse sentido está em lista de espera para aqui. Ainda não percebi ainda muito bem o que é isso do museu das universidades, esta deve pertencer também mas não sei até que ponto está lá posta não está lá posta concerteza, não sei e ninguém ainda se interessou por uma coisa destas e aí capaz de haver algum conhecimento, apoio e interesse dessas pessoas são bolseiros são estudantes que possam dar aqui algum apoio nós precisamos disso, não há ninguém que o faça dentro do nosso círculo de trabalho, sou eu a Maria José e o restante apoio que é só trazer alguma coisa para aqui, cafés, cadeiras não é mais que isso.

Existe uma política educativa definida para o museu, em consonância com a missão ou com a vocação do mesmo museu?

Eu gostava que as pessoas se interessassem por si mais para ir ao museu, mas também não vou chatear as pessoas, mas depois dizem há lá isto, andei eu a mostrar fotografias, pois há, não é política mas é um interesse que eu gostaria que as pessoas se envolvessem mais, o que depende de mim eu bem mando mails para as pessoas aparecerem, se não aparecem quando há eventos imagine quando não há, portanto política educativa?

Que relações se estabelecem entre o Museu e as Escolas?

Para o secundário já houve algumas coisas, quando houve o fórum civil também tentamos aproximar o museu ao evento, já posemos peças cá fora, não entram no museu mas se as peças estiverem cá fora, não entram no museu mas se tiverem cá fora até olham e isso não são contabilizadas entradas no museu mas a meu ver são contabilizadas como pessoas que viram a peça do museu.

Referiu que já decorreram visitas do ensino superior, gostaria de ver aumentadas essas visitas?

No outro dia a Marta trouxe cá umas pessoas estrangeiras que ficaram deliciadas a olhar para a régua de cálculo, que eram cientistas de instrumentos de precisão, eles ficaram fascinados com o museu, depois até criticaram as legendadas porque percebem muito mandaram um mail, aquele comentário não estava correto o correto é isto.

O que pensa sobre a possibilidade de criar um SE que articulasse com o Museu?

Isso era ótimo, trazer o secundário porque os outros aqui do Departamento não consigo, quer dizer consigo se envolver temas e ir aos gabinetes dessas pessoas e dizer vamos mostrar isto, por ex. há no museu as plantas, são pedras em zinco com que se faziam as fotocópias do projeto que está previsto para se fazer o técnico pavilhão central que é de outro Arquiteto Ventura Terra, e estão lá e quando digo a alguém que estão no museu essas placas de madeira e zinco, zincografias. Há pessoas que dizem que têm plantas do pavilhão central, há alguma pesquisa sobre isto, eu estou com ideia de juntar estas vertentes todas e fazer uma exposição da construção do pavilhão central, acho muito interessante, só que é preciso alguém que coordene isso tudo, que se dedique tipo um bolsheiro que faça esse trabalho todo, mas para isso é preciso pagar, tenho esta ideia no ar e acho que pode pegar que os docentes já usam normalmente estou a falar do Prof. Jorge Proença e do Prof. António Gago já fazem os seus eventos no museu, o 1º sítio em que eles pensam onde vou apresentar isto para pessoas de fora – O Museu, desde que sejam 30 pessoas não mais é perfeito, o trabalho que tenho é com muito gosto. Tem de ser iniciativa minha para bater á porta das pessoas para ter temas. Isso seria envolver os docentes da casa em temas mais apelativos e específicos que envolvam as pessoas para ir lá fazer colaborar e para ficarem a conhecer, porque a dificuldade é dentro da casa, vêm pessoas da área exteriores ao técnico isso é bom para a casa, eu tento sempre fazer coisas que sejam boas para o departamento e para o técnico também, não é para mim.

Será possível, na sua opinião haver um serviço educativo comum a mais do que um Museu do IST? Porquê?

Sim, do IST já está a ver parcerias por exemplo cedências de peças para um museu que está em construção de informático. O Diretor do outro museu o Manuel Francisco já houve também, ele estava a falar que ia dinamizar coisas sobre a primeira Guerra Mundial e eu peguei logo nos desenhos da 1ª Guerra Mundial porque nós temos ali alguns desenhos feitos pelos alunos que entretanto estavam inscritos antes da guerra e depois não se sabe qual o seu percurso, mas estão ali que achei importante fazer essa exposição, houve essa parceria não sei se era com o museu ou com as atividades dele livres, como sabe ele é uma pessoa interessada no fundador, Alfredo Bensaúde e Décio Thadeu são os originais da casa portanto tem a ver com a génese da casa em si.

Considera que existiam muitos pontos fortes no SE em comum?

Alguns, o de mineralogia é muito específico e aquilo é um mundo que eu gostaria a parecia um bocado complicado. Um no seguimento do outro sim já ouve pessoas, há um núcleo qualquer da Câmara em que foram ver vários sítios inclusive o nosso museu, o Presidente do departamento pediu e foi feito esse acompanhamento.

Eu acho que não só aqui dentro mas se há esse grupo de museus de universidades fazer uma divulgação em que as pessoas também venham a este, porque não está integrado e eu gostaria que tivesse, portanto há muito para fazer. Estes museus têm alguma especificidade que é normal, é o espólio dirigido para a ciência, para a engenharia, para a matemática, não é o mesmo do que ir ver pinturas bonitas ou abstratas.

Há clientes e pessoas interessadas e a prova é de que quando as pessoas entram levam até crianças que ficam fascinadas, por exemplo pelo comboio, pode falar com a Maria José, mas diz que por vezes á famílias que são de alunos que nunca puseram os pés no museu e está cá há 20 anos e agora dão conta que existe um museu e têm interesse em mostrar aos pequeninos, isso é ótimo.

Já pensou fazer divulgação junto dos Alumni (antigos alunos).

Está bem, isso pode ser uma ajuda.

Aceitaria de bom grado que o equipamento que representa fizesse parte de um projeto comum na área do serviço educativo com os Museus de Geociências?

Seria bom a nível superior, alguém que trate das coisas e entregue os museus e seja visto num guia, numa rede, uma parceria desse género, eu até tinha interesse até fazer alguma documentação própria para algumas peças mais emblemáticas do museu para se dar e divulgar para que as pessoas que viram num contexto desses não querem ver todas as peças com certeza, então destacaria algumas 4, 5 ou 6, atividades em torno de 2 a 3 peças, numa perspetiva para o ensino secundário e com integração

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

curricular, não estou a par disso mas eu não posso fazer tudo portanto ser alguém que coordene que digo logo que sim.

Como vê que esse SE Educativo poderia contribuir para a concretização da missão do Museu/ ampliação dessa missão?

Ampliação em termos de divulgação, porque em termos de espaço, vejo com bom olhos agora como fazer não sei, não sei que apoios o central em termos de multimédia podem dar em divulgar o nosso papel é dar informações para lá e eles fazem o que entenderem, agora se houvesse uma abertura a contactar escolas eu seria umas das primeiras que diria mandem para aqui, acho que não está a correr dessa maneira.

Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Tentar da sua parte ver como chamar miúdos de secundário cá como entregar sabendo e tendo conhecimento do que há ali e como é que as escolas ou a matéria de algumas partes mais específicas como a matemática, desenho ou assim como integrar, estudar essa parte era ótima.

Dou a entrevista como terminada, Muito Obrigada!

ANEXO 6

Entrevista: Diretores dos Museus do IST

Objetivos Gerais:

- ✓ Caraterizar os Museus do IST;
- ✓ Conhecer as atividades que se desenvolvem nos Museus do IST.

Equipamento: Museu Geociências

Entrevistado: Prof. Manuel Francisco

Cargo: Diretor do Museu

Realizada dia 19 de Novembro de 2015 das 11h às 12h

Gostaria que fizesse uma breve apresentação sua enfatizando o percurso até chegar a Diretor do museu

Como responsável atual dos museus, comecei por ser aluno do técnico entrei aqui em 1983, para frequentar o curso de minas, fiz aqui a minha Licenciatura, Mestrado e Doutoramento e ao longo todo esse percurso e praticamente logo desde início apercebi que o Departamento tinha um património histórico muito valioso não só porque algum era giro e era interessante, mas também pela questão de por termos aulas nos museus mas por ser um espaço mágico como modelos, minerais mapas, livros coexistiam, desde de início que senti esse apelo uma vez que apesar de existir pessoas responsáveis pelos espaços não existiam atividades eram raras as que se usavam em tempo de aulas e eram poucas as que se faziam para o exterior ou praticamente nenhuma porque havia vários problemas a nível de segurança, portanto ao longo do meu percurso fui sempre tentando de alguma forma sensibilizar os Professores mais velhos para a necessidade de valorizar a coleção o próprio espaço, que é espaço único dentro do campus do técnico esse apelo fui sempre fazendo nem sempre com sucesso mas como sou lutador não desisti da ideia até por em Conselho de Departamento a criação de um cargo, ou seja, havia a necessidade de ter alguém responsável por este património, não era a pessoa realmente que tinha de fazer tudo mas se houvesse uma questão a tratar em relação a esse aspeto, havia alguém a quem as pessoas se podiam dirigir em primeira mão, o resto era algo que devia ser partilhado, uma pequena equipa, havia necessidade de existir uma tutela e nesse caso também dado à minha formação acabei por ser eu o escolhido para ocupar essa tutela desde aí tenho permanecido, não consigo precisar agora a data talvez tenha sido por volta de 2005 por aí mais ano menos ano, mas não consigo precisar, em termos de percurso por um lado, por ter essa afinidade a parte científica mas também a parte histórica e cultural associada a tudo isso acabei por ficar ligado aos museus.

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

Quais são as suas funções nestes museus? O seu trabalho traduz-se em quê?

Neste caso o museu ou a estrutura histórica e algum arquivo fiquei como responsável subdiretor, não temos qualquer quadro de pessoal é uma figura única e como diretor há um quadro de competências que foram definidas através de um documento aprovado em conselho de departamento com responsabilidades inerentes a esse cargo. É um cargo neste caso com o apoio também de colegas da mesma área científica, sempre que faço alguma coisa alguns colegas estão sempre disponíveis para ajudar mas não há uma hierarquia, mas sou eu que dou a cara e crio uma parte das atividades.

Queria só acrescentar que de facto dentro das funções essencialmente são: preservar tudo o que há em termos de acervo e como já referi são as coleções propriamente ditas geológicas, são os equipamentos e o próprio espaço que necessita às vezes de alguma atenção e paralelamente mais acervo documental onde estão alguns livros históricos, mapas na mapoteca, alguma fototeca e também a parte de instrumentação é um património muito vasto e também muito diversificado, que coexiste nesta área que também depois tem anexamente um laboratório e a ligação museu laboratório é fundamental porque face á natureza dos materiais o laboratório é sempre o lado científico de apoio à existência desse museu, portanto não é apenas um local de exposição, são desenhadas atividades para diversos públicos para fora e para dentro, incluindo as próprias aulas de várias cadeiras.

Qual é o enquadramento do museu no panorama cultural institucional e local?

Uma classificação que mais ou menos está estabelecida é um museu não está aberto ao público em permanência é uma estrutura que funciona com estes recursos limitados é um museu tipicamente universitário e portanto funciona com o quadro de docentes da área que o suportam, o acesso é sempre com a reserva e quase sempre a atividade associada ao museu e historicamente vai dentro da área científica que é geociências mas também tem sido feitas atividades em muitas outras áreas, não se restringe só a isso pode ser a área da história, pode ser da própria instituição porque temos aqui um local de excelência que se pode falar do 1º Presidente do Técnico Alfredo Bensaúde dá nome a um dos museus, é um sítio que raramente existe cultura científica e onde história dessa cultura científica. Percebe-se desde que a escola foi criada quem passou, o que deixou, que marcas deixou, o fato de existir espólios pessoais dá outra dimensão humana, cultural para além da científica e pedagógica que habitualmente o museu já tem.

Qual é a missão deste equipamento?

Posso acrescentar que a missão neste caso também numa escola de engenharia onde às vezes há lacunas de formação e a pessoa perceber que a função de um engenheiro não é apenas uma função técnica, é um cidadão que também precisa de cultura e a cultura pressupõe também cultura histórica, portanto faz ter uma formação mais consistente e nesse sentido o museu dentro da estrutura do técnico tem-se ligado sempre a outras estruturas que têm a função de divulgação e de formação como é caso da biblioteca, o caso do arquivo, órgãos centrais, não existe por si só e com

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

o outro museu que existe no técnico o de civil, estamos sempre a tentar trabalhar internamente em rede e externamente também criando todos os laços possíveis.

O museu de Geociências é no fundo dois museus?

São dois espaços que tiveram evolução independente porque cientificamente apesar de tratarem materiais geológicos abordam questões de maneira completamente diferente e na sua raiz tem um museu único mas tal como acontece em muitos domínios da ciência vão-se se separando e ficando autónomos e por isso foram crescendo em torno de dois Professores também eles desde o início do Técnico, um era estrangeiro um Professor recrutado pelo Prof. Alfredo Bensaúde para criar realmente um museu, esta estrutura e coleções portuguesas, que era o Geólogo Suíço Ernest Fleury e o outro museu foi dado o cargo a um Prof. Português Amílcar Amaro Jesus que ficou com outra responsabilidade, temos assim um museu mais dedicado a materiais, minerais e a cristais e outro museu tem mais a ver com a história geológica do país, portanto tem outro interesse nos fósseis, idade das formações, as minas portuguesas, os recursos económicos esse é o museu que atualmente tem o nome de Décio Thadeu, foi inicialmente criado do geólogo da Suíça Ernest Fleury.

Como sei os museus não têm horário de funcionamento aberto ao público, o acesso é feito por marcação, considera que seja suficiente?

Sim a marcação é importante, porque ter uma estrutura aberta permanente ao público significa que têm de salvaguardar muitos aspetos a nível de segurança principalmente, ter públicos com crianças ou públicos incógnitos, á materiais que podem seduzir algumas pessoas ou o fato de estarem muito acessíveis e poder se mexer em alguns materiais pode causar problemas de se partirem, tem de a ver uma figura que tutele uma visita que acompanhe uma visita, não é necessariamente o responsável do museu que faz isso, por isso ás vezes na minha indisponibilidade, o fato de eu não poder fazer, a visita é delegada em pessoas de confiança e é desenhada em função desse público, claro poderia estar sempre aberto significado que todo o paradigma de exposição tinha que mudar, para ser mais autónomo teria que ter mais informação, mais imagem para que a pessoa sozinha pode-se fazer o percurso e isso não é viável neste contexto não sei se poderá ser viável num futuro próximo dada à natureza e a maneira como se expõe também os materiais.

Os museus têm algum tipo de regulamento disponível?

Há um regulamento que foi aprovado em conselho de departamento mas isso define mais a competência do diretor.

Estava a referir a um regulamento próprio dos museus

Não há, e que tipo de abrangência esse regulamento podia ter, podia ter normas para isto ou para aquilo, na realidade não, se for em termos de acesso é estabelecido um contato e tudo a partir daí funciona, pode ser telefonicamente ou através de um site institucional.

Quem são os colaboradores do museu, já percebi que existem alunos que colaboram?

Há atividades que só são feitas podem ter a minha intervenção no início para dar algum apoio científico e logístico para definir as regras da atividade os limites para perceber também qual é o público em cada situação, em certos casos os alunos podem intervir sozinhos e garantir toda a atividade, mas são coisas muito concretas, desenhadas especificamente para uma atividade e eles estão á vontade podem fazer tudo.

Qual o perfil do visitante que vem ao museu? Se é um público interno/externo?

O perfil é muito diversificado, dentro do público interno temos os utilizadores normais que têm aulas, todos os alunos no contexto das geociências, das várias disciplinas que existem podem beneficiar do contacto com os materiais, em vez de estarem a ter aulas apenas expositivas de imagens, powerpoints, coisas assim, podem manusear, ver ao vivo e sentir os objetos que se está a falar nas aulas, é diferente em parte compensa a saída ao campo, porque às vezes temos de nos deslocar 500 Km para ir uma rocha que aparece só naquele sítio mas se tivermos aqui no museu a própria rocha podemos realmente compensar, beneficia muito a qualidade do ensino ter esse acesso e muito próximo de nós rochas não só do país como de outras partes do mundo, é bom vê-las e mexê-las, o aluno aí tem o contacto com a realidade, para além deste público interno pode abranger vários cursos e é aí que há de facto um trabalho ainda a fazer e maior, realmente assim por alto os cursos que beneficiam mais é o curso de Engenharia Geológica e Minas, Civil, Ambiente pontualmente só solicitado para dar aulas a Eng^a de Materiais e de Ambiente, mas já temos tido cursos fora, às vezes até de Gestão se estão a dar um tópico ou alguém que conheça e acha que é interessante ter uma perspectiva diferente desse assunto, desde que a temática possa ser enquadrada esse público também pode usar, até aqui tenho estado a falar de público essencialmente interno. Dentro do público externo, temos digamos dois públicos-alvo principais: as escolas secundárias, houve alturas em que tínhamos a ter 1500 alunos ao longo do ano que era de fato incrível em termos de dinâmica, claro que tinha um impacto em termos de logística uma disponibilidade grande, em termos de atividade, mas dava muitos frutos porque era gratificante ver aqui alunos do secundário não só vocacionados para a área da Geologia e das Minas, vêm para a semana da química, para a semana da matemática e às vezes em colaboração com o NAPE é possível com outros núcleos e porque também não haver logística para a comodar tanta gente nós oferecemos não estamos sempre com essa oferta permanente para fazer atividades, também desenhadas para esses grupos, por exemplo uma atividade para a semana da matemática pode ser feita aqui e todos os minerais, toda a geometria, toda a cristalografia poderá ser usada para falar da geometria, da natureza e das formas ou da química, ou de outra coisa assim, esse é um público que normalmente as atividades são desenhadas para eles. Depois temos tido alguma colaboração estreita com a Câmara Municipal de Lisboa, eles têm programas semanais que se dirigem a vários pontos de interesse da cidade e por ano muitas vezes 5 ou 6 visitas são feitas por grupos á mesma hora naquele dia da semana vêm grupos de munícipes, gente de todas as idades mas principalmente pessoas um pouco mais idosas, mas que têm muito interesse e curiosidade em saber as coisas, aí já são protocolos que estão assumidas e já sabem que nós temos essa oferta, é só acertar o dia e podem vir. Depois temos outra colaboração muito importante com associações,

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

nomeadamente a associação de professores de história, que tem sido muito interessante porque para além de formação propriamente dita temos dado, de volta em meia fazemos coisas em colaboração, porque nós beneficiamos de todo o conhecimento da história e eles beneficiam com o outro lado das nossas competências científicas podemos ir um pouco mais longe naquilo que podemos falar um a Professor de história que está preocupado em ver artefactos paleolíticos, técnicas que se usam, que materiais eram usados para a pintura, para isto ou para aquilo e aqui internamente temos tido experiências também interessantes com a creche, a população mais jovem digamos anda na cada dos 4, 5 e 6 anos e são experiências incríveis os miúdos adoram para nós é extremamente estimulante o entusiasmo que os miúdos nos dão, depois também aqui nas escolas primárias á volta, temos tido colaborações pontuais desde que os professores solicitem, eles sabem que nós existimos se calhar se houver mais pessoas a saber que existimos e que fazemos uma oferta pró-ativa ainda mais poderão existir é interessante que á volta, o Liceu Camões, os liceus que existem aqui já sabem que nós existimos e havendo um professor que tenha interesse e queira sair fora de portas e que queira deslocar-se umas às vezes centenas de metros e ter ao lado uma estrutura como esta que é o técnico para eles é fundamental saem da rotina da sala de aulas e têm de possibilidade de fazer experiências, que só nós é que conseguimos proporcionar, portanto genericamente falando todos os públicos podem passar por aqui, e só só salientar um que é muito interessante, foi uma experiência gratificante, uma experiência com invisuais, o Arquiteto Carlos Mourão Pereira era aluno da escola, desde a primeira hora apoiei a ideia, fiquei apreensivo o que visão é que uma pessoa invisual poderia usufruir de um espaço destes, ele veio para além ter ficado surpreendido com a qualidade do espaço e aquilo que o museu tinha para oferecer, porque apesar de tudo é um museu pode ser táctil as pessoas podem não só mexer nos móveis que são bonitos, que são interessantes, atrativos mas podem mexer nas peças e podem senti-las e partir do tato ter a sua noção do objeto e compreender, alguém que lhes pode contar uma história e eles podem ter a peça na mão e vivê-la é uma emoção e é muito interessante, vieram invisuais e uns a fingir que eram invisuais que vieram vendados e queriam ter a experiência sensorial como não tivesse a vista e como poderiam sentir esse museu.

Existe algum programa cujo objetivo seja alterar esta situação? No futuro, há interesse em alterar esta situação?

Digamos que já houve que alturas em que havia mais atividades, a dinâmica é algo que se alimenta de várias coisas e o estímulo para continuar a fazer coisas pressupõe uma coisa muito importante que é também o reconhecimento dessa atividade por parte da instituição, infelizmente atualmente a avaliação que está em vigor no Técnico também tem uma componente de divulgação, alcance para o exterior, e isso é uma componente que ao ser valorizada pela própria escola automaticamente já está a chamar a si um conjunto de pessoas, se não há qualquer valorização desse tipo de atividades acabam por ir correr para o local que lhe dá os créditos para ser avaliados na sua função, se apenas a docência conta-se e a investigação conta-se como foi durante muito tempo conta-se e como foi durante muito tempo só a investigação é que era o pilar sobre o qual se avaliavam as pessoas, atualmente não existem vários pilares e quando se valoriza explicitamente uma atividade científica de divulgação de ligação á sociedade, automaticamente se está a chamar

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

público e mais pessoas se vão interessar por ela e nesse sentido acho que foi muito importante e a escola assim reconhece. Não sei se respondi á pergunta?

Em parte sim, mas também gostava de saber se têm por hábito aplicar questionários de satisfação ao público?

Sim no âmbito de algumas formações, por exemplo na Câmara Municipal eles avaliam, são obrigados a avaliar, no caso de uma formação de professores também são obrigados a avaliar são atividades certificados, depois há outras que nós pontualmente pedimos que nos enviem as respostas algumas vezes esquecem de enviar, em que são avaliados no próprio local, tínhamos uma atividade que era desenhada para o público secundário chamávamos o “Geopaper” que não envolvia só os museus, envolvia também os laboratórios, eram atividades que circulavam por todo o edifício tinham contacto com o trabalho de vários centros de investigação e os museus e no final avaliavam todas essas estatísticas que existem de atividades diferenciadas foram sempre avaliadas e sempre muito positivamente, ou seja, raramente ou nunca tive uma avaliação que percebesse que nem era mediana, as pessoas vêm gostam e têm vontade de vir novamente como acontece com as pessoas da Câmara sempre que fazemos qualquer coisa estão cá, mesmo que já tenham vindo cá ao museu gostam sempre de vir e aconselham amigos a vir, aquilo que se espera em termos de reação tem sido sempre muito positivo.

Qual o público que gostava que frequentasse o museu de uma forma mais expressiva?

Sim, há público que eu sei que seriam muito interessantes nomeadamente na parte artística, pode envolver escultura, desenho, pintura, arquitetura, já fiz várias vezes os convites para os alunos de arquitetura são fontes de inspiração muito interessantes, eles andam muitas vezes só a desenhar os corredores e de fato aqui dentro do museu compreendo que seja difícil de desenhar porque está recheado de coisas, mas às vezes aquele pequeno objeto, há aqui um material esteticamente apelativo e há N público que poderiam usufruir porque a temática do museu é muito propícia para falar sobre o planeta, os problemas que nos assolam da sociedade atual, nos recursos, no ambiente, temos aqui materiais que são os materiais que nos rodeiam e muitas vezes nada a eles ou que de uma forma ou outra é o nosso planeta, e isso é uma temática desde a aquilo que gastamos que consumimos, aos cuidados que devemos ter toda esta parte ecológica de sustentabilidade este museu é dos melhores para mostrar este tipo de coisas, por isso imagino qualquer público, é muito transversal, já tivemos também experiências interessantes de fazer aqui atividades científicas e divulgação com concertos musicais cá dentro e foram um sucesso, foram momentos únicos e as pessoas adoraram, infelizmente não tivemos não tivemos a sala a abarrotar mas quem cá esteve adorou, dentro de um museu destes onde a calma, onde a tranquilidade, ou se quisermos ser mais um pouco esotéricos há muito energia positiva, a pessoa pode se descontraír e relaxar e na realidade às vezes aquele momento que nós precisamos para fazer uma pequena pausa mesmo dentro do instituto podia ser feita aqui, e pode ser uma aula de yoga, pode ser uma meditação, se a pessoa precisar de parar o fato de existir estes museus é uma valência que ainda não foi ainda trabalhada mas com certeza que seria útil e saudável.

Referiu já várias atividades, mas deu-me a entender que não têm programação?

Sim, não há uma programação definida, obviamente e infelizmente depende muita das iniciativas que eu atualmente conseguindo envolver, mas durante o ano vão -se criando uma meia dúzia de iniciativas aqui ou fora de portas porque às vezes há coisas feitas por nós também já noutros locais, somos convidados para ir, por exemplo ir aos restauradores numa altura em que se falava de museus e sermos convidados para uma palestra e estarmos lá a falar para o grande público ou irmos ao museu de ciência, participarmos em congressos, conferências, também é outra de maneira de nos mostramos. Já me perdi na pergunta...

A pergunta era se existe alguma programação de atividades?

Pode ser feita e é algo que podia ser melhorado e criar aquele guia, aquele ritmo mas está pendente e como somos muitos poucos e se houvesse uma licitação que vem por e-mail quase sempre até á data nunca negamos um atividade se eu não poder á sempre alguém que aqui pode assegurar e portanto a pessoa vem e são trocadas as informações, combina quem é o público, que quer ver, qual a duração, e agenda-se um dia e normalmente consegue-se marcar, se houvesse uma oferta permanente era diferente mas também não há uma garantia que tivéssemos sempre pessoas á assistir, há atividades que têm muita gente, há outras que não têm muita gente, os canais de divulgação não chegam mesmo aqui dentro do Técnico, penso que muitas das atividades não motivam internamente as pessoas dentro do Técnico, quando vêm ficam surpreendidas gostam e ficam com vontade de voltar mas até chegarem e virem a 1ª vez é muito difícil atingir o público interno aqui.

Existe alguma parceria com outra entidade/instituição ou empresas na programação das atividades dos museus?

Nós trabalhamos desde início e sempre que houve conferências ou congressos para falar deste património científico, no âmbito da nossa Universidade ou antes até de existir a Universidade, dos museus ligados á Universidade de Lisboa os vários institutos, o conhecer as pessoas associadas a cada uma delas já é bom porque permite perceber há questões podem ser tratadas a um nível superior e aqui a relação é muito agradável, muito íntima com as pessoas que estão ligadas á Univ. de Lisboa e coordenação de museus é sempre muito boa, periodicamente vêm alunos de conservação, outros que estão a formação em museologia passam por aqui, ajudam-nos a ver algumas deficiências a valorizar algumas coisas que nós temos, há muita permeabilidade e é muito fácil e desejamos que isso ainda incentive mais, teses de mestrado, trabalhos de investigação que têm sido feitos que queiram incluir-nos ou pela coleção ou pelo museu em si, ou pelo espaço ou as personalidades, damos sempre a maior força para que esses trabalhos se desenvolvam está continuamente aberto para trabalhos de investigação, depois temos a integração em roteiros, neste caso roteiros geológicos e mineiros são parcerias que envolvem todo o país, uma coisa bem organizada, bem estruturada com oferta por um lado da parte industrial, tecnológica, mas também cultural e com muito peso e cada vez com mais parceiros, portanto em todo o país é uma rede está

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

sempre todos os dias a lançar mais uma exposição, mais uma visita, mais um conferência, mais um concerto, essas parcerias são extremamente importantes e ampliam a nossa atividade.

A nível institucional qual é, na sua opinião, a imagem que o museu tem fora das suas instalações?

A maior limitação é não termos conseguido chegar a um público tão vasto como queríamos mesmo sejam aquelas pessoas que estão a nível mais titular de outros museus, o fato de eu tentar sempre estar presente em eventos e reuniões com outras tipologias de museus e tentar ancorar e fazer coisas em conjunto é muito importante, por exemplo uma última que fizemos foi uma combinatória entre a associação de professores de história e Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Museu Anastácio Gonçalves e nós próprios, trocamos durante umas semanas atividades que promovíamos entre todos, cada um de nós no local, promovíamos as outras atividades, para além de nos enriquecer porque não são museus não exatamente com os mesmo perfil mas é muito interessante, falta ainda um salto qualitativo e quantitativo para conseguir chegar a mais pessoas, porque as pessoas que conhecem o museu percebem o valor intrínseco que o museu tem, mas não chegamos ainda a toda a gente aos potenciais utilizadores.

O que pensa sobre a divulgação e os meios utilizados na promoção do museu e dos vossos eventos?

Uso as ferramentas disponíveis, geralmente a maior limitação do museu em termos de divulgação é a imagem, portanto o museu como uma estrutura interna atualmente incluído como uma unidade dentro do Departamento de Eng^a Civil, Arquitetura e Georecursos tem reconhecimento tem existência própria até em Diário da República, mas na prática infelizmente não se assume a existência do museu como uma estrutura viva e que devia estar fisicamente e logisticamente enquadrada na estrutura do técnico ou da própria Universidade, é algo que tem a ver com algumas indefinições que são do foro muito mais básico, que tem a ver coma tentativa e a vontade de há muitos anos de haver pessoas que no fundo falando de uma forma diretamente querem destruir a estrutura museológica que existe, é difícil e é um pano de fundo, é uma nuvem negra que está sempre a pairar que qualquer investimento que se possa fazer, em termos de imagem que nos iria permitir divulgar de uma forma mais forte e mais viva, tem sempre essa sombra por detrás, divulgar para quê? Se isto é uma coisa a prazo. É uma questão fundamental e básica para mim é algo mesmo básico e como zelador do património e dos próprios espaços museológicos vejo muitos protagonistas a entrar e a sair e a dar opiniões e só tenho que ouvir e fingir já que não é real, não é verdadeiro, porque toda a gente dá opinião sobre tudo e de fato até á data nunca tive uma abordagem direta de alguém que tenha vindo falar seriamente sobre isto e que me criei uma proposta alternativa ás estruturas que existem se houver alguma alternativa que seja boa e viávelde se começar já a trabalhar nessa alternativa, no fundo estar a vender um peixe quando na realidade aporta pode fechar a seguir é uma limitação muito grande e é ai que vai bater na questão da imagem e na questão até de muitas coisas que podiam estar a ser feitas e não são feitas porque é fazê-las seria uma falta de respeito, por ex. aceitar coleções que já vários colecionadores quiseram oferecer ao Técnico, de fósseis coleções magnificas com grande valor científico e até material,

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

aceitar e depois perceber que aquilo vai ser encaixotado, o Técnico não vai dignificar esse tipo de material, eu pessoalmente não consigo aceitar e fazer compromissos dessa natureza. Ter uma imagem e dizer a escola a estrutura assume que é importante sobre todos os pontos de vistas que já falamos e vai criar a sua imagem coerente com essa importância, a partir do momento que isso se crie o foguetão dispara e pode ir em todas as direções, porque as redes que existem e os meios que estão á nossa disposição são muito grandes, digamos que esse será um espetro crucial aqui.

Mas neste momento o que existe em termos de divulgação?

Em termos de divulgação trabalhamos de fato em rede, por exemplo se eu falar com a associação de professores de história com quem colaboramos muito, temos a base de dados que eles têm, internamente aqui fazemos colaborações com o American Corner que estão na lista de convites, estamos alicerçados e através da rede de contactos de cada um dos parceiros podemos ampliar.

Mas em termos de materiais como cartazes, folhetos, newsletters, redes sociais...

Não, porque é a tal coisa que símbolo se vai para num museu que não tem cara, é tão fundamental como isso, claro que se cria e se uso o símbolo do técnico e escreve-se por baixo em rodapé museu A, museu B mas não é a mesma coisa mas de qualquer maneira temos um correio eletrónico na tal rede de minas, onde as pessoas têm tudo qual a oferta que o museu pode dar que condições nós podemos funcionar, tem um e-mail mas de fato não há uma produção própria do museu apesar de termos em carteira N coisas.

E um site?

Site atualmente usamos o do roteiro de minas, apenas temos um link dentro do departamento a dizer que existe o tal museu, a Prof. Zita avançou um pouco mais que nós porque conheceu alguém para desenvolver o site mas é um museu com outra tipologia essencialmente expositiva e objetos mais ligados a instrumentos, a natureza é mais limitada do que aquela que nós conseguimos ter aqui, porque temos sempre museu/laboratório fototeca, mapoteca, biblioteca como conseguimos articular tudo isto os públicos podem ser muito diferentes. Temos publicações também onde os museus são descritos, onde algumas figuras de professores. Mas são publicações na área da museologia ou na área da história. São coisas que vão aparecendo, os materiais que fornecemos, não sei se é neste ponto que seria interessante falar, se fizermos coisas para escolas secundárias muitas vezes providenciamos e fornecemos material científico que eles depois na aula poderem discutir, temos aulas pré- preparadas enquanto eles estão aqui podem continuar a trabalhar na aula e os professores sabem também que têm aqui o apoio em termos de materiais, portanto somos docentes também acabamos por fornecer de uma forma mais pessoal disponibilizamos quase tudo o que temos em benefício dos alunos.

Existe algum orçamento para o museu?

Não, o orçamento até á data tem sido sempre zero digamos o que é feito, as verbas vêm de algumas prestações de serviços que são feitos por mim no âmbito aqui do laboratório e por vezes

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

conseguir-se um pequeno apoio ou outro esporádico, mas quase sempre os custos são assumidos por aqui, um pequeno patrocínio mecenato às vezes também, mas tem sido pouco, globalmente falando quase sempre temos sido nós a internamente a assumir aqui a assumir esses custos, quando digo nós estou a falar antigos

Tenho conhecimento que o Museu DECivil tem um orçamento para gerir, sabe me dizer porque aqui não é atribuído orçamento?

É uma boa questão, é uma boa questão, por isso eu digo será que este museu existe? eu não estou lá naquele edifício mas até não é muito longe e hoje em dia há muitos meios para ... o museu de civil também tem uma pessoa alocada para fazer o atendimento da parte da tarde e se calhar parte do ordenado dessa pessoa é pago pelo departamento, mas a pessoa também trabalha no departamento integralmente, a pessoa que dá esse apoio está a tempo inteiro no departamento mas possível, mas se parte corresponderá a esse tipo de atividade, não sei qual é a estrutura, não sei qual é o orçamento nem nunca me foi proposto um orçamento, já agora só uma curiosidade foi uma luta muito grande em que eu tivesse um pequeno crédito na minha atividade, em que eu recebo, e alguém diz que de fato eu faço qualquer coisa em termos de administração, o fato de ter esta responsabilidade toda há muitos anos, muito antes de ser diretor eu tive muitos anos a preservar e a organizar coisas e aquilo está atualmente visível não tem nada a ver com o que estava á 15 anos atrás ou 20 anos, não está bem mas estava muito pior e principalmente trabalho foi preservado, coisas que estavam dentro de salas de aulas, expostas em corredores o nível de vulnerabilidade das coisas e coisas que desapareciam era muito grande, esse trabalho que tenho vindo a fazer ao longo dos anos e que ainda está em curso em permanência não tinha créditos de serviço e foi uma luta grande ter lá 0,5 créditos na minha atividade o que significa que há um reconhecimento pelo menos dessa função.

Quais os principais problemas e necessidades?

A principal é a indefinição, porque depois querendo-se uma coisa assumindo-se uma coisa que existe e que tem uma função e esta é reconhecida, pode-se desenvolver uma estrutura e montando o terreno consolidado, obviamente que tem de se fazer, dá insegurança e a pessoa pensa que é temporário, está-se a gastar energia, recursos para uma coisa que depois não tem continuidade e é um mau investimento, diga-mos se calhar que esse é o pior handicap e limitação, o resto havendo isso o financiamento poderá surgir por muitas vias, desde o merchandising até junto do mecenato, tem é de a ver é uma coisa que exista assumida e que alguém diz assim isto é para apoiar para ir para a frente que vale e que dignifica não só o Departamento mas também a nosso instituto e a própria Universidade, o património que é o que mais me custa é que estamos a falar de património nacional, que é um património de todos, corre o risco como em muitos casos de se perder e desaparecer de um dia para outro já vários museus nesta área da geociências quando começaram a criar algumas alterações houve perdas enormes, para não dizer furtos, material que de um

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

momento para o outro desaparece e mais ninguém sabe portanto é uma pena se isso acontecer aqui, vou tentar tudo por tudo para que isso não aconteça, mas pode acontecer.

O que pensa da possibilidade de criar um SE que articulasse com os museus?

Eu acho que era mais do que desejável, de fato nós temos aqui no instituto áreas de comunicação, audiovisual, plataformas para o exterior que valorizam às vezes muitos aspetos que são mais mediáticos, penso que se todos nós e é tal questão se isto é para valer se é para fazer á séria então vamos fazer isto como sabemos fazer como profissionais e nesse caso aquilo que se cria, aquilo que se oferece são serviços bons e vão ser divulgados internamente para fora através dos canais que cá temos se isso pode ser, ótimo porque conseguimos ter o máximo de input no verão uma formação durante 15 dias ficam aqui na escola passam aqui no museu e como aconteceu na ciência no verão, não sei dizer qual o tempo que ficam, se estiverem cá 15 dias muitas atividades decorreram aqui no museu, tiveram ali sessões onde poderão fazer experiências, onde poderão fazer coisas e foi coordenado pelos alunos, eu não intervi em nada é uma forte que é boa para os alunos, ainda não ressalvei esse aspeto mas penso que foi um dos aspetos mais positivos que vi na formação dos nossos alunos foi pô-los perante turmas do secundário e serem eles próprios a demonstrar as experiências e estarem ali em primeira linha desde os primeiros momentos que estão tímidos costumam a falar dizem o mínimo possível, escondem-se um bocado de lado, fingem-se que não estão lá até assumir um protagonismo estarem completamente á vontade, terem graça, poderem gerir grupos vê-los crescer, nesse aspeto é algo só se consegue através de atividades deste tipo. O Serviço Educativo tem de estar afinado para fazer este tipo de coisas, não é para fazer uma produção em série, às vezes as pessoas pensam que é uma máquina a funcionar, não é uma coisa personalizada, não estar ali por estar, é algo que tem de sentir que têm ali alunos pequeninos e maiores é muito importante aquilo que se está a dizer e serem eles a perceber já isso e conseguirem chegar a esses públicos é uma maravilha.

Será possível na sua opinião existir um SE comum a mais do que um Museu do IST? Porquê?

Até era conveniente, acho que sim, quando mais em rede aqui dentro nós tivermos mais vantagem temos porque as questões hoje em dia e cada vez mais não se esbatem numa área científica, há um problema que aparece uma pessoa da química vem aqui olha isto com outro olhos, um da matemática olha com outros, o da física olha com outros, cada pessoa que entre aqui vai apreciar e vai estar sensível de um aspeto ou outro, da mesma maneira que se eu for visitar outro museu para além do prazer da peça eu vou apreciar as coisas á minha maneira se tiver possibilidade de ver a mesma peça, sobre várias perspetivas é ótimo porque a pessoa enriquece muito culturalmente, e isso tem-se trabalhando em equipa, tenho pessoas que trabalham desde a primeira hora comigo por exemplo da área da química a Prof. Clementina Teixeira é uma grande divulgadora das que eu conheço na área dela aqui no técnico, portanto desde há muito anos lidar com turmas e turmas ela faz divulgação em todo o país, nas ciências vivas em todo o lado uma pessoa incansável e agora infelizmente está reformada mas continua através do Facebook e em qualquer sítio sempre a dinamizar, pessoas como essa são mais valias em qualquer sítio onde a gente esteja, é muito bom e

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

ela aqui sempre que faço uma semana de ciência e tecnologia, ou ciência viva se poder enquadrar uma atividade dela em que possa participar ou posso ajudar ótimo e ela adora porque também e aprende e trocamos sempre as nossas experiências e nós gostamos muito de a ter cá, assim como outras pessoas, é um área diferente deveria de ser transversal.

Aceitaria de bom grado que aqui o museu fizesse parte em comum de um projeto educativo com o MuseuDECivil?

Claro, até ia muito mais longe, porque nós aqui estamos dentro do mesmo departamento podemos falar e podemos tentar combinar coisas em conjunto, é mais fácil e podíamos trabalhar nisso.

Como vê que o SE poderia contribuir para a missão do Museu?

Os contributos são imensos, há um projeto não sei se a Natália conhece que é o projeto e-escola entretanto penso que surgiu outro. O projeto e-escola surgiu na tentativa dos docentes do técnico criar conteúdos para disponibilizar para toda a comunidade pode ser para os alunos daqui, mas estando na internet qualquer pessoa tem acesso também me associei a esse projeto assim que percebi que ele ia andar, portanto através da química criei uma ligação, mas aí tinha a matemática, tinha a física, tinha ciências de engenharia uns desenvolveram imenso porque a própria oferta educativa chegou quase ao nível do doutoramento aquilo que estava ser produzido podia ser a causa mais atual e ir desde o nível básico, intermédio até avançado e isso é muito importante o serviço educativo para além de envolver o tal contato com as pessoas e tudo o que é feito também pode contemplar uma oferta educativa á distância e isso é algo que havendo projetos, havendo verbas e financiamentos para isso ainda projeta mais, nós atualmente através do portal e-escola conseguimos ter visualizações às vezes no Google nos motores de pesquisa estar em primeiro lugar num assunto que se faz a pesquisa no Google, quando isso acontece significa que aquele conteúdo vai estar de alguma forma ligado ao museu, vai estar ligado aos docentes que criaram e á própria escola, é digamos a maneira mais ativa, mais dinâmica, mais direta de não ser intrusivo, de não estar sempre a fazer propaganda da escola, as pessoas chegam lá e vêm quem é que fez, quem é que produziu, onde é que isto está e vão ter curiosidade natural para ir navegar um pouco ai dentro e se tivermos muito mais âncoras dessas mais a escola cria ligação á sociedade mais alunos capta, mais conhecidos penso que o serviço educativo é uma aposta importante.

Para terminar gostaria de agradecer a sua colaboração, não sei se gostaria de deixar algumas sugestões sobre aspetos que não tenham sido abordados e que lhe pareça pertinente para este estudo?

Acho que este estudo faz muito sentido e para além de desejar felicidades para que isto corra tudo bem, era bom que este tipo de trabalhos tivesse uma consequência e que chegasse ás pessoas que têm algum nível de responsabilidade e que possam tomar alguma decisão, é que depois de toda esta reflexão, de toda esta organização e vontade e depois não ir mais longe é pena, porque não passa de mais uma tentativa, eu gostava sinceramente que as coisas avançasse independentemente de ser com este museu ou outro acho que tinha muito a ganhar e penso, enfim como docente e como pessoa gosta de cultura e de ciência e tem uma visão de que aprender, não tem de ser um

Mestrado em Educação e Formação

Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

castigo, antes pelo contrário tem de ser prazer conciliar o prazer e alegria disso tudo é feito se calhar em meios como estes nos museus e não em sala de aula, também pode ser mas é mais difícil, aqui as pessoas estão disponíveis não vão ser avaliadas e então recetivas e livres para perguntar e para ver o que quiserem, é um espaço de liberdade, de cultura e gostava muito que a escola envereda-se por esse caminho.

ANEXO 7

Entrevista: Serviço Educativo de Educação e Animação Cultural

Objetivos Gerais:

- ✓ Caracterizar os Serviços Educativos;
- ✓ Conhecer como funciona os Serviços Educativos;
- ✓ Definir o público/visitantes dos Museus.

Equipamento: Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Museus da Universidade de Lisboa

Entrevistado: Dra. Raquel Barata

Cargo: Vogal do Conselho Diretivo do Museu e Coordenadora do Serviço de Educação e Animação Cultural e o Serviço de Comunicação e Imagem

Realizada dia 27 de abril de 2015 das 15h às 16h

Há quantos anos o museu tem serviço educativo? Sempre funcionou com a mesma dinâmica?

Nós tínhamos o serviço educativo separado cada departamento tinha o seu e quando houve a fusão dos museus de Ciência e história natural formou-se um serviço educativo em conjunto com esta estrutura atual, eu diria 2010 mas não tenho certeza absoluta, fica esta data por confirmar.

Em relação ao serviço educativo é isto que lhe disse cada departamento tinha o seu a Geologia, Zoologia, Botânica o museu de Ciência e enfim desenvolviam atividades uns com mais dinâmica outros com menos, mas cada um tinha o seu Serviço Educativo, a partir que os museus se fundiram o Museu da História Natural e o Museu da Ciência criou-se um Serviço Educativo do Museu que é o que existe hoje.

A partir do momento em que foi criado o serviço educativo do MNHNC que eu não tenho presente a data exata mas eu penso que rondará o ano de 2010, passou a existir uma coordenadora do serviço educativo e uma equipa em que cada pessoa é formada na área das atividades que desenvolve em termos do plano de oferta escolar e da oferta cultural para o público e das famílias, Hoje em dia estou a coordenar o serviço educativo há 2 anos, porque em termos de organigrama, hoje em dia nós somos 5 e eu faço parte da direção do museu e cada pessoa na direção tem um pelouro e o meu pelouro é precisamente o contato com os diferentes públicos, nesse pelouro coordeno o serviço de educação e animação cultural e o serviço de comunicação e imagem do museu, coordeno os dois, e portanto em termos de organigrama é assim que está, é afeto diretamente à direção porque dividimos entre nós os

diversos pelouros dentro do museu e o meu acabou por ser este relacionado com os nossos públicos do museu.

Que relações se estabelecem entre o serviço educativo, a direção do museu e os restantes serviços?

Portanto aqui já percebeu que cada pessoa tem o seu pelouro o que significa que estas relações entre os diversos serviços se estabelecem ao nível das reuniões de direção na medida em que está uma pessoa responsável pelos serviços das exposições, outra pessoa responsável pelas coleções de história natural e outra pessoa pelas coleções de história da ciência e outra pessoa responsável pela parte administrativa e financeira do museu, obviamente que é esse nível que todas as relações se estabelecem para qualquer atividade, para qualquer projeto, portanto cada um de nós gere as diferentes equipas e dentro das diferentes equipas cada pessoa tem a sua função muito específica e as pessoas são muito bem informadas da sua função, dos seus objetivos de como funcionam dentro da equipa para que o serviço funcione como um todo, nós fazemos a coordenação mas depois há responsabilidades em cada das pessoas de cada um dos serviços, do serviço educativo também, Claro que o serviço educativo no museu tem um papel preponderante na medida em que somos nós que fazemos a utilização de todos os conteúdos que podem ser aproveitados tanto das coleções como das exposições, nós temos uma intervenção ao nível das exposições, ao nível da comunicação e a nível das atividades que se fazem com o público no fundo há um triangulo dinâmico que tem de existir em qualquer museu no meu entender: entre o serviço educativo, serviço de comunicação e o serviço das exposições, porque são estes três serviços que comunicam com os públicos seja o escolar, as famílias o visitante comum geral, seja educação informal, educação não formal.

Quais as maiores potencialidades que o serviço educativo tem?

Quanto a mim não é potencialidade é essencial que ele exista na transmissão de tudo o que são conteúdos que o museu quer passar ao seu público, mesmo ao nível da conceção de uma exposição o serviço educativo tem de estar presente, e nós hoje em dia qualquer equipa de qualquer exposição desde os comissários de uma exposição, à museografia há sempre uma pessoa da equipa do serviço educativo que está presente na equipa das exposições e essa pessoa vai ajudar a fazer às vezes até a tradução de conteúdos para o público e perceber de como vai dinamizar as atividades utilizando aquela exposição e isso é mesmo importante que se faça desde o início da conceção da exposições que o serviço educativo esteja presente é depois ele que ajuda a trazer aqueles conteúdos que depois é difícil e têm de existir especialistas e acho que é isso hoje falta no nosso país em Portugal especialista em Educação em museus – Educação Museal se quiser chamar assim, pessoas que se dediquem a perceber qual a forma mais otimizada de conseguir comunicar com os diferentes públicos de um museu, seja ao nível das exposições, seja ao nível das atividades que se fazem seja ao nível dos materiais da comunicação que saem, para divulgação das atividades, a todos os níveis e tem de haver um trabalho muito articulado entre as pessoas destes três serviços: exposição, comunicação e

educação para que essa comunicação com o público a todos os níveis seja de conteúdos, seja de comunicação ou promoção, ou seja otimizada.

Como é constituída a equipa do serviço educativo?

A nível da formação do serviço educativo deste museu tentei fazer esse percurso na minha formação académica, sou Bióloga mas depois fiz o meu Doutoramento em Psicologia em Educação Ambiental como otimizar esta comunicação no caso do meu Doutoramento em particular dediquei-me às escolas e à educação não formal, como um museu complementa a educação formal do ponto de vista não formal no próprio museu, mas estou a fazer ainda o meu percurso mesmo a nível da investigação ligada sempre à educação em museus usando sempre este museu e esse é de fato a minha área, depois cada pessoa no serviço educativo tem uma formação específica ao nível de licenciatura ou mestrado nas áreas científicas que o museu tem, temos pessoa ligada à Zoologia, Biologia, outra ligada à Geologia, outra ligada à Química e Matemática, ligada à Astronomia de maneira que todas as atividades dentro do serviço educativo do ponto de vista de conteúdos científicos possa ser abrangente, tenho a parte da Botânica porque sou Botânica.

Como se processa a avaliação do Serviço Educativo?

Sendo uma instituição pública seguimos toda os tramites legais associados à instituições públicas ligada à avaliação do SIADAP e toda a legislação associada a isso, os recursos financeiros são os da Universidade de Lisboa a nossa tutela, não temos autonomia financeira o orçamento é do Estado via Universidade de Lisboa que determina o orçamento do museu, temos cada vez mais esta relação com a Universidade é uma aposta nossa e é isso que faz sentido em relação à missão do museu é precisamente promover a Universidade e promover o conhecimento científico da Universidade e usar o museu como charneira entre a sociedade e a Universidade, fazemos esse papel e esta na nossa missão e depois temos implementado desde há 2 anos para cá precisamente, que é a minha área de investigação esta área do IBSE que eu faço formação dos monitores para que nós possamos implementar esta metodologia educativa que é hoje em dia está bastante disseminada a nível europeu e mundial de ser aplicada na educação em museus, ser uma abordagem educativa em que nós pomos os nossos participantes a questionar aquilo que estão a ver ou pelo menos provocar a curiosidade agora isto depende se é uma visita informal que vêm sozinhos ou se é uma visita não formal em que nós estejamos envolvidos e que tínhamos de provocar a curiosidade dos nossos participantes, mas a ideia é que eles sejam conduzidos a investigar por si mesmo que sejam orientados por nós, respostas a questões que sejam para os participantes muito caras, muito importantes, neste caso de ciência, porque somos um museu de ciência com o quotidiano das pessoas e no fundo trazer a ciência que normalmente está lá tão longe e que normalmente as pessoas não associam a à sua vida diária mas que está presente em tudo, e fazer com que as pessoas quase intuitivamente e quase sem darem por isso vão à procura de respostas a questões que tenham diretamente a ver com a sua vida, portanto é isso que aqui nós fazemos desde a visita guiada mais simples por exemplo aqui ao jardim botânico, pode ser aqui como outra exposição qualquer ou até atividades um

pouco mais elaboradas como por exemplo os jogos de pistas que se façam no museu, atividades para recolha de conteúdos nas várias exposições se chegarem a um fim material coletivamente de um grupo escolar, o efeito é usar sempre esta metodologia educativa.

Como é elaborado o Plano de Ação Educativa?

No planeamento das atividades o que nós fazemos é de maneira ter uma oferta mais abrangente possível é conseguir formar monitores e fazemos um curso de formação onde precisamente todas estas questões são incluídas não só dos conteúdos das exposições mas também da metodologia educativa IBSE de maneira a formar os nossos monitores, fazemos uma bolsa de monitores e assim tanto o serviço educativo com monitores externos podem ser enquadrados para ser temos uma oferta que pode ser simultânea em vez de termos só uma pessoa a fazer uma atividade podemos ter duas ou três a ideia é tornar a oferta mais larga e para que isto tudo funcione a nível dos timings nós preparamos a nossa oferta escolar e a nossa oferta cultural separadamente todos os 15 de abril e já fizemos já tenho tudo planeado para o ano que vem agora estou só a certar com as designares a fazer uma roupagem nova porque é um novo ano letivo, no final de maio estão impressos e em junho seguem para as escolas eu faço seguir o cultural ao mesmo tempo o escolar porque não faz sentido produzi-los em tempos diferentes por uma questão prática, porque o escolar tem de seguir o calendário escolar este não teria mas acaba por seguir também, portanto nós fazemos sempre o balanço do ano anterior em março, fazemos o planeamento do ano seguinte em abril, fechamos o planeamento em abril, fazemos os materiais para divulgação dessa oferta, estamos a produzir em maio, vão para as escolas em junho, porque há escolas que planeiam o ano seguinte em julho antes do fecho do ano letivo, e para não perdermos esse contato com as escolas enviamos logo em junho, e esta a oferta que mantemos durante um ano, que seja constante de forma a não causar grandes alterações mas também tentamos de ano para ano exista alguma inovação relativamente à avaliação que fizemos do ano anterior, uma coisa que em mim é mesmo muito cara e muito importante e faz parte da implementação da avaliação das atividades tanto junto dos professores na oferta escolar como junto do público na oferta cultural, também nos forçamos por ter no início do ano os dados analisados, nós fazemos questionários aos professores como ao público participa nas nossas atividades e temos esses dados analisados de maneira a poderem ser para balanço de uma nova oferta para o ano seguinte e tem funcionado bem que nos ajuda a ter alguma inovação, ajuda a ter a perceção do que funciona melhor, do que funciona pior e portanto este era um ponto que eu não queria deixar mesmo de dizer, acho que é o fulcral de um serviço educativo é nós percebermos se estamos a ir na direção certa e não há outra forma melhor do que através da avaliação.

Como caracteriza o público e de que forma avalia a sua participação nas atividades?

Temos diferentes públicos mas temos um público escolar bastante fiel durante estes anos todos mesmo desde que os seus Departamentos tinha o seu público escolar e portanto fomos trazendo um público escolar muito fiel queremos alarga-lo e personalizá-lo e isso é também um desafio meu que é conseguir uma rede das escolas aqui à volta de maneira a personalizar projetos de

ano letivo inteiro porque como estamos tão perto os Professores vêm cá muitas vezes nós podemos ir á escola já fazemos e estou a importar para o serviço educativo todo, conseguir com as escolas que são desta freguesia fazer um acompanhamento ao longo do ano letivo o que é extraordinário os professores também agradecem essa colaboração parceria e temos todos a ganhar como é óbvio.

O público em geral tem sido o nosso grande desafio porque nós temos um publico maioritariamente turista e não é esse o nosso público de atividades, temos exposições destinadas aos turistas porque estão bilingue mas não temos atividades educativas para os turistas fazemos para o público português, portanto o nosso grande desafio tem sido chamar o público português ao museu e fazer com que as famílias venham ao museu especialmente ao fim de semana e criamos uma oferta que na realidade só este ano letivo que está agora a terminar está implementada numa periodicidade de atividades ao fim de semana, as pessoas habitaram-se durante este ano a ver e a saber que há sempre atividades ao fim de semana e basta aparecer nem é preciso inscrever a priori nós estamos cá e temos atividade para fazer e é algo que estamos a implementar tem tido os seus frutos tem corrido bem as pessoas já se começam a habituar que assim seja, que nós tenhamos programas para dias comemorativos específicos e por exemplo este último sábado foi um sucesso, porque também criamos o objeto do mês, o tema do mês todos os meses há um tema diferente e um objeto que sai das nossas coleções para o atrium do museu de forma a comemorar esse tema, e depois fazemos uma quantidade de atividades durante esse mês destinadas ao público em geral para chamar o público aos fins de semana, e só para dar o exemplo o objeto deste mês era o computador o spectrum, o 1º computador de jogos que fez no sábado passado 34 anos apareceu no dia 23 de abril de 82 e nós fizemos uma parceria com associações que têm a coleção desse equipamento e têm os jogos e vieram para o atrium do museu, transformamos a sala do museu numa sala dos anos 80, e tivemos imensa gente, muita gente, não conseguimos contabilizar as pessoas com contador, mas assim por alto tivemos entre 350 a 400 pessoas a passar e a jogar ali no atrium, e como a nossa ideia é dar a conhecer o museu, que as pessoas se apercebam que existe, porque há muita gente que não sabe que o museu existe, até sabe que o jardim botânico existe mas não sabe que o museu existe, portanto o nosso grande desafio tem sido divulgar o museu, associe-me a tudo o que posso de eventos externos que acontecem aqui à volta por exemplo aconteceu o INDIE – festival de cinema independente e nós tivemos associados a fazer atividades na festa do INDIE, portanto tudo o que é desta rede envolvente que faz sentido criar parcerias que o museu pode desenvolver atividades com o mesmo público e por lado as instituições agradecem porque querem enriquecer os seus eventos nós estabelecemos essas parcerias, tem corrido muito bem nesse aspeto. As parcerias são inúmeras neste momento, seja ao nível como agora referi do INDIE seja a nível de muitas outras, seja ao nível por exemplo de cursos de formação que se fazem cá que nós estabelecemos parcerias diversas, seja ao nível das parcerias dos dias comemorativos, temos inúmeras parcerias, agora vem o 18 de maio temos parcerias com outros museus, como o museu da água, e tenho parcerias com outros museus faço muitas vezes com o museu da água, da eletricidade, faço parcerias com as instituições aqui à volta tem acontecido muito.

Que projetos educativos têm para o futuro? Pode falar sobre o método IBSE?

Claro que na aplicação do método IBSE fazemos um esforço apesar de isso ser com o tempo a pouco a pouco, de fazer um contato antes e depois com as escolas, e como eu estava a dizer com a rede da freguesia eu já consigo fazer isso, por criamos um programa que funciona muito bem em que há uma continuidade em que os professores e os alunos percebem nitidamente o que vêm fazer ao museu durante o ano inteiro que faz parte de um projeto e acho que isso é mesmo muito importante, nós recebemos cerca 155 000 visitantes no museu sendo cerca de 33 000 do serviço educativo, portanto isto por alto, é esta percentagem mas é bastante elevada temos muitos projetos educativos, e projetos internacionais que eu coordeno, funcionamos a nível de consórcios europeus de maneira a ter atividades e uma forma financiamento externo, atividades diferentes de grandes eventos, grandes exposições basicamente de eventos e cadeia de eventos destinados aos público em geral que são facilitados através de projetos neste caso europeus, neste momento estamos envolvidos em três – educativos.

Como é que o museu se posiciona em relação às Boas Práticas na criação de respostas inclusivas para públicos-alvo diferenciados? E qual o papel do Serviço Educativo neste campo?

Nós temos o que de mais básico é ter obrigatório, temos os elevadores para a entrada ao museu e acesso ao 1º piso mas depois ainda há muito trabalho a fazer e para isso precisamos de financiamento ao nível da comunicação de conteúdos da comunicação em si essas não estão feitas e adaptadas, há muito trabalho a fazer já tivemos cá uma pessoa a trabalhar, temos o projeto feito, levantamento de tudo o que seria preciso implementar, agora é só uma questão de se conseguir financiamento para se implementar porque para já temos as casas de banho, tudo o que é de legislação está tudo o que tem de ser implementado para um museu inclusivo, temos em projeto.

ANEXO 8

Entrevista: Museu da FEUP

Objetivos Gerais:

- ✓ Caraterizar os Serviços Educativos;
- ✓ Conhecer como funciona os Serviços Educativos;
- ✓ Definir o público/visitantes dos Museus.

Equipamento: Museu da FEUP

Entrevistado: Dra. Susana Medina

Cargo: Técnica Superior nos Serviços de Documentação e Informação

Realizada dia 18 de maio de 2015 das 10h30m às 13h

- Há quantos anos o museu tem serviço educativo? Sempre funcionou com a mesma dinâmica?

Nunca falei da nossa prática educativa do museu assim de uma forma tão específica. Vou começar por dizer que o museu da Faculdade de Engenharia do Porto é um museu que é uma unidade dentro de um serviço, serviço de documentação e informação e que foi criado em 2004, desde então o que temos vindo a fazer que tem vindo a constituir grande percentagem do nosso trabalho é um inventário, a descrição e a recolha de informação sobre as coleções, recolha a partir de cadastros antigos e conservação, exposição e essencialmente digitalização em formato digital, essa foi assim digamos que a primeira fase até 2009. A partir de 2009 com o inventário, sumário para a maior parte das coleções e já aprofundado porque sempre que nós fazemos um estudo coleção, fazemos uma exposição e divulgamos o nosso trabalho nas coleções dessa forma, Aquilo que nós fazemos é no fundo cumprir as diferenças funções museológicas tendo um entendimento do serviço educativo um pouco diferente, como disse à pouco como nós estamos inseridos numa faculdade já de si é uma instituição educativa.

A política educativa definida para o museu está em consonância com a missão Serviço Educativo?

Esta noção de educação neste contexto por vezes tem ser quase negociada, ou seja, por um lado o nosso trabalho não temos um serviço educativo constituído mas prestamos serviços e desenvolvemos atividades educativas, em primeiro lugar para o público interno, para professores, alunos e funcionários, temos uma atividade variada nesse sentido e depois para públicos externos embora não tenhamos capacidade em termos de recursos humanos para ter uma atividade regular e permanente aquilo que nós fazemos normalmente é receber os pedidos, acolhemos esses pedidos de visitas guiadas, atividades depois digamos que há outros serviços dentro da faculdade que cumprem essa função até junto dos públicos escolares muito mais do que nós, e são serviços com os quais colaboramos, com lógicas diferentes, por exemplo os serviços de comunicação desenvolvem duas grandes atividades ao longo do ano: a semana

profissão engenheiro, tipo atividade semana aberta para públicos escolares, no início era para todos os níveis de ensino, agora está concentrado no secundário 10º, 11º e 12º, constituem-se linhas de exploração de várias áreas de engenharia, áreas transversais e depois os professores escolhem quais as linhas que depois têm acesso a um programa que vai sendo constituído por momentos de palestras, momentos de experiências em laboratórios, momentos de visitas, e quando temos exposição estamos integrados aí essa atividade, como o nosso serviço também biblioteca, aliás este edifício é da biblioteca, aquilo que nós fazemos é apoiar no desenvolvimento das atividades educativas que a biblioteca é mostrada nesse contexto e explicada nesse contexto, para públicos internos com colaboração dos serviços internos desenvolvem atividades educativas informais com objetivos distintos dos nossos, os nossos seriam de despertar interesse para a área de engenharia embora num ambiente informal e gostaríamos de o vir a fazer um dia que tínhamos capacidade de o fazer de forma regular para diferentes públicos não só escolares, mas público adulto com diferentes graus e níveis de interesse, integrando uma área que eu acho que se explora pouco em Portugal que é o voluntário sénior, que pode ser um grupo constituído por ex-funcionários, ex-alunos, ex-professores, que pode ser de facto e nós temos vindo a pensar nisso como forma de garantir uma programação mais regular, recorrendo ao apoio dessas pessoas que muitas vezes até nos procuram oferecer os seus préstimos, pode ser aí uma forma de conseguir suprir esta falta de recursos humanos. Há um trabalho aqui de uma aluna que eu co - orientei exatamente sobre esse tema, depois também lhe mando, ela fez um trabalho engraçado sobre isso aqui ao nível dos museus da Universidade do Porto, propondo uma bolsa de voluntariado sénior no museu, ela explora uma coisa engraçada híbrida que é as coleções dos museus universitários que são coleções ainda de apoio a atividades académicas e depois também coleções que podem ser divulgadas e exploradas por um público não especialista e levanta ali umas questões que podem ser úteis para pensar no seu projeto no seu projeto.

Durante muitos anos os serviços educativos dos museus ciência e técnica, partiram daquilo que se chamou o modelo do défice, achavam que as pessoas que visitavam os museus não sabiam absolutamente nada sobre o tema, e não é assim porque as pessoas contactam com a ciência e a técnica todos os dias, andam de carro, as pessoas têm água e gás em casa, as pessoas vestem roupa que hoje é de fibras artificiais a engenharia está em todo o lado, hoje em dia a internet. Eu quando vim para cá vinha com a prática dos serviços educativos na minha atividade anterior ligada à museologia, vinha cheia de ideias de fazer ações para obras de engenharia por dentro porque achava que a engenharia ainda estava uma área muito codificada, as pessoas sabiam que um engenheiro fazia mas era assim um mundo que ainda estava muito por conhecer, hoje em dia as coisas modificaram um pouco.

- Que relações se estabelecem entre o serviço educativo, a direção do museu e os restantes serviços?

Como estava a dizer nós trabalhamos muitos com a o serviço de comunicação, temos por exemplo também, como por exemplo há pouco tempo celebramos os 100 anos da Universidade Técnica que é contemporânea em relação ao IST, que depois em 1926 vai transformar em faculdade de engenharia, essa atividade foi feita em parceria com o serviço de comunicação,

portanto não entendemos a comunicação como um serviço rival ou que entre em competição conosco mas como um serviço com o qual temos que nos articular porque temos objetivos que se articulam entre si, eles querem suscitar vocações, querem captar novos alunos nós queremos despertar curiosidade e passar de uma formal aquilo que adquirem aqui de formal informal, isto para público escolar, para o público cidadão não especialista também se pode pensar num serviço educativo para especialista que já lhe vou falar disso também, mas o serviço educativo para o público não especialista e cidadão tem a ver para o fato desta área estar embebida no quotidiano e que lhes suscita muitas questões, neste aspeto o museu quase pode funcionar como um museu fórum que aproxima os investigadores e especialistas das pessoas que usufruem do produto de investigação, que eles concretizam assim o museu através do serviço educativo pode atuar como um mediador entre estes dois conjuntos de pessoas que muitas vezes têm dificuldades em comunicar e de encontrar um espaço “ e o serviço educativo pode ser esse espaço fórum, de debate de conversa, de questionamento.

Em relação, também é uma área que me interessa e já tenho desenvolvido algumas coisas da nossa atividade educativa juntos dos públicos especialistas e que quando eu digo especialistas são os engenheiros da casa, os engenheiros da ordem dos engenheiros, os antigos alunos, etc... temos outro tipo de atividades que se centram na transversalidade do conhecimento, pondo a engenharia em contacto com outras áreas que permitem um entendimento da engenharia mais holístico não tanto de uma área especializada fechada em si, mas sim de uma área que pode e deve e já comunica com outras áreas, nomeadamente da história, da literatura, nós temos uma atividade que chamamos de clube de leitura, que acontece não de uma forma tão regular como gostaríamos, nós fazíamos isto de mês e meio a mês e meio a minha colega que fazia parte da minha equipa e que fazia o clube de leitura decidiu mudar de ramo e foi trabalhar para as finanças (que não tem nada a ver mas foi uma opção dela) e ficamos sem a possibilidade de ainda suprir essa lacuna, aparece que durante um ano temos de manter o lugar vago, não podemos durante um ano neste programa que ela se inseriu, não podemos ela vai um ano e depois ainda tem de passar por uma série de testes e só no final se conseguir levar o programa até ao fim depois é que podemos abrir concurso, e então desenvolvíamos essa atividade e combinávamos a programação do que vamos tratar, que tema vamos tratar convidamos sempre um engenheiro e uma ou duas pessoas de áreas distintas, por exemplo que fossem de literatura ou que fossem de história ou de outras áreas que comunicam o objeto de interesse à engenharia, um objeto comum e explorávamos, a nossa noção em relação aos acervos é uma noção muito integrada, ou seja, a componente exploração do serviço educativo agora de praça de discussão que tem a cargo a exploração de acervos de arquivo está comigo também, a equipa agora e a programação que desenvolve tem de ter sempre esta 3 componentes: arquivo e de museu e nós à atividade educativa chamamos exploração de acervos e por isso por exemplo nós ao falarmos Isaac Isimov e do livro “Eu robot” apresentamos um professor de literatura que veio falar sobre Isaac Isimov, sobre a obra e da sua vida futurista do mundo tivemos um professor também da área da robótica que veio falar das últimas investigações na área de alguns aparelhos que já estão no nosso museu, já estão musealizados e ao mesmo tempo esteve a falar dessa noções de futuro, se algumas das afirmações e das ideias que estavam na obra do Isimov se de facto eram utopia ou já tinha sido concretizadas, portanto a nossa abordagem é a estes níveis não temos a

possibilidade como disse de fazer uma atividade regular mas tentamos o mais possível passar essa ideia da engenharia sendo nós os mediadores, os facilitadores, aqueles que conhecem algumas técnicas educativas informais, conseguem chegar a públicos distintos.

Falou à pouco das atividades que são organizada para funcionários, pode explicar um pouco melhor como funcionam essas atividades?

Nós fazemos no serviço, porque funcionamos como pequenas cápsulas de teste aplica-se aqui ao serviço e quando temos sucesso depois escalamos para fora, Um das coisas que fazemos para os funcionários é uma exposição dos museus universitário de ciência, ou exposições na cidade que merecem uma visita nossa, todas merecem mas especialmente aquelas que estão mais perto do nosso universo, organizamos uma visita guiada ao colega do museu que vamos visitar que nos prepare uma visita à hora de almoço, ou seja, toda a gente que naquele dia tem de comer mais rápido organizamos e lá vamos nós e temos essa atividade. Depois temos a nossa colega que está 2 gabinetes à frente com quem colaboramos, também fazemos parte desse grupo, que é o comissariado cultural e que tem vindo a agregar todos os departamentos e serviços que desenvolvem atividade cultural na faculdade e depois tem programação própria, nós entregamos a nossa programação também, e há tempos fizemos uma coisa que foi muito engraçada e que acho que é de repetir uma exposição só para os hobbies das pessoas, umas fazem crochet, outras fazem barcos com fósforos, há pessoas que fazem fotografia, há pessoas que pintam, há pessoas que dançam, então fizemos uma exposição, havia um professor que tinha bonsais, esse foi lindíssimo ele trouxe uma série de bonsais grandes e colocá-los no piso 1, porque era uma exposição disseminada, as pessoas podiam escolher expor as suas coisas nos seus gabinetes ou em espaços de exposição que fomos espalhando por aí, fizemos um roteiro e as pessoas iam vendo durante um mês, agora vamos ver o crochet da Sra. X e a Sra. X tinha lá o crochet em exposição ou então em permanência tínhamos aqui na biblioteca, foi lindíssimo, nós chegávamos à biblioteca e aqui normalmente temos o barulho, a luta pelas cadeiras então na altura dos exames é um horror, acredite que os bonsais que eram lindos primeiro modificavam o espaço, aquele verde no meu da nossa monília que é muito clarinha, as salas e leitura têm muita luz, então aquilo no meio ficava lindo, lindo e dava serenidade o barulho as pessoas deviam sentir ali, isso também fez parte da exposição que acho que foi das mais giras que já fizemos aqui e que faz falta. Vamos fazendo exposições individuais, por exemplo agora lá em cima é uma exposição que fizemos com um Professor que é Prof. de hidráulica tem como hobby a fotografia área e então de vez em quando vamos conhecendo os hobbies das pessoas e contactei-o e pedi para mostrar as fotografias que tinha, fizemos uma seleção, ele faz também fotografia área para fins técnicos da engenharia, como o planeamento, mas depois tem ali outra área mais artística mais preocupada com o detalhe, e achei interessante o olhar dele enquanto técnico e enquanto artista e inauguramos 5ª feira passada a exposição que se chama “Detalhar”, e pontualmente fomos fazendo essas atividades, isto também deu origem já não tem a ver com o meu serviço mas com o trabalho da pessoa que está a desenvolver a produção e programação do comissariado cultural que é a exposição deu origem a oficinas permanentes, por exemplo existe uma oficina de pintura, existe uma oficina de música que já deu origem a uma orquestra de jazz e um grupo coral e deu origem também a uma de danças de salão e agora está mais dedicada até às danças africanas por causa do dia de África no dia 25 que vai haver uma apresentação deles aqui na biblioteca, são estas as atividades que estão abertas não a

funcionários, mas a pessoas da comunidade FEUP que até das faculdades aqui à volta nós abrimos ao campus. Outra coisa que nós fazemos é articular algumas ações educativas com o ISEP (Instituto Superior de Engenharia do Porto) nós estamos nos extremos do mesmo quarteirão é só atravessar a rua em frente e fazemos intercâmbio de alunos, recebes um grupo, eu recebo outro e depois trocamos a meio da visita, fazemos muito isso também, é muito bom em parceria.

- Como é constituída a equipa?

Nós somos 3 neste momento a trabalhar no museu, a margarida está noutra equipa de conservação, mas como viu ela também está a fazer conservação das peças do museu, daquelas balanças como viu também faz parte.

- Quais os maiores obstáculos que enfrentam?

Obstáculos era aquilo que já disse, é o entendimento do serviço educativo numa instituição de educação, tem de se modelar de forma diferente e atuar em parceria com outros Departamentos e Serviços que têm a educação como foco por um lado, e por outro lado o trabalho diário absorvente de quem trabalha no museu e não tem ninguém especializado nesta área, isto requiere uma produção complexa, uma atividade regular sistemática que fidelize e isso consome muito, muito tempo, e não temos essa possibilidade.

- Como se processa a avaliação das atividades realizadas?

A avaliação do serviço educativo é feita maior parte das vezes caso a caso, atividade a atividade, ou então no final do ano, no clube de leitura nós temos aquilo a que nós chamamos de embaixadores é como se fosse um focus group nós tentamos todos os anos que as pessoas nos deem o feedback do ano anterior e trabalhamos com eles as atividades do próximo ano, depois consta sempre, mas sempre do nosso SIADAP, o nosso processo de avaliação, consta sempre como indicador a avaliação por parte dos envolventes das atividades que desenvolvemos, avaliação essa que normalmente é qualitativa não quantitativa e também é uma avaliação importante.

- Quais os recursos financeiros para as atividades? Estes estão previstos em plano de atividades e orçamento?

Nos recursos financeiros nós temos plano de atividades e orçamentos bianual e o orçamento é anual, e nós em todas as atividades montantes que vão variando consoante a escala e a complexidade das atividades que depois podem ser reajustadas pela direção quando vai para aprovação, aprovadas ou não até agora têm sido sempre aprovadas e tem havido verbas o que não é mau, eles devem estar contentes com o resultado e no meio de montantes maiores os nossos acabam por ser pequeninos.

Como é elaborado o Plano de Ação Educativa?

Para o museu no meio de isto implica espaço próprio e nós não conseguimos desenvolver atividades que é a Universidade Júnior, outros museus da Universidade do Porto oferecem esta

atividade educativa, nós não mas temos sempre atividades conjuntas com a Universidade do Porto, por exemplo nós fizemos exposições no dia internacional dos museus que é hoje, tínhamos um fazer uma exposição com as coleções com os museus todos e depois entretanto a rede das museus da Universidade do Porto foi passando por diferentes fases e já algum tempo que não fazemos. As atividades que decorriam das exposições eram articuladas entre nós.

- De onde surgem as ideias/ inspirações para as exposições/ atividades do museu?

Muito de conversas que temos, umas da nossas marcar em termos de serviço é a colaboração com os departamentos e serviços como já referi, nós estabelecemos muitas parcerias e o que nós tentamos cobrir todos os Departamentos, se este ano trabalhamos com informática por exemplo para o ano vamos trabalhar química, tentamos fazer uma programação que seja equilibrada na atenção que prestamos a cada área disciplinar. Aquilo que tentamos também é a criar atividades que sejam transversais a mais departamentos, o trabalho de museografia tem de ser feito departamento a departamento, mas depois a atividade das exposições ou outras atividades nós tentamos que os departamentos se cruzam isto porquê porque a própria arquitetura do campus não fomenta esses cruzamentos e uma das coisas que as pessoas mais se queixam, não há espaços comuns, apesar de haver bares mas são cochichos muito pequenos, agora espaços onde as pessoas se possam sentar e conversar calmamente com pessoas de outros departamentos não existe aqui. As pessoas quase vivem em guetos.

Percebendo as necessidades, os problemas, aquilo que as pessoas querem ver explicado ou o foco da sua curiosidade para alguns aspetos históricos, isso suscita temas para as atividades.

Por exemplo, isso não prescindimos e fazemos sempre são as visitas guiadas, temos sempre uma próxima da data de inauguração no dia a seguir se não for no dia, normalmente vêm para descontrair e uma no encerramento, o que falha é que as pessoas fazem a palestra e fazemos à hora de almoço, as pessoas comem uma sanduiche e vêm assistir, porquê este espaço é longe da cidade é um espaço de trabalho tem uma zona verde muito bonita, mas depois falta a lojinha. E temos dificuldade em ter pessoas em atividades desenvolvidas ao final do dia, então usamos a hora de almoço. Adequamos as atividades às idades e aos perfis.

- Quais os meios de divulgação que o SE utiliza?

Temos página da biblioteca, enviamos sempre um e-mail dinâmico que é enviado para a lista de distribuição da FEUP que abrange toda a gente professores, alunos, bolseiros, técnicos, depois temos comunicação externa que é feita pelo serviço de comunicação que divulga para os canais da Universidade do Porto e chega às diferentes Faculdades, depois as nossas próprias listas de distribuição que incluem outros museus, a ordem dos engenheiros, portanto as comunidades profissionais e antigos alunos, cartazes, os meios típicos gráficos.

- Que projetos educativos têm para o futuro?

Gostava de fazer um projeto educativo e 1 ano um projeto escolar mas está no reino das hipóteses quando conseguir.

- Como é que o museu se posiciona em relação às Boas Práticas na criação de respostas inclusivas para públicos-alvo diferenciados? E qual o papel do Serviço Educativo neste campo?

A própria faculdade está preparada para isso e este edifício também por isso é uma questão a qual somos sensíveis, mas por acaso nunca ocorreu que eu me lembre nunca tive uma situação tomar alguma media extraordinária, o que é certo se calhar deveria tentar oferecer mais, e se calhar não tive porque não faço embora é uma coisa que me preocupa a nível de legendas por exemplo, nunca faço pequenas, faço sempre que seja legível, agora se calhar poderíamos fazer mais atividades para públicas com necessidades educativas especiais, sendo a engenharia uma atividade sensorial, se calhar é um público interessante trabalhar.

- Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Acho que já lhe fui dando sugestões, não se esqueça é daquele trabalho do engenho e obra.

ANEXO 9

Análise de conteúdo da entrevista à Diretora do Museu DECivil

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidade de Registo
Caraterização dos Museus	Acervo/ Património/ Coleções	Características do Espólio	<p>“... ponte de Eduardo Cardoso...”</p> <p>“...o comboio que é sempre uma coisa interessante, a gaiola não é, mas o comboio é...”</p> <p>“...peças de hidráulica...”</p> <p>“é o espólio dirigido para a ciência, para a engenharia, para a matemática”</p> <p>“...desenhos da 1ª Guerra Mundial porque nós temos ali alguns desenhos feitos pelos alunos que entretanto estavam inscritos antes da guerra...”</p> <p>“As peças que lá estão (...) foram recolhidas dos gabinetes ou dos laboratórios ou (...) vieram de uma oficina onde se faziam várias coisas didáticas e vários mobiliários...”</p> <p>“...por ter a parte de história que pertence aos departamentos, não é os laboratórios novos e os computadores e é todo um historial como está bastante documentado com texto em português e agora em inglês também...”</p> <p>“...reserva, onde há mais peças que não estão tão etiquetadas, temos uma lista, o espólio está todo enumerado...”</p> <p>“...tudo o que é antigo, há umas coisas muito específicas...”</p> <p>“o Museu Bordalo Pinheiro, em que casa onde está instalada foi projetada pelo Arquiteto cujo o espólio está neste museu...que é o Gabinete tipo atelier do ...e há uma pessoa que está encarregue desse espólio vir ... fazer uma apresentação tipo palestra para as pessoas que vêm dessa parceria com o Museu Bordalo Pinheiro ”</p> <p>“...agora que veio algum espólio de hidráulica ...houve logo a ideia então porque é que não se põe mais peças que estão na reserva mais cá em cima, mas vamos fazer um nicho para isso, uma zona...”</p> <p>“...ficaram deliciadas a olhar para a régua de cálculo... ficaram fascinados com o museu...”</p> <p>“...há no museu as plantas, são pedras em zinco com que se faziam as fotocópias do projeto que está previsto para se fazer o técnico pavilhão central que é de outro Arquiteto Ventura Terra, e estão lá e quando digo a alguém que estão no museu essas placas de madeira e zinco, zincografias...”</p> <p>“Estes museus têm alguma especificidade que é normal, é o espólio dirigido para a ciência, para a engenharia, para a matemática, não é o mesmo do que ir ver pinturas bonitas ou abstratas...”</p>
		Estado de Conservação dos objetos	<p>“Problemas é a nível da reabilitação, do restauro agora peças que vieram é preciso restaurá-las mas não sou eu que vou fazer não tendo conhecimento...”</p> <p>“...há coisas que podem ser coladas de forma mais entendida...ser mais preservadas ...que estão algumas peças em sítios como deve ser no arquivo, mas há outras coisas documentais e outros desenhos que podem ser mais preservadas se houvesse algum técnico...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

	<p>Museu</p>	<p>Contexto Físico</p> <hr/> <p>Comunicação</p> <hr/> <p>Funções do museu</p>	<p>“... são móveis bastante simples, são cubos em que dão bastante mobilidade aquilo e que se consegue fazer ali uma sala de exposições não são fixos são bastante versáteis e são modelares ...”</p> <p>“...é um sítio em que tem uma curiosidade...”</p> <p>“...acho porque realmente é por estar bastante apelativo, o sítio é fantástico...”</p> <p>“...as pessoas mesmo quando não entram acham que o museu está diferente, mesmo não entrando têm essa perspetiva agradável do museu.”</p> <p>“...ficaram deliciadas a olhar para a régua de cálculo... ficaram fascinados com o museu...”</p> <p>O sitio é ótimo porque tem bastante luz, é agradável está bastante exposto...”</p> <p>“...cedência de espaço são postas cadeiras a colocação do data show toda a logística, da mesa de apresentação, o que seja necessário...”</p> <p>“...não tem é aquilo que agora começa a haver nos museus ou tato ou som ou cheiros”</p> <p>“...facilmente alguém de fora que entra no hall e apetece visitar vem para e por isso é bastante visitado...”</p> <p>“...está mais atrativo para entrar</p> <hr/> <p>“...há coisas que podem ser coladas de forma mais entendida...”</p> <p>“...o Museu tem explicações...”</p> <p>“...está tudo feito e há uma lista com fotografias e tudo para apoiar os textos ao pé de cada uma das peças que estão em exibição...sempre que vem uma peça da reserva faço uma nova etiquetagem...”</p> <p>“...um historial como está bastante documentado com texto em português e agora em inglês também...”</p> <p>“...reserva, onde há mais peças que não estão tão etiquetadas, temos uma lista, o espólio está todo enumerado...”</p> <p>“...ficaram deliciadas a olhar para a régua de cálculo... ficaram fascinados com o museu, depois até criticaram as legendadas porque percebem muito, mandaram um mail, aquele comentário não estava correto...”</p> <p>“eu até tinha interesse até fazer alguma documentação própria para algumas peças mais emblemáticas do museu”</p> <hr/> <p>...ser mais preservadas ...que estão algumas peças em sítios como deve ser no arquivo, mas há outras coisas documentais e outros desenhos que podem ser mais preservadas se houvesse algum técnico...”</p> <p>“...conservar e mostrar a história ligada à Eng^a Civil essa será a missão e preservar as coisas, porque normalmente e muitas vezes os aparelhos e equipamentos deixam de funcionar e são arrumados a um canto e ali têm não só um sítio ideal para estarem é conservado e pode ser visto pelas pessoas e além disso está documentado as pessoas podem ver qual o contexto daquilo em relação à ciência ou história...”</p> <p>“...porque há pessoas que querem junto a si algumas peças do museu nos gabinetes, nos corredores, muito bem as coisas podem ser cedidas sob a responsabilidade de quem as solicitou, mas fica tudo registado, o museu faz cedências temporárias...”</p> <p>“...como sabiam que havia um museu tudo ia lá parar como máquinas de escrever, computadores, coisas que não têm tanto a ver com Eng^a Civil havendo agora um interesse de outros museus e de outros departamentos em fazer o seu próprio museu e vêm ali algumas peças de interesse eu não me importo de ceder...”</p>
--	--------------	---	---

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

	Funcionamento	Horário	“...o museu só está aberto as duas ás seis...”
		Regulamento	“...não existe regulamento, porque não é muito necessário se houvesse uma equipa de trabalho, ou de restauro ou serviços de conservação...”
Públicos/Visitantes	Tipos de Publico	Frequentedor	<p>“...é muito visto por pessoas de fora, porque neste edifício há muitos congressos e passam ali á porta...”</p> <p>“...os convidados são pessoas de Eng^a Civil ou afins...”</p> <p>“No outro dia a X trouxe cá umas pessoas estrangeiras... cientistas de instrumentos de precisão”</p> <p>“Um no seguimento do outro sim já ouvi pessoas, há um núcleo qualquer da Câmara em que foram ver vários sítios inclusive o nosso museu (...)</p> <p>“...então teve bastante população do secundário...”</p> <p>“os Presidentes que vão porque têm de ir</p> <p>“...convidam tipo arquitetos, engenheiros, construtores...”</p>
		Potencial público	<p>“...os professores do Departamento usassem mais o museu para o ensino, ou seja, por que qualquer ensino, qualquer matéria que ministrem têm a sua bases históricas...”</p> <p>“eu gostava que fossem os alunos e os próprios professores e também gostava uma ligação para o secundário, não sei como”</p> <p>“...às vezes há lá alunos é raro...”</p> <p>“...trazer o secundário porque os outros aqui do Departamento não consigo, quer dizer consigo se envolver temas e ir aos gabinetes dessas pessoas e dizer vamos mostrar isto”</p> <p>“tornar em algo que as pessoas tenham alguma curiosidade em entrar ...”</p> <p>também faço por exposição, a exposição abre dia X e acaba dia Y então quais são as pessoas que durante aquele tempo lá foram, se foram pela exposição ou não, não sei”</p> <p>“...as pessoas de cá não vão queixou-me um bocado que as pessoas não vão...”</p> <p>“...quando lá vou muitas vezes não há lá ninguém, mas quando há lá assim alunos pergunto: Onde vocês são? - Somos deste departamento ou daquele são do Técnico mas são de outros departamentos que têm alguma curiosidade ou que vão ali ao bar...”</p> <p>“ convites para o Departamento para os órgãos centrais do Técnico”</p> <p>“...para as pessoas ...quando há eventos imagine quando não há...”</p> <p>“Já pensou fazer divulgação junto dos Alumni (antigos alunos)? Está bem, isso pode ser uma ajuda...”</p> <p>“Há clientes e pessoas interessadas e a prova é de que quando entram levam até crianças que ficam fascinadas, por exemplo pelo comboio, ... há famílias que são de alunos que nunca puseram os pés no museu e está cá há 20 anos e agora dão conta que existe um museu e têm interesse em mostrar aos pequeninos, isso é ótimo.</p>
			“...está mais atrativo para entrar pessoas de outros sítios nem sabia que havia um museu...”

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

<p>Atividades/Ações Educativas/Eventos</p>	<p>Programação</p>	<p>Atividades realizadas</p> <hr/> <p>Sugestões de Atividades</p> <hr/> <p>Planeamento</p>	<p>“...exposição de fotografia, topografia...” “...também têm lá havido coffees breaks, porque no meu entender também considero na nossa sala de visitas, uma sala de visitas...” “...lançamento de livros...” “...palestras...” “...por exemplo no curso que já organizei...” “Um no seguimento do outro sim já ouve pessoas, há um núcleo qualquer da Câmara em que foram ver vários sítios inclusive o nosso museu, o Presidente do departamento pediu e foi feito esse acompanhamento...” “...Uma coisa que tem havido todos os anos... que é o Dia dos Museus em que um dos Museus estatais que pertence à Câmara Municipal de Lisboa o Bordalo Pinheiro, em que casa onde está instalada a foi projetada pelo Arquiteto cujo o espólio está neste museu ... não vêm propriamente visitar o museu, mas depois acabam por ver o museu e eu dou algumas explicações, o objetivo é ver o gabinete de projeto de quem projetou a casa onde está o Museu Bordalo Pinheiro, que é o Arquiteto Álvaro Machado. “...quando houve o fórum civil também tentamos aproximar o museu ao evento, já posemos peças cá fora, não entram no museu mas se as peças estiverem cá fora, não entram no museu mas se tiverem cá fora até olham e isso não são contabilizadas entradas no museu mas a meu ver são contabilizadas como pessoas que viram a peça do museu...” “...fazem os seus eventos no museu, o 1º sítio em que pensam onde vou apresentar isto para pessoas de fora...” o Presidente do Departamento pediu e foi feito esse acompanhamento...”</p> <hr/> <p>“...há alguma pesquisa sobre isto, eu estou com ideia de juntar estas vertentes todas e fazer uma exposição da construção do pavilhão central, acho muito interessante” “...são coisas que mesmo os miúdos do secundário podem aproveitar alguma coisa, estou a lembrar-me da gaiola pombalina que não sei no secundário se falam em sismos, sismologia, ou que houve terramotos, marmotos e essas coisas todas e que consequência disso fizeram um tipo de casas que está ali um exemplo...”</p> <hr/> <p>“...eu não tenho planeamento batem-me à porta ou então eu penso em algumas exposições, exposições grandes sou eu que as organizo...” “...só que como não temos grande planeamento...” “...Não existe planeamento porque as exposições são esporádicas das pessoas do Departamento têm interesse em mostrar algumas exposições que são itinerantes andam por outros sítios e como docentes de cá acham que teriam algum interesse cá...” “...outras exposições é quando tenho tempo ... demora bastante tempo, ..., e depois deixo ficar pelo menos 2 a 3 meses para que o tempo de preparação seja diluído num tempo de apresentação...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

	<p>Áreas Disciplinares/ Temas</p>	<p>Áreas científicas</p>	<p>“...fotografia, topografia...” “...contexto daquilo em relação à ciência ou história...” “...Engenharia Civil...” “...disciplina de Pontes...” “...Desenho...” “...hidráulica...” “...Física...” “...Metálicas...” “...ciência, para a engenharia, para a matemática.”</p>
	<p>Relação com o Escolas</p>	<p>Atividades existentes</p> <hr/> <p>Relação com o ensino</p>	<p>“...um Prof. da disciplina de Pontes mostrar a ponte de Eduardo Cardoso...” “Tem havido parceria com a Profª Marta Lourenço tem trazido alguns alunos no âmbito de uma disciplina...” “...a exposição de topografia os Professores foram lá com os alunos...” “...eu Professora de Desenho levo os meus alunos todos os anos no fim do semestre mostro os desenhos feitos e comparar com as normas atuais...” “porque a história faz parte da ciência e tem bastante interesse os alunos verem o que era antes para conhecerem melhor o que é agora, a história, a evolução.” “...a escola foi mas não foi propriamente para as peças, claro que devem ter observado as peças...” “...Para o secundário já houve algumas coisas...”</p> <hr/> <p>“Não temos tido interatividade com as escolas...” “...é preciso contactar escolas (...) e saber quais são os currículos escolares e ver se há peças ali que possam ser integradas pois haver alguém do Departamento que sabia mais daquela peça e dê uma explicação, uma peça ou conjunto de peças, isso ainda não está feito e eu também não tenho tempo para tudo...” “...eu gostava que fossem os alunos e os próprios professores e também gostava uma ligação para o secundário, não sei como...” “...não têm conhecimento nenhum de uma série de coisas e por vezes há coisas que podiam ser dadas ou mostradas nas aulas...” “...os professores do Departamento usassem mais o museu para o ensino, ou seja, por que qualquer ensino, qualquer matéria que ministrem têm a sua bases históricas...” “Tentar da sua parte ver como chamar miúdos de secundário cá como entregar sabendo e tendo conhecimento do que há ali e como é que as escolas ou a matéria de algumas partes mais específicas como a matemática, desenho ou assim como integrar, estudar essa parte era ótima.” “...às vezes há lá alunos é raro...” “...são coisas que mesmo os miúdos do secundário podem aproveitar alguma coisa, estou a lembrar-me da gaiola pombalina que não sei no secundário se falam em sismos, sismologia, ou que houve terramotos, marmotos e essas coisas todas e que consequência disso fizeram um tipo de casas que está ali um exemplo...” “as pessoas conhecem os muitos assuntos e falam numa linguagem de ensino superior até que ponto essa</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

			<p>linguagem chega às crianças ou secundário só mesmo aquela parte que venha alguém que goste, caso contrário...”</p> <p>“...alguém que trate das coisas ...visto num guia, numa rede, uma parceria desse género, eu até tinha interesse até fazer alguma documentação própria para algumas peças mais emblemáticas do museu para se dar e divulgar para que as pessoas que viram num contexto desses não querem ver todas as peças com certeza, então destacaria algumas 4, 5 ou 6, atividades em torno de 2 a 3 peças, numa perspetiva para o ensino secundário e com integração curricular, não estou a par disso mas eu não posso fazer tudo portanto ser alguém que coordene que digo logo que sim.”</p> <p>“... , agora se houvesse uma abertura a contatar escolas eu seria umas das primeiras que diria mandem para aqui, acho que não está a correr dessa maneira.”</p> <p>“chamar miúdos de secundário cá como entregar sabendo e tendo conhecimento do que há ali e como é que as escolas ou a matéria de algumas partes mais específicas como a matemática, desenho ou assim como integrar, estudar essa parte era ótima.”</p>
<p>Recursos Humanos</p>	<p>Equipa permanente</p>	<p>Constituição da equipa</p> <hr/> <p>Tarefas e Funções</p>	<p>“Diretora...”</p> <p>“...Funcionária...”</p> <p>“Eu como sou Gestora ou Diretora não tenho permanência lá porque é mais uma atividade que tenho como Professora Universitária...”</p> <hr/> <p>“Quando há temas de exposições sobre outros temas como de hidráulica ou seja de topografia ou de metálicas envolvo essas pessoas têm mais conhecimento... é preciso especialistas dessas coisas...”</p> <p>“Eu acho que faço tudo, até empurrar móveis, porque tem a ver com a organização também da sala, tornar a sala apelativa para as pessoas verem, olharem, entrarem...”</p> <p>“...etiquetar e tudo como deve ser, da montagem do espaço, de organizar exposições, de apoiar as pessoas que vêm ter comigo gostaríamos de apresentar uma exposição de fotografia, topografia disto ou daquilo, depois eu apoio, estou nesses dias da organizar a sala e ver qual a melhor maneira de tornar a exposição simpática, agradável e apelativa.”</p> <p>“...pessoa está lá neste tempo em permanência com a porta aberta e dá o apoio às pessoas que entram, às explicações que possa saber e possam querer saber...”</p> <p>“...a minha permanência lá de vez cada vez que há exposições, organizar e buscar as coisas á reserva...”</p> <p>“...portanto fazer o espólio, guardá-las ter uma lista a atual, quando hã cedências é preciso fazer essa organização é a funcionária que faz mas a meu pedido e com a minha assinatura, até fiz uma ficha...”</p> <p>“Eu como Diretora peço á funcionária para tratar e ela trata com os serviços do Departamento...claro que há o gestor pelo meio..., depois nesses dias ...temos de andar a empurrar os móveis para os lados e depois voltar pôr, é interessante”.</p> <p>“...os posters de todas as exibições, sou eu que os construo, imprimo ou mando imprimir...”</p> <p>“Aqui no Departamento peço para colocar um banner com texto que sou eu que faço a divulgação para os docentes.”</p> <p>“...contabiliza todos os dias as pessoas que entraram, os visitantes...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

	Colaboradores	Pontuais	envolvo essas pessoas têm mais conhecimento... é preciso especialistas dessas coisas... ” “...deixei os miúdos fazerem as exposições...” “...este ano integrados num programa de Física... mas um dos alunos que estava à frente foi meu aluno e tínhamos uma relação agradável ele perguntou se podiam fazer experiências lá no museu...”
		Possíveis colaboradores	“só que é preciso alguém que coordene isso tudo, que se dedique tipo um bolsheiro que faça esse trabalho todo, mas para isso é preciso pagar, tenho esta ideia no ar e acho que pode pegar que os docentes já usam normalmente...” “Isso seria envolver os docentes da casa em temas mais apelativos e específicos que envolvam as pessoas para ir lá fazer colaborar e para ficarem a conhecer, porque a dificuldade é dentro da casa, vêm pessoas da área exteriores ao Técnico isso é bom para a casa, eu tento sempre fazer coisas que sejam boas para o departamento e para o Técnico...” “...não tem é aquilo que agora começa a haver nos museus ou tato ou som ou cheiros, para isso tinha de existir toda uma equipa dali ou de outro lado qualquer desse esse apoio...” “...não é política mas é um interesse que eu gostaria que as pessoas se envolvessem mais...” “podia uma pessoa de sismologia podia estar ali a explicar para crianças e alguns não estão vocacionadas para isso, isto é uma instituição de ensino superior por isso “...alguém que trate das coisas ...visto num guia, numa rede, uma parceria desse género, eu até tinha interesse até fazer alguma documentação própria para algumas peças mais emblemáticas do museu para se dar e divulgar para que as pessoas ...portanto ser alguém que coordene que digo logo que sim.” “O que pensa sobre a possibilidade de criar um SE que articulasse com o Museu? Isso era ótimo...” “Eu gostava que as pessoas se interessassem por si mais para ir ao museu...”
Recursos Financeiros	Verbas internas		“...há verba anual é para tudo pertence ao Departamento cedido pela presidência...” “...O Museu pertence á alçada do Departamento, os órgãos centrais dão a verba ao Departamento que gere conforme quer...”
	Verbas Externas	Patrocínios	“Exposições grandes têm grandes patrocínios, não é o museu são as pessoas que querem mostrar qualquer coisa no museu que se envolvem e pedem patrocínios...”
	Dentro do IST	Outros Serviços do IST	“...quando houve o fórum civil também tentamos aproximar o museu ao evento” “...no outro dia ali do organismo central, ... Núcleo de Arquivo...” “...Departamento de Eng ^a Civil...” “...serviços multimédia do IST...” “Aqui no Departamento peço para colocar um banner com texto que sou eu que faço a divulgação para os docentes.” “...parcerias por exemplo cedências de peças para um museu que está em construção de informático...” “O Diretor do outro museu o Manuel Francisco já houve também, ele estava a falar que ia dinamizar coisas sobre a primeira Guerra Mundial e eu peguei logo nos desenhos da 1ª Guerra Mundial porque nós temos ali alguns desenhos feitos pelos alunos que entretanto estavam inscritos antes da guerra e depois não se sabe qual o seu percurso, mas estão ali que achei importante fazer essa exposição, houve essa parceria não sei se era com o museu ou com as atividades dele livres, como sabe ele é uma pessoa interessada no fundador, Alfredo Bensaúde

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

<p>Ligação à sociedade</p>	<p>Protocolos /Parceiros, externos ao IST</p>	<p>Entidades exteriores</p> <hr/> <p>Universidade de Lisboa</p>	<p>e Décio Thadeu são os originais da casa portanto tem a ver com a génese da casa em si.”</p> <p>“Tem havido parceria com a Profª Marta Lourenço tem trazido alguns alunos no âmbito de uma disciplina...mas não se pode dizer que há parceria mas é uma porta aberta a esse tipo de eventos ou parcerias desse género...”</p> <p>“...parceria com o Museu Bordalo Pinheiro...”</p> <p>“...ordem dos engenheiros...”</p> <hr/> <p>“a não ser que haja alguma entidade ou alguns profissionais que dê apoio a todos os museus da universidade, nesse sentido está em lista de espera para aqui...”</p> <p>“...do museu das universidades, ...aí capaz de haver algum conhecimento, apoio e interesse dessas pessoas são bolsiros são estudantes que possam dar aqui algum apoio nós precisamos disso, não há ninguém que o faça dentro do nosso círculo de trabalho...”</p> <p>“Eu acho que não só aqui dentro mas se há esse grupo de museus de universidades fazer uma divulgação em que as pessoas também venham a este, porque não está integrado...”</p>
<p>Meios de Divulgação e Imagem</p>	<p>Meios de Divulgação</p>	<p>Divulgação existente</p> <hr/> <p>Eficácia dos meios de divulgação</p> <hr/> <p>Possíveis meios de comunicação</p>	<p>“...O museu recentemente tem uma página que as pessoas podem consultar...”</p> <p>“...no outro dia ali do organismo central, ...colocou qualquer coisa no Facebook do Núcleo de Arquivo...”</p> <p>“...há coisas e eu não sei como hei-de chegar a eles já está na página do Departamento...”</p> <p>“...é um postal com algumas imagens, em que a pessoa que vem visitar o museu leva como recordação, mas não está divulgado e não é comercializado, é dado.”</p> <p>“A divulgação é transmitida aos serviços multimédia do IST e eles fazem aquilo que entenderem...”</p> <p>“Aqui no Departamento peço para colocar um banner com texto que sou eu que faço a divulgação para os docentes.”</p> <hr/> <p>“Há muito pouca divulgação... cada vez que há eventos é mandada convites para o Departamento para os órgãos centrais do Técnico e são coisas específicas para as pessoas convidadas nesse âmbito.</p> <p>“...como não está divulgado e não faz parte da lista dos Museus...”</p> <p>“...para entrar pessoas de outros sítios nem sabia que havia um museu...”</p> <p>“...para ser divulgado para as pessoas saber que existe um museu de Engª Civil...”</p> <p>“O Museu podia ser mais conhecido, divulgado, utilizado...”</p> <p>“...porque são pessoas de fora que não conhecem minimamente que existe um museu deste género...”</p> <p>“Eu gostava que as pessoas se interessassem por si mais para ir ao museu...”</p> <p>“...pessoas de outros sítios nem sabia que havia um museu...”</p> <hr/> <p>“...o passo seguinte será talvez entrar em contacto com um serviço que há no técnico para fazer fotografias como deve ser, filmes como deve ser para ser incorporados na página...”</p> <p>“...A divulgação gostaria que fosse maior, mas eu não mexo em Facebook nem em nada dessas coisas.”</p> <p>“...gostava que estivesse inserido nos museus das universidades...”</p> <p>“...para ser divulgado para as pessoas saber que existe um museu de Engª Civil...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

			<p>“...uma coisa interessante até mesmo para a ordem dos engenheiros, só que como não temos grande planeamento e a revista da ordem dos engenheiros é uma coisa por exemplo que requer que seja enviado bastante tempo antes...”</p> <p>“...às vezes pego na agenda de Lisboa para mandar e já do princípio ao fim e não vejo contacto nenhum, não sei como se faz para divulgar pela agenda...”</p> <p>“Ampliação em termos de divulgação...como fazer não sei, não sei que apoios o central em termos de multimédia podem dar em divulgar o nosso papel...”</p> <p>“Eu acho que não só aqui dentro mas se há esse grupo de museus de universidades fazer uma divulgação em que as pessoas também venham a este, porque não está integrado...”</p>
--	--	--	---

ANEXO 10

Análise de conteúdo da entrevista ao Diretor dos Museus de Geociências

Categorias	Sub-categorias	Indicadores	Unidade de Registo
Caraterização dos Museus	Acervo/ Património/ Coleções	Características do Espólio	<p>“...o Departamento tinha um património histórico muito valioso não só porque algum era giro e era interessante, mas também pela questão de por termos aulas nos museus mas por ser um espaço mágico como modelos, minerais mapas, livros”</p> <p>“...o museu ou a estrutura histórica e algum arquivo...”</p> <p>“... as coleções (...) geológicas, são os equipamentos e o próprio espaço que necessita às vezes de alguma atenção e (..) mais acervo documental onde estão alguns livros históricos, mapas na mapoteca, alguma fototeca e também a parte de instrumentação é um património muito vasto e também muito diversificado... “</p> <p>“...existe cultura científica e onde história dessa cultura científica...”</p> <p>“...espólios pessoais dá outra dimensão humana, cultural para além da científica e pedagógica...”</p> <p>“...materiais geológicos...” “...coleções portuguesas...”</p> <p>“...um museu mais dedicado a materiais, minerais e a cristais...”</p> <p>“outro museu tem mais a ver com a história geológica do país, portanto tem outro interesse nos fósseis, idade das formações, as minas portuguesas, os recursos económicos...”</p> <p>“...aceitar coleções que já vários colecionadores quiseram oferecer ao Técnico, de fósseis coleções magnificas com grande valor científico e até material...”</p> <p>“...porque temos sempre museu/laboratório fototeca, mapoteca, biblioteca como conseguimos articular tudo isto os públicos podem ser muito diferentes.”</p>
		Estado de Conservação dos objetos	<p>“... as coleções (...) geológicas, são os equipamentos e o próprio espaço que necessita às vezes de alguma atenção</p> <p>“...não está bem mas estava muito pior e principalmente trabalho foi preservado, coisas que estavam dentro de salas de aulas, expostas em corredores o nível de vulnerabilidade das coisas e coisas que desapareciam era muito grande, esse trabalho que tenho vindo a fazer ao longo dos anos e que ainda está em curso...”</p> <p>“...o património que é o que mais me custa é que estamos a falar de património nacional, que é um património de todos, corre o risco como em muitos casos de se perder e desaparecer...”</p>
		Contexto Físico	<p>“...não é apenas um local de exposição...”</p> <p>“...sensibilizar os Professores mais velhos para a necessidade de valorizar a coleção do próprio espaço ...”</p> <p>“... ligação museu laboratório é fundamental porque face á natureza dos materiais (...) é sempre o lado</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

		<p>científico de apoio à existência desse museu...”</p> <p>“... as coleções (...) geológicas, são os equipamentos e o próprio espaço que necessita às vezes de alguma atenção</p> <p>“as pessoas podem não só mexer nos móveis que são bonitos, que são interessantes, atrativos mas podem mexer nas peças e podem senti-las e partir do tacto ter a sua noção do objeto e compreender, alguém que lhes pode contar uma história e eles podem ter a peça na mão e vivê-la é uma emoção e é muito interessante... experiência sensorial”</p> <hr/> <p>Comunicação</p> <hr/> <p>Funções do museu</p>	<p>“...poderia estar sempre aberto significado que todo o paradigma de exposição tinha que mudar, para ser mais autónomo teria que ter mais informação, mais imagem para que a pessoa sozinha pode-se fazer o percurso e isso não é viável neste contexto...”</p> <hr/> <p>“...um museu tipicamente universitário...”</p> <p>“...aceitar coleções que já vários colecionadores quiseram oferecer ao Técnico</p> <p>“...preservar tudo o que há em termos de acervo..”</p>
	<p>Funcionamento</p> <hr/> <p>Regulamento</p>	<p>Horário</p> <hr/> <p>Regulamento</p>	<p>“...necessidade de ter alguém responsável por este património...”</p> <p>“...um museu não está aberto ao público em permanência...”</p> <p>“...uma estrutura que funciona com estes recursos limitados...”</p> <p>“...o acesso é sempre com a reserva...” “...Sim a marcação é importante...”</p> <p>se for em termos de acesso é estabelecido um contato e tudo a partir daí funciona, pode ser telefonicamente ou através de um site institucional.”</p> <hr/> <p>“...Há um regulamento que foi aprovado em conselho de departamento mas isso define mais a competência do diretor...”</p> <p>“...podia ter normas para isto ou para aquilo, na realidade não,</p>
		<p>Frequentedor</p>	<p>“...público interno temos os utilizadores normais que têm aulas, todos os alunos no contexto das geociências, das várias disciplinas...”</p> <p>“...já fiz várias vezes os convites para os alunos de arquitetura são fontes de inspiração muito interessantes...”</p> <p>“...as escolas secundárias, houve alturas em que tínhamos a ter 1500 alunos ao longo do ano...”</p> <p>“...vêm grupos de munícipes, gente de todas as idades mas principalmente pessoas um pouco mais idosas, mas que têm muito interesse e curiosidade em saber as coisas...”</p> <p>“...periodicamente vêm alunos de conservação, outros que estão a formação em museologia passam por aqui...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

<p>Públicos/Visitantes</p>	<p>Tipos de Público</p>	<p>Potencial Público</p>	<p>“...público interno pode abranger vários cursos...” “...desde que a temática possa ser enquadrada esse público também pode usar, até aqui tenho estado a falar de público essencialmente interno...” “... é muito difícil atingir o público interno aqui.” “...A maior limitação é não termos conseguido chegar a um público tão vasto como queríamos mesmo “...escolas primárias á volta..” “...público secundário...” “...há público que eu sei que seriam muito interessantes nomeadamente na parte artística...” “...por isso imagino qualquer público, é muito transversal...” “...porque temos sempre museu/laboratório fototeca, mapoteca, biblioteca como conseguimos articular tudo isto os públicos podem ser muito diferentes”.</p>
<p>Atividades/Ações Educativas/Eventos</p>	<p>Programação</p>	<p>Atividades realizadas</p>	<p>“...são desenhadas atividades para diversos públicos para fora e para dentro, incluindo as próprias aulas de várias cadeiras...” “... a atividade associada ao museu e historicamente ...” “...pode ser da própria instituição...” “...visita é delegada em pessoas de confiança e é desenhada em função desse público...” “...atividade para a semana da matemática pode ser feita aqui e todos os minerais...” “...porque para além de formação propriamente dita temos dado...” “...uma atividade que era desenhada para o público secundário chamávamos o Geopaper que não envolvia só os museus, envolvia também os laboratórios, eram atividades que circulavam por todo o edifício tinham contacto com o trabalho de vários centros de investigação e os museus...” “...já tivemos também experiências interessantes de fazer aqui atividades científicas e divulgação com concertos musicais...” “...durante o ano vão-se criando uma meia dúzia de iniciativas aqui ou fora de portas porque ás vezes há coisas feitas por nós também já noutros locais” “...penso que muitas das atividades não motivam internamente as pessoas dentro do Técnico, quando vêm ficam surpreendidas gostam e ficam com vontade de voltar mas até chegarem e virem a 1ª ...” “...uma combinatória entre a associação de professores de história e Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Museu Anastácio Gonçalves e nós próprios, trocamos durante umas semanas atividades que promovíamos entre todos, cada um de nós no local...” “...como aconteceu na ciência no verão, se estiverem cá 15 dias muitas atividades decorreram aqui no museu, tiveram ali sessões onde poderão fazer experiências...” “...aqui sempre que faço uma semana de ciência e tecnologia, ou ciência viva...” “...foi uma experiência gratificante, uma experiência com invisuais, o Arq. X era aluno da escola ...vieram invisuais e uns a fingir que eram invisuais que vieram vendidos”.</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

		<p>Sugestões de atividades</p> <hr/> <p>Planeamento</p>	<p>“...porque nós beneficiamos de todo o conhecimento da história e eles beneficiam com o outro lado das nossas competências científicas ...podemos falar um a professor de história que está preocupado em ver artefactos paleolíticos, técnicas que se usam, que materiais eram usados para a pintura...”</p> <p>“... um museu pode ser tátil as pessoas podem não só mexer nos móveis que são bonitos, que são interessantes, atrativos mas podem mexer nas peças e podem senti-las e partir do tacto ter a sua noção do objeto e compreender, alguém que lhes pode contar uma história e eles podem ter a peça na mão e vivê-la é uma emoção e é muito interessante... experiência sensorial”</p> <p>“...às vezes aquele momento que nós precisamos para fazer uma pequena pausa mesmo dentro do Instituto podia ser feita aqui, e pode ser uma aula de yoga, pode ser uma meditação, se a pessoa precisar de parar o fato de existir estes museus é uma valência que ainda não foi ainda trabalhada mas com certeza que seria útil e saudável.”</p> <p>“...teses de mestrado, trabalhos de investigação que têm sido feitos que queiram incluir-nos ou pela coleção ou pelo museu em si, ou pelo espaço ou as personalidades, damos sempre a maior força para que esses trabalhos se desenvolvam está continuamente aberto para trabalhos de investigação...”</p> <hr/> <p>“...visita é delegada em pessoas de confiança e é desenhada em função desse público...”</p> <p>“Há atividades que são feitas podem ter a minha intervenção no início para dar algum apoio científico e logístico...perceber também qual é o público em cada situação...”</p> <p>“...não há uma programação definida, obviamente e infelizmente depende muita das iniciativas que eu atualmente conseguindo envolver...”</p>
	<p>Áreas Disciplinares/ Temas</p>	<p>Áreas científicas</p>	<p>“...da área científica que é geociências...”</p> <p>“...feitas atividades em muitas outras áreas...”</p> <p>“...a área da história...”</p> <p>“...função de um engenheiro não é apenas uma função técnica, é um cidadão que também precisa de cultura história...”</p> <p>“...cursos que beneficiam mais é o curso de Engenharia Geológica e Minas, Civil, Ambiente... Materiais, Gestão...”</p> <p>“...toda a geometria, toda a cristalografia poderá ser usada para falar da geometria, da natureza e das formas ou da química...”</p> <p>“...artefactos paleolíticos...”</p> <p>“...pode envolver escultura, desenho, pintura, arquitetura...”</p> <p>“...porque a temática do museu é muito propícia para falar sobre o planeta, os problemas que nos assolam da sociedade atual, nos recursos, no ambiente...”</p> <p>“...aos cuidados que devemos ter toda esta parte ecológica de sustentabilidade este museu é dos melhores para mostrar este tipo de coisas...”</p> <p>“...tinha a matemática, tinha a física, tinha ciências de engenharia...”</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

			“...1º Presidente do Técnico Alfredo Bensaúde dá nome a um dos museus...”
Relação com o Ensino/Escolas	Atividades desenvolvidas		<p>“... era gratificante ver aqui alunos do secundário não só vocacionados para a área da Geologia e das Minas, vêm para a semana da química, para a semana da matemática...”</p> <p>“...temos tido colaborações pontuais desde que os professores solicitem, eles sabem que nós existimos se calhar se houver mais pessoas a saber que existimos e que fazemos uma oferta pró-ativa ainda mais poderão existir é interessante que á volta...”</p> <p>“...O projeto e-escola surgiu na tentativa dos docentes do técnico criar conteúdos para disponibilizar para toda a comunidade pode ser para os alunos daqui, mas estando na internet qualquer pessoa tem acesso...”</p> <p>“...uma atividade que era desenhada para o público secundário chamávamos o Geopaper que não envolvia só os museus, envolvia também os laboratórios, eram atividades que circulavam por todo o edifício tinham contacto com o trabalho de vários centros de investigação e os museus...”</p> <p>“...porque também não haver logística para a comodar tanta gente nós oferecemos não estamos sempre com essa oferta permanente para fazer atividades...”</p> <p>“...já houve que alturas em que havia mais atividades..”</p> <p>“...experiências também interessantes com a creche, ...na casa dos 4, 5 e 6 anos...”</p>
	Relação com o ensino		<p>”...a ter aulas ... podem manusear, ver ao vivo e sentir os objetos que se está a falar nas aulas...”</p> <p>“...beneficia muito a qualidade do ensino ter esse acesso e muito próximo de nós rochas não só do país como de outras partes do mundo, é bom vê-las e mexê-las, o aluno aí tem o contacto com a realidade, para além deste público interno pode abranger vários cursos e é aí que há de facto um trabalho ainda a fazer e maior...”</p> <p>“...o Liceu Camões, os liceus que existem aqui já sabem que nós existimos e havendo um professor que tenha interesse e queira sair fora de portas e que queira deslocar-se umas ás vezes centenas de metros e ter ao lado uma estrutura como esta que é o Técnico para eles é fundamental saem da rotina da sala de aulas e têm de possibilidade de fazer experiências, que só nós é que conseguimos proporcionar.”</p> <p>“...se fizermos coisas para escolas secundárias muitas vezes providenciamos e fornecemos material científico que eles depois na aula poderem discutir, temos aulas pré- preparadas enquanto eles estão aqui podem continuar a trabalhar na aula e os professores sabem também que têm aqui o apoio em termos de materiais...”</p>
Avaliação	Atividades		<p>“...exemplo na Câmara Municipal eles avaliam, são obrigados a avaliar...”</p> <p>“...formação de professores também são obrigados a avaliar são atividades certificados...”</p> <p>“...outras que nós pontualmente pedimos que nos enviem as respostas algumas vezes esquecem de enviar, em que são avaliados no próprio local..”</p> <p>“...Geopaper...e no final avaliavam todas essas estatísticas que existem de atividades diferenciadas foram sempre avaliadas e sempre muito positivamente, ou seja, raramente ou nunca tive uma avaliação que percebesse que nem era mediana, as pessoas vêm gostam e têm vontade de vir novamente como acontece com as pessoas da Câmara sempre que fazemos qualquer coisa estão cá, mesmo que já tenham vindo cá ao museu gostam</p>

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

			sempre de vir e aconselham amigos a vir, aquilo que se espera em termos de reação tem sido sempre muito positivo.”
Recursos Humanos	Equipa Permanente	Constituição da equipa	“...fiquei como responsável subdiretor...” “...funciona com o quadro de docentes da área que o suportam...” “...uma estrutura que funciona com estes recursos limitados...”
		Tarefas e funções	“...mas sou eu que dou a cara e crio uma parte das atividades...” “...antes de ser diretor eu tive muitos anos a preservar e a organizar coisas e aquilo está atualmente visível não tem nada a ver com o que estava á 15 anos atrás ou 20 anos...” “Há atividades que são feitas podem ter a minha intervenção no início para dar algum apoio científico e logístico...perceber também qual é o público em cada situação...”
	Colaboradores	Pontuais	“...apoio também de colegas da mesma área científica...” “...os alunos podem intervir sozinhos e garantir toda a atividade ...” “...tenho pessoas que trabalham comigo ... da área da química a Prof. Clementina Teixeira é uma grande divulgadora das que eu conheço na área dela aqui no Técnico... é muito bom e ela aqui sempre que faço uma semana de ciência e tecnologia, ou ciência viva se poder enquadrar uma atividade dela em que possa participar ou posso ajudar ótimo e ela adora porque também e aprende e trocamos sempre as nossas experiências e nós gostamos muito de a ter cá, assim como outras pessoas, é um área diferente deveria de ser transversal...” “...uma pessoa incansável ...está reformada mas continua através do Facebook e em qualquer sítio sempre a dinamizar, pessoas como essa são mais valias...” “...visita é delegada em pessoas de confiança e é desenhada em função desse público...”
		Possíveis colaboradores	“...ainda não ressalvei esse aspeto mas penso que foi um dos aspetos mais positivos que vi na formação dos nossos alunos foi pô-los perante turmas do secundário e serem eles próprios a demonstrar as experiências e estarem ali em primeira linha...” “...teses de mestrado, trabalhos de investigação que têm sido feitos que queiram incluir-nos ou pela coleção ou pelo museu em si, ou pelo espaço ou as personalidades, damos sempre a maior força para que esses trabalhos se desenvolvam está continuamente aberto para trabalhos de investigação...”
Recursos Financeiros	Verbas internas		“...o orçamento até á data tem sido sempre zero digamos o que é feito, as verbas vêm de algumas prestações de serviços que são feitos por mim no âmbito aqui do laboratório...” “...mas quase sempre os custos são assumidos por aqui...” “...globalmente falando quase sempre temos sido nós a internamente a assumir aqui a assumir esses custos...” “...nem nunca me foi proposto um orçamento...”
	Verbas Externas	Patrocínios	“...por vezes consegue-se um pequeno apoio ou outro esporádico, um pequeno patrocínio mecenato mas tem sido pouco ...” “...o financiamento poderá surgir por muitas vias, desde o merchandising até junto do mecenato...”

Mestrado em Educação e Formação
Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

Parcerias	Dentro do IST	Outros serviços do IST	<p>“...museu dentro da estrutura do técnico tem-se ligado sempre a outras estruturas que têm a função de divulgação e de formação como é caso da biblioteca, o caso do arquivo, órgãos centrais..”</p> <p>“...não existe por si só e com o outro museu que existe no técnico o de civil, estamos sempre a tentar trabalhar internamente em rede e externamente também criando todos os laços possíveis...”</p> <p>“...colaboração com o NAPE é possível com outros núcleos...”</p> <p>“...de fato nós temos aqui no instituto áreas de comunicação, audiovisual, plataformas para o exterior que valorizam às vezes muitos aspetos que são mais mediáticos...”</p> <p>“...acho que sim, quando mais em rede aqui dentro nós tivermos mais vantagem temos porque as questões hoje em dia...”</p> <p>“...uma atividade que era desenhada para o público secundário chamávamos o Geopaper que não envolvia só os museus, envolvia também os laboratórios, eram atividades que circulavam por todo o edifício tinham contacto com o trabalho de vários centros de investigação e os museus...”</p>
	Protocolos /Parceiros, externos ao IST	Entidades exteriores	<p>“...Depois temos tido alguma colaboração estreita com a Câmara Municipal de Lisboa...”</p> <p>“... são protocolos que estão assumidas e já sabem que nós temos essa oferta, é só acertar o dia e podem vir...”</p> <p>“...outra colaboração muito importante com associações, nomeadamente a associação de professores de história...”</p> <p>“...somos convidados para ir, por exemplo ir aos Restauradores numa altura em que se falava de museus e sermos convidados para uma palestra e estarmos lá a falar para o grande público ou irmos ao Museu de Ciência, participarmos em congressos, conferências, também é outra de maneira de nos mostramos...”</p> <p>“...teses de mestrado, trabalhos de investigação que têm sido feitos que queiram incluir-nos ou pela coleção ou pelo museu em si, ou pelo espaço ou as personalidades, damos sempre a maior força para que esses trabalhos se desenvolvam está continuamente aberto para trabalhos de investigação...”</p> <p>“...a integração em roteiros, neste caso roteiros geológicos e mineiros são parcerias que envolvem todo o país..”</p> <p>“...essas parcerias são extremamente importantes e ampliam a nossa atividade.</p> <p>”...uma combinatória entre a associação de professores de história e Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Museu Anastácio Gonçalves e nós próprios, trocamos durante umas semanas atividades que promovíamos entre todos, cada um de nós no local...”</p> <p>“...associação de professores de história...”</p> <p>“American Corner”</p>
		Universidade de Lisboa	<p>“... dos museus ligados á Universidade de Lisboa...”</p> <p>“...a relação é muito agradável, muito íntima com as pessoas que estão ligadas á Univ. de Lisboa e coordenação de museus é sempre muito boa...”</p>
	Meios de Divulgação	Divulgação existente	<p>“...os canais de divulgação não chegam mesmo aqui dentro do Técnico...”</p> <p>“...geralmente a maior limitação do museu em termos de divulgação é a imagem...”</p> <p>“...qualquer maneira temos um correio eletrónico na tal rede de minas...”</p> <p>“...tem um e-mail mas de fato não há uma produção própria do museu apesar de termos em carteira N coisas.</p> <p>“Site atualmente usamos o do roteiro de minas, apenas temos um link dentro do departamento a dizer que existe</p>

Mestrado em Educação e Formação
 Área de especialização de Desenvolvimento Cultural e Social

<p>Meios de Divulgação e Imagem</p>		<p>Eficácia dos meios de divulgação</p> <hr/> <p>Possíveis meios de divulgação</p>	<p>o tal museu..”</p> <hr/> <p>“...qualquer investimento que se possa fazer, em termos de imagem que nos iria permitir divulgar de uma forma mais forte e mais viva, tem sempre essa sombra por detrás, divulgar para quê? Se isto é uma coisa a prazo.”</p> <p>“...que símbolo se vai para num museu que não tem cara...”</p> <p>“...nós atualmente através do portal e-escola conseguimos ter visualizações às vezes no Google nos motores de pesquisa estar em primeiro lugar num assunto que se faz a pesquisa no Google, quando isso acontece significa que aquele conteúdo vai estar de alguma forma ligado ao museu...”</p> <p>“eles sabem que nós existimos se calhar se houver mais pessoas a saber que existimos e que fazemos uma oferta pró-ativa ainda mais poderão existir é interessante que á volta...”</p> <p>“...falta ainda um salto qualitativo e quantitativo para conseguir chegar a mais pessoas, porque as pessoas que conhecem o museu percebem o valor intrínseco que o museu tem, mas não chegamos ainda a toda a gente aos potenciais utilizadores...”</p> <p>“...de fato nós temos aqui no instituto áreas de comunicação, audiovisual, plataformas para o exterior que valorizam às vezes muitos aspetos que são mais mediáticos ...”</p> <hr/> <p>“Ter uma imagem e dizer a escola a estrutura assume que é importante ..., a partir do momento que isso se crie o foguetão dispara e pode ir em todas as direções, porque as redes que existem e os meios que estão á nossa disposição são muito grandes, digamos que esse será um espetro crucial aqui.”</p>
<p>Serviço Educativo</p>	<p>Benefício do Serviço Educativo</p>	<p>“Eu acho que era mais do que desejável a criação de um serviço educativo...”</p> <p>“O Serviço Educativo tem de estar afinado para fazer este tipo de coisas, não é para fazer uma produção em série, às vezes as pessoas pensam que é uma máquina a funcionar, não é uma coisa personalizada, não estar ali por estar, é algo que tem de sentir que têm ali alunos pequeninos e maiores é muito importante aquilo que se está a dizer e serem eles a perceber já isso e conseguirem chegar a esses públicos é uma maravilha.”</p> <p>“...Os contributos do serviço educativo são imensos..”</p> <p>“...é muito importante o serviço educativo para além de envolver o tal contato com as pessoas e tudo o que é feito também pode contemplar uma oferta educativa á distância...”</p> <p>“...penso que o serviço educativo é uma aposta importante ...”</p>	

ANEXO 11

Regulamento Interno do Museu de Engenharia Civil, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Preâmbulo

Capítulo I

Disposições Gerais

Artigo 1º Objeto

Artigo 2º Missão

Artigo 3º Objetivos

Artigo 4º Localização e horário de funcionamento

Capítulo II

Estrutura Orgânica dos Serviços do Museu

Artigo 5º Instrumentos de gestão

Artigo 6º Áreas funcionais

Capítulo III

Gestão do Acervo

Artigo 7º Política de Incorporações

Artigo 8º Inventário

Artigo 9º Acesso à documentação e utilização de imagens de peças

Artigo 10º Cedência de peças

Artigo 11º Segurança

Capítulo IV

Acessibilidade no Museu

Artigo 12º Edifício

Artigo 13º Ingresso

Artigo 14º Utilização de espaços do Museu

Capítulo V

Instrumentos de Divulgação e Informação

Artigo 15º Material impresso e digital

Artigo 16º Venda de *Merchandising*

Artigo 17º Colaboração interna e com outras instituições

Capítulo VI

Disposições Finais

Artigo 18º Revisão

Artigo 19º Omissões

Artigo 20º Entrada em vigor

Preâmbulo

Histórico

O Museu de Engenharia Civil, do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos e foi inaugurado a 20 de Dezembro de 1993 e aberto ao público, no piso 0 do Pavilhão de Engenharia Civil do IST. Apresenta-se como um museu de ciência e tecnologia e teve como primeiro diretor o Prof. Artur Mendes Magalhães. O património didático, recolhido para o Museu encontrava-se nos gabinetes, laboratórios e salas de aula, mantido pelos docentes e técnicos do Departamento. Adicionalmente, outras peças de interesse museológico e relacionadas com as áreas de conhecimento desenvolvidas no Departamento, têm vindo a ser doadas por docentes, ex-alunos e entidades do sector. O Museu é um espaço de tipologia museológica, no âmbito das ciências inserido na rede de Museu das Universidades.

Espólio

O património, exibido na sala de exposições do Museu, tem um carácter pedagógico e é regularmente alterado de forma a permitir a divulgação de todo o seu espólio. O acervo do Museu é composto, essencialmente, por peças nas áreas da Engenharia Civil como Urbanismo, Transportes, Estruturas, Construção, Geotecnia e Arquitetura que inclui o Ateliê do Prof. Álvaro Machado.

Introdução

O museu de Engenharia Civil constitui uma das Unidades de Apoios integradas no Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, como consta no Capítulo III, Artº12 do Regulamento daquele Departamento, publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 14 — 20 de Janeiro de 2011. No sector de Unidades de Apoios referente a Museus ainda fazem parte o Museu de Mineralogia e Petrologia (Museu Alfredo Bensaúde) e o Museu de Geologia e Jazigos Minerais (Museu Décio Thadeu).

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1º

(Objeto)

1. O presente regulamento visa regular o Museu de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, enquanto Unidade de Apoio do IST, criado através de Despacho do Presidente n.º 1681/2011 de 20 de Janeiro, adiante designado Museu DECivil.

2. O Museu DECivil é aberto ao público, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento e promove a investigação sobre os testemunhos materiais de natureza histórica, económica, social e tecnológica do património científico, incorporando e salvaguardando os bens que forem possíveis e significativos para a elaboração do discurso museológico, privilegiando o estudo, a difusão de conhecimentos, a educação e a promoção da cultura científica.

3. Os bens guardados pelo Museu de DECivil englobam bens imóveis de interesse patrimonial, nomeadamente as seguintes coleções:

- a) Coleção de Transportes;
- b) Coleção sobre Estruturas;
- c) Coleção sobre Arquitetura;
- d) Coleção de Pontes;
- e) Coleção de Cartografia;
- f) Coleção sobre Materiais;
- g) Coleção de Desenhos;
- h) Coleção sobre Hidráulica e Recursos Hídricos.
- i) Coleção de Instrumentos de Cálculo e Medida
- j) Ateliê do Prof. Álvaro Machado

O acervo do Museu de DECivil é ainda constituído por livros, quadros, fotografias, estampas e mapas.

Artigo 2º

(Missão)

O Museu DECivil tem por missão dar a conhecer à comunidade académica e à sociedade o património museológico e universitário do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, e potenciar a sua valorização, através da realização de exposições e outras ações com carácter científico, educativo, cultural e de lazer contribuindo para a ligação do IST à sociedade.

Artigo 3º

(Objetivos)

Para que seja possível concretizar esta missão o Museu DECivil procura cumprir os seguintes objetivos:

- a) Promover a salvaguarda das fontes documentais e materiais que constituem o património científico e a conservação dos bens incorporados;
- b) Tornar o acervo do museu acessível ao público, através da sua exposição permanente;
- c) Constituir um recurso educativo, com atividades pedagógicas para o público envolvendo a comunidade científica;
- d) Garantir a realização de atividades de divulgação científica, como seminários, debates, palestras, exposições temporárias e lançamentos de livros;
- e) Desenvolver a produção de materiais e publicações que contribuam para promover a cultura científica;
- f) Desenvolver atividades educativas, científicas e culturais de interesse para o grande público;
- g) Contribuir para a formação científica e cultural dos estudantes, em particular dos do Instituto Superior Técnico.

Artigo 4º

(Localização e Horário de funcionamento)

1. O Museu DECivil situa-se no Instituto Superior Técnico, Edifício de Engenharia Civil, Piso 0, Av. Rovisco Pais, Lisboa;
2. O horário de atendimento ao público é de 2ª a 6ª feira das 13h30m às 17h00m, excepto feriados.
3. Sempre que se entenda conveniente para a prossecução do interesse público poderá o Museu funcionar nas datas excluídas pelo número anterior.
4. Este horário poderá ser modificado atendendo aos interesses da comunidade a servir.
5. O horário de abertura ao público está afixado no exterior do Museu.
6. O horário dos funcionários é estipulado de acordo com as regras da administração pública e adaptado às necessidades e ao funcionamento do Museu, sendo acordado com o Diretor.

CAPÍTULO II

Estrutura Orgânica dos Serviços do Museu

Artigo 5ª

(Instrumentos de gestão)

Os instrumentos de gestão do Museu, entre os quais se incluem o plano anual de atividades, o orçamento, o relatório de atividades, os documentos de avaliação interna e as informações estatísticas sobre os visitantes e utilizadores do museu, são anualmente preparados pelo Diretor do Museu, com a participação da equipa do museu.

Artigo 6º

(Áreas Funcionais)

1. Direção: O Diretor do MECivil é nomeado pela Presidência do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, para um mandato de 2 anos. Ao Diretor compete gerir o Museu, em particular promovendo e coordenando todas as iniciativas no sentido da realização da missão do Museu, no âmbito do seu plano de trabalho para o mandato:
 - a) Fazer a gestão dos recursos humanos e materiais afetos ao Museu;
 - b) Elaborar e submeter ao Departamento, para aprovação, o plano de atividades, bem como os relatórios de atividades e contas.
 - c) Assegurar a salvaguarda das coleções do Museu, sendo responsável pela gestão, conservação, inventariação e estudo das peças, bem como pela gestão dos fundos e coleções. Compete-lhe ainda a preparação de exposições e da edição de instrumentos de trabalho.
2. Secretariado: Apoia o diretor do museu na gestão, através da comunicação telefónica, no envio e receção de correspondência, na gestão da contabilidade do Museu e na organização da sala para eventos temporários. Também tem como função assegurar a integridade das coleções evitando atos de vandalismo e de desrespeito por parte dos visitantes. O secretariado também é responsável pelo atendimento ao público e no apoio aos visitantes do Museu.
3. Serviço Educativo: É responsável pela estruturação e acompanhamento das diferentes atividades de carácter educativo, cultural e social, organizadas pelo museu com os diferentes públicos que visitam a instituição, bem como a organização das visitas guiadas ao espaço. Compete também a este serviço a produção dos conteúdos necessários à elaboração de instrumentos para uma mais eficaz e produtiva divulgação e animação das coleções do Museu.
4. Segurança, apoio e limpeza: Atendendo ao fato de o Museu ser uma Unidade de Apoio do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, este beneficia de todos os Centros e Serviços e restantes unidades e estruturas orgânicas do IST.

CAPÍTULO III

Gestão do Acervo

Artigo 7.º

(Política de Incorporações)

1. Para além das coleções já existentes, poderá o Museu DECivil incorporar nas suas coleções outras, através de:
 - a) Aquisição pelas dotações orçamentais do IST;
 - b) Legados ou doações;
 - c) As que, em virtude de disposições legais especiais, sejam consideradas propriedade da Escola.

Artigo 8.º

(Inventário)

O Museu DECivil organiza:

- a) O inventário dos bens existentes;
- b) O registo de novas entradas;

Artigo 9.º

(Acesso à documentação e utilização de imagens de peças)

1. A informação inerente aos bens incorporados é considerada de uso público e é facultada mediante solicitação escrita e fundamentada.
2. Nos casos de investigadores e instituições que desejem utilizar informações e ou imagens de peças no respetivo pedido por escrito, devem comprometer-se a mencionar a autoria da matéria disponibilizada.

Artigo 10.º

(Cedência de peças)

1. Alguns dos bens culturais que integram as coleções do Museu DECivil podem ser requeridos para integrarem, a título de empréstimo
2. As entidades interessadas na cedência deverão requerer o seu empréstimo mediante solicitação escrita e fundamentada.

Artigo 11.º

(Segurança)

A segurança do Museu DECivil, como espaço integrante do edifício de civil, é abrangida pelo plano de segurança geral aplicado no edifício.

CAPÍTULO IV

Acessibilidade no Museu

Artigo 12.º

(Edifício)

O serviço do Museu localiza-se no edifício que satisfaz as condições mínimas de segurança, controlo ambiental e funcionalidade para os fins a que se destinam.

Artigo 13.º

(Ingresso)

1. O acesso é livre, não estando por isso sujeito à aquisição de qualquer bilhete de ingresso.

Artigo 14.º

(Utilização de espaços do Museu)

1. O Museu disponibiliza o espaço para o desenvolvimento de eventos por parte de instituições ou empresas para atividades pontuais.
2. As entidades que pretendam utilizar o espaço devem solicitá-lo com antecedência mínima de 1 mês, as exposições temporárias de curta duração, e 1 semana as sessões de 1 a 3 dias, através de contato, por forma escrita, dirigida à Direção do Museu.

CAPÍTULO V

Instrumentos de Divulgação e Informação

Artigo 15.º

(Material impresso e digital)

1. O Museu promoverá, a publicação de catálogos, brochuras, cartazes, postais ou outras publicações que julgue convenientes de distribuição gratuita;
2. O sítio web <http://www.museu.civil.ist.utl.pt/> deve ser atualizado sempre que a programação de iniciativas o justifique;
3. O Museu deve divulgar através do portal do IST, a programação das suas atividades
4. Todo o material de divulgação e informação deve contar o logótipo do IST e do Museu, de acordo com o manual de identidade.
5. No exterior do museu existe um painel próprio para afixar a informação das atividades que o museu desenvolve ou vai desenvolver.

6. Dar sempre que possível a conhecer atempadamente a alguns órgãos de comunicação social, a programação das atividades desenvolvidas, de modo a divulgar o museu.

Artigo 16.º

(Venda de *Merchandising*)

Os produtos institucionais identificativos do IST expostos são da responsabilidade do GCRP – Gabinete de Comunicação e Relações Públicas, que podem ser adquiridos na Loja do Técnico (no átrio da entrada principal do Pavilhão Central – campus Alameda).

Artigo 17.º

(Colaboração interna e com outras instituições)

As iniciativas do Museu deverão ser desenvolvidas em colaboração com os diferentes Serviços, Departamentos, Centros, Núcleos, Associações e Órgãos de Gestão da Escola. A colaboração com professores e alunos é um dos requisitos para o Museu DECivil cumpra um dos seus objetivos, constituir um recurso educativo, com atividades pedagógicas para o público envolvendo a comunidade científica.

CAPÍTULO VI

Disposições Finais

Artigo 18.º

(Revisão)

O presente regulamento será revisto sempre que existir necessidade.

Artigo 19.º

(Omissões)

Todas as situações omissas neste regulamento serão resolvidas pela aplicação dos Estatutos e Regulamentos em vigor no IST e pela legislação aplicável.

Artigo 20.º

(Entrada em vigor)

O presente regulamento entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

ANEXO 12

Regulamento Interno dos Museus de Geociências Museu Alfredo Bensaúde (MAB) e Museu Décio Thadeu (MDT) Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Preâmbulo

Capítulo I

Disposições Gerais

Artigo 1º Objeto

Artigo 2º Missão

Artigo 3º Objetivos

Artigo 4º Localização e horário de funcionamento

Capítulo II

Estrutura Orgânica dos Serviços do Museu

Artigo 5º Instrumentos de gestão

Artigo 6º Áreas funcionais

Capítulo III

Gestão do Acervo

Artigo 7º Política de Incorporações

Artigo 8º Inventário

Artigo 9º Acesso à documentação e utilização de imagens de peças

Artigo 10º Cedência de peças

Artigo 11º Segurança

Capítulo IV

Acessibilidade nos Museus

Artigo 12º Edifício

Artigo 13º Ingresso

Artigo 14º Utilização de espaços dos Museus

Capítulo V

Instrumentos de Divulgação e Informação

Artigo 15º Material impresso e digital

Artigo 16º Colaboração interna e com outras instituições

Capítulo VI

Disposições Finais

Artigo 17º Revisão

Artigo 18º Omissões

Artigo 19º Entrada em vigor

Preâmbulo

Histórico e Espólio

1. O MAB foi inaugurado em 1936, preserva a sua original conceção, evidenciando o grande valor da coleção, tendo sido definida segundo os planos de Duarte Pacheco e com o projeto de arquitetura da responsabilidade de Pardal Monteiro, uma referência arquitetónica da fase inicial do Estado Novo, marcada por uma forte componente funcionalista. O Museu, dedicado essencialmente à mineralogia, cristalografia e petrologia, inclui no seu acervo vasto material geológico, na sua maioria de proveniência nacional e da CPLP, algum relativo a ocorrências mineiras históricas não acessíveis atualmente. O património museológico é, ainda, composto por instrumentos e materiais didáticos, livros, mapas e fotografias de relevância histórica e pelo espólio científico e pessoal de professores, com destaque para Alfredo Bensaúde (1856-1941), fundador do IST e seu diretor entre 1910 e 1920 Amílcar Mário de Jesus (1895-1960), e Luís Aires-Barros. O acervo do atual Museu Alfredo Bensaúde (MAB), inserido no IST foi sendo reunido ao longo de dois períodos distintos. Um período inicial, que decorreu entre 1852 e 1911, e que corresponde às heranças do Instituto Industrial de Lisboa (IIL) e do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa (IICL), e um segundo período, de 1911 até á atualidade, iniciado com a fundação do IST.
2. O MDT foi concebido igualmente por Pardal Monteiro e inaugurado no mesmo ano. O museu contém o espólio científico de Décio Thadeu (1919-1995), professor de Geologia e Paleontologia Portuguesas do IST e importante estudioso dos jazigos minerais em Portugal, nomeadamente de estanho, volfrâmio e tungsténio que lhe trouxe reconhecimento internacional e, ainda, de Ernest Fleury (1878-1958), de origem suíça, professor e investigador responsável pelo laboratório de Geologia e pela organização das coleções de Geologia e Paleontologia utilizadas no ensino. O espaço museológico apresenta ainda uma importante coleção de estratigrafia e paleontologia, uma significativa amostragem das principais minas históricas portuguesas e equipamento datado de finais do século XIX e início do século XX.

Introdução

Os Museus de Geociências estão integrados como Unidade de Apoio designada por Museus do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, no Artº12 do Capítulo III, do Regulamento do Departamento, publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 14 — 20 de Janeiro de 2011. Na Unidade de Apoio ainda faz parte o Museu de Engenharia Civil.

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1º

(Objeto)

1. O presente regulamento visa regular os Museus de Geociências do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, enquanto Unidade de Apoio do IST, criado através de Despacho n.º 1681/2011 de 20 de Janeiro, adiante designados Museu Alfredo Bensaúde (MAB) e Museu Décio Thadeu (MDT).

2. O MAB e o MDT são abertos ao público, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento e que promove a investigação sobre os testemunhos materiais de natureza histórica, económica, social e tecnológica do património científico, incorporando e salvaguardando os bens que forem possíveis e significativos para a elaboração do discurso museológico, que deve privilegiar além do estudo, a difusão de conhecimentos, a educação, e a promoção da cultura científica.

3. Os bens guardados pelos Museus de Geociências abarcam como bens imóveis de interesse patrimonial as seguintes coleções:

No MAB

- a) Mineralogia e Petrologia essencialmente portuguesas dos países da CPLP
- b) Cristalografia

No MDT

- a) Estratigrafia e Paleontologia portuguesas e dos países da CPLP
- b) Recursos Minerais portugueses e dos países da CPLP

O acervo dos Museus de Geociências é ainda constituído por instrumentos científicos, bibliotecas, mapotecas, fototecas e espólios pessoais.

Artigo 2º

(Missão)

Os Museus de Geociências têm por missão dar a conhecer à comunidade académica e à sociedade o património museológico e universitário do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, e potenciar a sua valorização, através da realização de exposições e outras ações com carácter científico, educativo, cultural e lazer contribuindo para a ligação do IST à sociedade.

Artigo 3º

(Objetivos)

Para que seja possível concretizar esta missão os Museus Geociências procuram cumprir os seguintes objetivos:

- a) Promover a salvaguarda das fontes documentais e materiais que constituem o património científico e a conservação dos bens incorporados;
- b) Tornar o acervo do museu acessível ao público, através da sua exposição permanente;
- c) Constituir um recurso educativo, com atividades pedagógicas para o público envolvendo a comunidade científica;
- d) Garantir a realização de atividades de divulgação científica, como seminários, debates, palestras, exposições temporárias e lançamentos de livros;
- e) Desenvolver a produção de materiais e publicações que contribuam para promover a cultura científica;
- f) Desenvolver atividades educativas, científicas e culturais de interesse para o grande público;
- g) Contribuir para a formação científica e cultural dos estudantes, em particular dos do Instituto Superior Técnico.

Artigo 4º

(Localização e Horário de funcionamento)

1. Os Museus Geociências localizam-se no Instituto Superior Técnico, nos pisos 2 e 3 do Pavilhão de Minas, Av. Rovisco Pais, Lisboa;
2. O atendimento ao público é feito por marcação com antecedência para o e-mail: geomuseus@tecnico.ulisboa.pt ou pelo telefone 218419295.

CAPÍTULO II

Estrutura Orgânica dos Serviços dos Museus

Artigo 5ª

(Instrumentos de gestão)

Os instrumentos de gestão dos Museus, entre os quais se incluem o plano anual de atividades, o orçamento, o relatório de atividades, os documentos de avaliação interna e as informações estatísticas sobre os visitantes e utilizadores do museu, são anualmente preparados pelo Diretor dos Museus, com a participação da equipa do museu.

Artigo 6º

(Áreas Funcionais)

1. Direção: O Diretor dos MAB e MDT é nomeado pela Presidência do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, para um mandato de 2 anos. Ao Diretor compete gerir o Museu, em particular promovendo e coordenando todas as iniciativas no sentido da realização da missão do Museu, no âmbito do seu plano de trabalho para o mandato:
 - a) Fazer a gestão dos recursos humanos e materiais afetos aos Museus;
 - b) Elaborar e submeter ao Departamento, para aprovação, o plano de atividades, bem como os relatórios de atividades e contas.
 - c) Assegurar a salvaguarda das coleções dos Museus, sendo responsável pela gestão, conservação, inventariação e estudo das peças, bem como pela gestão dos fundos e coleções. Compete-lhe ainda a preparação de exposições e na edição de instrumentos de trabalho.
2. Serviço Educativo: É responsável pela estruturação e acompanhamento das diferentes atividades de carácter educativo, cultural e social, organizadas pelo museu com os diferentes públicos que visitam a instituição, bem como a organização das visitas guiadas ao espaço. Compete também a este serviço a produção dos conteúdos necessários à elaboração de instrumentos para uma mais eficaz e produtiva divulgação e animação das coleções do Museu.
3. Segurança, apoio e limpeza: Atendendo ao fato de os Museus serem uma Unidade de Apoio do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, estes beneficiam de todos os Centros e Serviços e restantes unidades e estruturas orgânicas do IST.

CAPÍTULO III

Gestão do Acervo

Artigo 7.º

(Política de Incorporações)

1. Para além das coleções já existentes, poderá os Museus de Geociências incorporar nas suas coleções outras, através de:
 - a) Aquisição pelas dotações orçamentais do IST;
 - b) Legados ou doações;
 - c) As que, em virtude de disposições legais especiais, sejam consideradas propriedade da Escola.

Artigo 8.º

(Inventário)

Os Museus de geociências organizam:

- a) O inventário dos bens existentes;
- b) O registo de novas entradas;

Artigo 9.º

(Acesso à documentação e utilização de imagens de peças)

1. A informação inerente aos bens incorporados é considerada de uso público e é facultada mediante solicitação escrita e fundamentada.
2. Nos casos de investigadores e instituições que desejem utilizar informações e ou imagens de peças no respetivo pedido por escrito, devem comprometer-se a mencionar a autoria da matéria disponibilizada.

Artigo 10.º

(Cedência de peças)

1. Alguns dos bens culturais que integram as coleções dos Museus de Geociências podem ser requeridos para integrarem, a título de empréstimo
2. As entidades interessadas na cedência deverão requerer o seu empréstimo mediante solicitação escrita e fundamentada.

Artigo 11.º

(Segurança)

Os Museus de Geociências possuem um plano de segurança (a elaborar).

CAPÍTULO IV

Acessibilidade nos Museus

Artigo 12.º

(Edifício)

Os serviços dos Museus localizam-se no edifício que satisfaz as condições mínimas de segurança, controlo ambiental e funcionalidade para os fins a que se destinam.

Artigo 13.º

(Ingresso)

O acesso é livre, não estando por isso sujeito à aquisição de qualquer bilhete de ingresso.

Artigo 14.º

(Utilização de espaços dos Museus)

1. Os Museus disponibilizam o espaço para o desenvolvimento de eventos por parte de instituições ou empresas para atividades pontuais.
2. As entidades que pretendam utilizar os espaços devem solicitá-lo através de contato, por forma escrita, dirigida à Direção do Museu.

CAPÍTULO V

Instrumentos de Divulgação e Informação

Artigo 15.º

(Material impresso e digital)

1. Os Museus promoveram, a publicação de catálogos, brochuras, cartazes, postais ou outras publicações que julgue convenientes de distribuição gratuita;
2. Os Museus devem divulgar através do portal do IST, a programação das suas atividades
3. Todo o material de divulgação e informação deve contar o logótipo do IST e dos Museus, de acordo com o manual de identidade.

4. No exterior dos museus existe um painel próprio para afixar a informação das atividades que os museus desenvolvem ou vão desenvolver.
5. Dar sempre que possível a conhecer atempadamente a alguns órgãos de comunicação social, a programação das atividades desenvolvidas, de modo a divulgar os museus.

Artigo 16.º

(Colaboração interna e com outras instituições)

As iniciativas dos Museus deverão ser desenvolvidas em colaboração com os diferentes Serviços, Departamentos, Centros, Núcleos, Associações e Órgãos de Gestão da Escola. A colaboração com professores e alunos é um dos requisitos para os Museus de Geociências cumpram um dos seus objetivos, constituir um recurso educativo, com atividades pedagógicas para o público envolvendo a comunidade científica.

CAPÍTULO VI

Disposições Finais

Artigo 17.º

(Revisão)

O presente regulamento será revisto sempre que exista necessidade.

Artigo 18.º

(Omissões)

Todas as situações omissas neste regulamento serão resolvidas pela aplicação dos Estatutos e Regulamentos em vigor no IST e pela legislação aplicável.

Artigo 19.º

(Entrada em vigor)

O presente regulamento entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Nº 1

Modelo de locomotiva MBV 1

Local/data: Barreiro, 1906

Dimensões: 210cm x 60 cm x 90 cm

Material: Aço, bronze e latão

Nº de Inv. : 197

Fotografia: Natália Rocha



O modelo da locomotiva MBV (nº de inv. 197) foi doado ao Instituto Superior Técnico (IST) em 1956 no âmbito da exposição comemorativa de 1º centenário dos Caminhos de Ferro.

A locomotiva foi construída para Manuel Gualdino da Silva , ex-mestre-geral das oficinas das Caminhos de Ferro, no Barreiro em 1906, com base na estampa e descrição da máquina tipo “Atlantic” da companhia inglesa “Great Northean”, incluídas na revista britânica “Railway Engineer”, de julho de 1905.

Gualdino inicia a execução do modelo em 1905, com o apoio financeiro de Rafael Reynolds e com a ajuda de dois operários das oficinas ferroviárias. A locomotiva representa uma máquina reduzida 1/6 com as dimensões 210cm x 60 cm x 90 cm. A caldeira construída em chapa de aço, atarraxada a 29 tubos e escorado, foi experimentada à pressão de 11.5 Kg./cm² tendo revelado resistência e solidez adequada. O bronze e o latão utilizados foram fundidos no Seixal e as rodas e os cilindros foram executados na fábrica Vulcano em Lisboa.

A primeira apresentação pública realizou-se em agosto, tendo sido a grande atração, nas festas de N^a Sra. do Rosário, onde a locomotiva dispôs de 175m de carris, puxando seis vagonetas com capacidade para 4 passageiros cada uma.

Em 1944 há registo de ter sido utilizada na festa de beneficência dos Bombeiros de Paço de Arcos, em Oeiras.

Em 1993, o modelo é transferido para o atual espaço do Museu de Engenharia Civil, onde se encontra exposto.

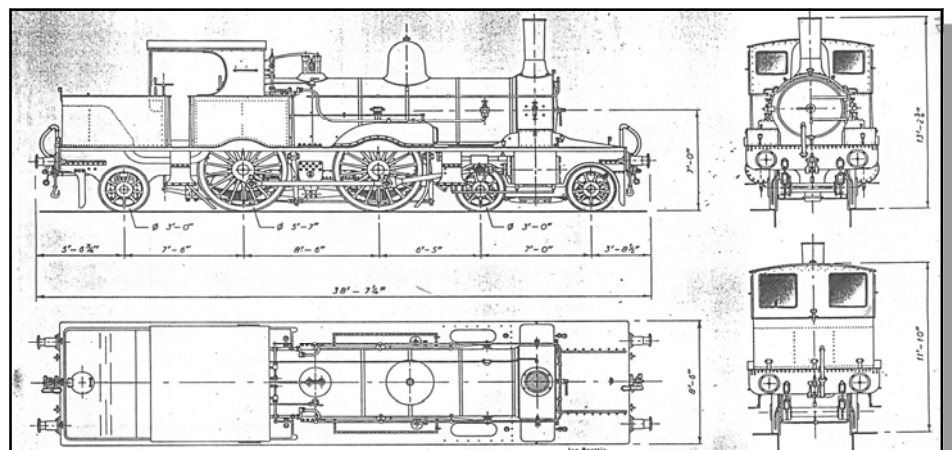
Museu de Engenharia Civil

Instituto Superior Técnico — Universidade de Lisboa

de locomotiva DO TIPO “ATLANTIC”



Fotografia locomotiva MBV 1



Modelo Atlantic Adams 4-4 2t - cedido por CEC



MUSEU DE ENGENHARIA CIVIL
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA
CIVIL, ARQUITETURA E GEORRECURSOS
TÉCNICO LISBOA

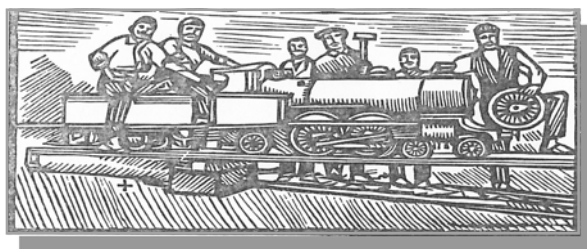
De 2ª a 6ª feira das 13.30h - 17h
Edifício de Engª Civil, piso 0
Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa
Telefone : (+351) 218 428 023
E-mail: museu@civil.ist.utl.pt

O modelo da locomotiva MBV (Nº inv. 197) foi doado ao Instituto Superior Técnico (IST) em 1956 no âmbito da exposição comemorativa do 1º centenário dos Caminhos de Ferro.



Gazeta dos Caminhos de Ferro, Nº 1653, Novembro de 1956, pág. 545

A locomotiva foi construída, em 1906, no Barreiro, por Manuel Gualdino da Silva, ex – mestre geral das oficinas dos Caminhos de Ferro, com base na estampa e desenho da máquina tipo *Atlantic* da companhia inglesa Great Northern, incluídas na edição julho de 1905, da revista britânica *Railway Engineer*.



Desenho da locomotiva gravada em madeira de buxo, de Américo Marinho, 1944

Gualdino inicia a execução do modelo, em 1905, com o apoio financeiro de Rafael Reynolds e com a ajuda de dois operários das oficinas ferroviárias. A locomotiva representa uma máquina reduzida a 1/6, com as dimensões 210cm x 60cm x 90cm. A caldeira é construída em chapa de aço, a qual é enroscada a 29 tubos e é escorada. Foi testada com vapor à pressão de 11,5Kg/cm², tendo revelado “resistência e solidez adequada”. O bronze e o latão utilizados foram fundidos no Seixal e as rodas e os cilindros foram executadas na fábrica Vulcano em Lisboa.

A primeira apresentação pública realizou-se em Agosto desse ano, tendo sido a grande atração nas festas de Nº Srª do Rosário, onde a locomotiva circulou sobre 175m de carril, puxando seis vagonetas com capacidade para 4 passageiros cada uma.



Arrial em honra Nº Senhora do Rosário do Barreiro, In, O Barreiro Antigo e Moderno

Mais tarde foi instalada na Moita do Ribatejo, na Atalia, e ainda no Porto, no jardim do Palácio de Cristal. Em 1944, há registo de ter sido utilizada na festa de beneficência da corporação de bombeiros de Paço de Arcos, em Oeiras.



Fotografia da locomotiva em Paço de Arcos - cedida por CEC

Em 1945, **Manuel Beringel Vivas**, empresário do sector dos transportes e de distribuição de mercadorias, com ligação aos caminhos de ferro portugueses, adquire a locomotiva e coloca as iniciais do seu nome, MBV 1., na chapa frontal da locomotiva. A máquina permaneceu nos escritórios da sua empresa, na Rua do Arsenal em Lisboa, até que, em 1956, o Ministro da Educação Nacional, o Dr. Francisco Leite Pinto, seu amigo, a solicita para integrar a Exposição de Modelos e Miniaturas Ferroviárias, realizada no IST, por ocasião do 1º Centenário dos Caminhos de Ferro.



Capa do catálogo da Exposição de Modelos e Miniaturas

Desde então a peça permaneceu no IST, tendo sido colocada, em 1993, no Museu de Engenharia Civil, onde se encontra atualmente exposta.



Fotografia da locomotiva no Museu DECivil em março de 1994—cedida por CEC



Fotografia de Manuel Galdino da Silva, In Um Olhar sobre o Barreiro 1987, pág 34

Em 25 de Agosto de 1865 nasceu no Barreiro, Manuel Galdino da Silva, “um dos mais hábeis serralheiros mecânicos que a vila possuiu”, ofício que iniciara, como aprendiz, aos 17 anos, nas Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Após de ter trabalhado em diversas empresas, regressou às oficinas dos Caminhos de Ferro, então já como mestre-geral, dedicando-se à reparação de locomotivas.

Mais tarde montou a sua própria oficina, mas não obteve sucesso. Em 1902, ao serviço da Sociedade Nacional de Cortiças, Galdino executou uma inovadora máquina de corte de rolhas, tendo merecido os maiores elogios dos seus patrões.

O administrador britânico, Rafael Reynolds, soube apreciar as qualidades do operário, propondo-se financiar os seus projetos mecânicos, entre eles a grande ambição de Gaudêncio, a construção de uma locomotiva a vapor em tamanho reduzido.

A propósito da sua execução, o jornal *O Século* refere: *“Esta máquina é um trabalho industrial e de arte, talvez o melhor que se tenha produzido em Portugal, atendendo às condições em que foi feita, sem as ferramentas próprias necessárias e numa pequena oficina, atendendo que o seu autor não frequentou escola alguma, não é engenheiro, é apenas um operário muito modesto e muito inteligente, que muito mais faria se tivesse estudado e pudesse frequentar os grandes centros fabris estrangeiros.”*

Manuel Galdino da Silva falece aos 48 anos, a 1 de abril de 1914.



Xilogravura do retrato de Manuel Galdino, de Manuel Cabanas, 1944 Fonte: <http://>

Ficha Técnica

Edição: Instituto Superior Técnico, Museu Engenharia Civil; **Produção:** Natália Rocha; **Redação:** A. Zita Sampaio; **Centro de Documentação:** Clube entusiastas do Caminho-de-ferro (CEC);
Contacto: museu@civil.ist.utl.pt, tlf: 218418023

Distribuição gratuita

Anexo 15 – A

Guião de Atividades em vigor

TEMA	
ÁREA CIENTÍFICA	
ACTIVIDADE	
MEIOS	
LOCAL	
INFORMAÇÃO ADICIONAL (guias)	
ENUNCIADO	
QUESTIONÁRIO	
DURAÇÃO	
PROPONENTE	

ANEXO 15 - B
GUIÃO DE ATIVIDADE EDUCATIVA - ESCOLAS

Tema:	
Questões/Problemas:	
Recursos Necessários/Suportes de apoio:	Local: Tempo Previsto: Organização dos alunos:
O descritivo dos temas/conteúdos a abordar	
Objetivos a desenvolver:	
Os métodos pedagógicos:	
A organização e sequenciação dos temas/ conteúdos: 1º 2º 3º 4º	
Área científica Área de Estudo	Metas Curriculares/Conteúdo do Programa:
Bibliografia recomendada /disponibilizada:	
Avaliação: Grelha de Observação Registo dos alunos Registos de questões orais e escritas	

ANEXO 15 - C
GUIÃO DE ATIVIDADE EDUCATIVA - ESCOLAS

Tema: Laboratório de cristais	
Questões/Problemas: Serão os cristais todos idênticos? Podemos fabricar cristais?	
Recursos Necessários/Suportes de apoio: (a definir)	Local: Museu Décio Thadeu Tempo Previsto: 2h Organização dos alunos: Grupos
O descritivo dos temas/conteúdos a abordar Visita orientada à exposição seguida de uma atividade laboratorial onde se exploram propriedades físico-químicas de cristais.	
Objetivos a desenvolver: - Identificar diferentes características dos cristais - Formar cristais	
Os métodos pedagógicos: Observação; comunicação; registo de dados, brainstorming, expositivo, trabalho de grupo, Interrogativo	
A organização e sequenciação dos temas/ conteúdos: 1º Os alunos serão questionados a cerca dos seus conhecimentos sobre os cristais. O que são? Serão que têm todos a mesma forma? Já viram ou conhecem cristais? Onde é que se formam? 2º Após a discussão efetuada com os alunos, ser-lhes-ão apresentados alguns cristais e solicitado que observem as suas várias características (cor, forma, transparência, brilho...) e as apresentem aos seus colegas. Para esta observação recorrerão aos sentidos, lupas e a microscópios de mão. 3º Em seguida ser-lhe-á proposta uma atividade experimental em que terão de fabricar um cristal. 4º Serão discutidas as regras de segurança com os alunos a realização da atividade experimental, previamente à realização da mesma.	
Área científica Geociências Área de Estudo Estudo do Meio	Metas Curriculares/Conteúdo do Programa: - À Descoberta do Ambiente Natural - À Descoberta dos Materiais e Objetos - À Descoberta das Inter-relações entre a Natureza e a Sociedade
Bibliografia recomendada /disponibilizada: (a definir)	
Avaliação: Grelha de Observação Registo dos alunos Registos de questões orais e escritas	

Inscrição

*Obrigatório

Local a visitar *

- Museu de Engenharia Civil
- Museus de Geociências
- Ambos

Área temática *

A sua resposta

Data *

Data

dd-mm-aaaa

Horário

Selecionar ▼

Selecione uma escola *

Selecionar ▼



Professor responsável *

A sua resposta

Contacto *

A sua resposta

E-mail *

A sua resposta

Turma *

A sua resposta

Número de Alunos *

A sua resposta

Número de Assistentes *

A sua resposta

Tem aluno com necessidades educativas especiais? *

Sim

Não

Notas Adicionais

A sua resposta



ANEXO 17

11 NOVEMBRO

13h e 16h30

MUSEU ALFREDO BENSÁUDE

PAVILHÃO DE MINAS



SESSÃO ABERTA A NOVOS ELEMENTOS
**GRUPO DE CANTARES TRADICIONAIS
DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO**

ANEXO 18

INQUÉRITO AO PÚBLICO DO MUSEU DE Civil e MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS DO IST

A preencher pelo funcionário

Questionário nº _____ Data ____/____/20____

Este museu está realizando uma pesquisa sobre seus visitantes com o fim de conhecê-los melhor e adequar as condições da visita às suas necessidades. Ajude-nos nesta tarefa preenchendo este questionário, pois a sua opinião é fundamental para alcançarmos este objetivo.

Circule a opção que melhor corresponda com seu caso ou escreva a resposta no espaço disponibilizado. Conforme o seguinte exemplo:

P1 - É a sua primeira visita a este museu?	
1.	Sim
2.	Não, já vim anteriormente

P1 É a sua primeira visita a este museu?

1. Sim (passar à P4)
2. Não, já vim anteriormente

P2 Se já veio antes, por favor diga-nos quando visitou o museu pela última vez:

1. Nos últimos 12 meses
2. Nos últimos 2 anos
3. Faz mais de 2 anos

P3 Se veio nos últimos 12 meses, quantos vezes já visitou neste tempo, sem incluir a visita de hoje?

..... vezes

P4 Quais os motivos da visita de hoje? (marque uma ou mais opções)

1. Conhecer o museu pela primeira vez
 2. Conhecer coleções
 3. Visitar uma exposição temporária
 4. Trazer amigos, conhecidos ou familiares ao museu
 5. Por motivos profissionais ou de estudos
 6. Faço parte de uma visita turística
 7. Ocupação tempo livre
 8. Participar de uma atividade organizada pelo museu
 9. Por outros motivos (por favor, especifique quais)
-

P5 Na visita de hoje, veio sozinho, acompanhado ou faz parte de um grupo? (marque uma ou mais opções)

- 1- Sozinho (a) (passar à P8)
- 2- Cônjuge/companheiro (a) /namorado (a)
- 3- Filho(s)
- 4- Pai/mãe
- 5- Família
- 6- Amigos
- 7- Colegas
- 8- Grupo organizado. Qual o tipo de grupo?
 - 8.1 - Escolar
 - 8.2 - Profissional
 - 8.3 - Visita educativa ou cultural

P6 Acompanhado (a) de outras pessoas. Indique o nº de pessoas.

P7 Veio com crianças menores de 12 anos?

1. Não
2. Sim. Quantas crianças menores de 12 anos?
- 3.

P8 Há quanto tempo é que conhece a existência do Museu?

1. Tive conhecimento hoje
2. Há menos de de 1 ano
3. Há mais de 1 ano
4. Não sabe

P9 Como tomou conhecimento do museu e suas exposições, antes de realizar a visita de hoje? (marque uma ou mais opções)

1. Amigos/colegas
2. Familiares
3. Professores
4. Folheto/desdobrável do Museu e Serviço Educativo
5. Agenda Cultural
6. Internet
7. Redes Sociais
8. Imprensa/Rádio/Televisão
9. Outro (s) meio(s)
10. Não responde

P10 Qual a avaliação que faz de cada um dos aspetos abaixo mencionados, indique com uma X no espaço referente à sua resposta

	Gostei muito	Gostei	Gostei pouco	Não gostei	Não sabe/não responde
Apresentação e organização das coleções					
Informações e explicações sobre as peças expostas					
Orientação da visita					
Horário do Museu					
Espaço					
Acolhimento por parte do pessoal do Museu					
O ambiente geral do Museu					
A oferta das atividades do Serviço Educativo					

P11 Pensa voltar ao Museu novamente?

1. Muito provavelmente
2. Provavelmente
3. Pouco Provável
4. Seguramente não
5. Não sabe

P12 Sexo:

1. Masculino
2. Feminino

P13 Idade:

.....Anos

P14 Onde mora?

1. Lisboa. Indique aqui qual a sua Freguesia
.....
2. Noutro Conselho. Qual?
.....
3. Em outro país. Qual?
.....

Se você reside aqui, mas nasceu, em outro país, responda:

P15 Qual é o seu país de origem?

P16 Qual o seu nível de escolaridade?

1. Sem grau de escolaridade
2. 1º Ciclo do ensino básico
3. 2º Ciclo do ensino básico

4. 3º Ciclo do ensino básico
5. Ensino Secundário
6. Ensino médio
7. Ensino Superior
8. Titular ou a frequentar Pós-Graduação, Mestrado ou Doutoramento

P17 Qual é a sua situação perante o trabalho? *(marque uma ou mais opções)*

1. Trabalhador por conta própria
2. Trabalhador por contra de outrem
3. Trabalhador-Estudante
4. Estudante não universitário
5. Estudante universitário
6. Desempregado
7. Reformado/aposentado
8. Outra situação, qual?

P18 Que tipo de atividades gostaria de ver desenvolvidas no Museu?

.....
.....

P19 Os seus comentários e sugestões são muito importantes, para que possamos ir ao encontro das suas expectativas. Deixe os seus comentários e/ou sugestões

.....
.....
.....

Caso esteja interessado (a) em colaborar com o Museu ou Serviço Educativo, indique o nome e contacto

.....

FIM

Muito Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 19

GRELHA PARA REGISTO DA RECOLHA DE DADOS DO QUESTIONÁRIO

Data	Período de Horário ¹	Nº visitantes	Nº contatos realizados	Nº questionários realizados	Nº recusas	Comentários	

¹ Período horário:

1. Manhã (até 13h)
2. Tarde (depois das 13h)

ANEXO 20

GRELHA DE REGISTO DE RECUSAS

Data	Hora	Motivo da Recusa	Idade ¹	Condição ²

¹ **Idade aproximada do visitante:**

1. Jovem (de 12 a 25 anos)
2. Adulto (de 25 a 65 anos)
3. Sénior (mais de 25 anos)

² **Condição:**

1. Visitante sozinho
2. Visitante individual acompanhado
3. Visitante em grupo escolar
4. Visitante em grupo de adultos